



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE



FERNANDA SANTOS SILVA

**ESCRITORAS NEGRO-BAIANAS NO INSTAGRAM – CONTRA OS
ALGORITMOS (?): LITERATURA, AUTODEFINIÇÃO E INFLUÊNCIA
DIGITAL**

JEQUIÉ/BA
2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE

FERNANDA SANTOS SILVA

**ESCRITORAS NEGRO-BAIANAS NO INSTAGRAM – CONTRA OS
ALGORITMOS (?): LITERATURA, AUTODEFINIÇÃO E INFLUÊNCIA
DIGITAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como requisito para obtenção do título de Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Orientador(a): Prof. Dra. Núbia Regina Moreira

JEQUIÉ/BA
2025

S237e Silva, Fernanda Santos.
Escritoras negro-baianas no instagram – contra os algoritmos (?):
literatura, autodefinição e influência digital / Fernanda Santos Silva.-
Jequié, 2025.
105p.

(Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia, sob orientação da Profa. Dra. Núbia Regina
Moreira)

1.Escritoras negro-baianas 2.Etnicidade 3.Gênero 4.Instagram
5.Netnografia I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.Título

CDD – 305.809

FERNANDA SANTOS SILVA

ESCRITORAS NEGRO-BAIANAS NO INSTAGRAM – CONTRA OS ALGORITMOS (?): LITERATURA, AUTODEFINIÇÃO E INFLUÊNCIA DIGITAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade

Linha de Pesquisa 2: Etnias, gênero e diversidade sexual

Aprovado em: 27 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br NUBIA REGINA MOREIRA
Data: 11/04/2025 11:49:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Núbia Regina Moreira (UESB)

Presidente da Banca/Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br JORGE AUGUSTO DE JESUS SILVA
Data: 10/04/2025 10:54:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^o Dr. Jorge Augusto de Jesus Silva (UESB)

Examinador Externo

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA CLAUDIA LEMOS PACHECO
Data: 10/04/2025 19:44:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dr^a Ana Cláudia Lemos Pacheco (UNEB)

Examinadora Interna

**JEQUIÉ
2025**

EPÍGRAFE

Uma litania pela sobrevivência

Para aquelas entre nós que vivem na margem
de pés sobre limites constantes da decisão
crucial e solitária
para aquelas entre nós que não podem se dar ao luxo
de abrir mão dos sonhos de ter escolhas
que amam em vãos de portas indo e vindo
nas horas entre os amanheceres
olhando para dentro e para fora
ao mesmo tempo antes e depois
em busca de um agora que possa cultivar
futuros
como pão nas bocas de nossos filhos
para que os sonhos deles não reflitam
as mortes dos nossos;

Para aquelas de nós
que fomos marcadas com o medo
como uma linha tênue no meio de nossas testas
aprendendo a sentir medo desde o leite materno
pois com essa arma
essa ilusão de alguma segurança a ser encontrada
esperavam nos silenciar com seus pés pesados
Para todas nós
este instante esse triunfo
Nós nunca estivemos destinadas a sobreviver.

E quando o sol nasce nós temos medo
de que ele não dure
quando o sol se põe nós temos medo
de que ele não levante de manhã
quando nossas barrigas estão cheias nós temos medo
da indigestão
quando nossas barrigas estão vazias nós temos medo
de que o amor desapareça
quando estamos sozinhas nós temos medo
de que o amor nunca volte
e quando falamos nós temos medo
de nossas palavras não serem ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
ainda estamos com medo.

Então é melhor falar
lembrando
nunca estivemos destinadas a sobreviver.

Audre Lorde

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a mim mesma, por não ter desistido de mim.

À minha querida orientadora Prof^a Dra. Núbia Regina Moreira, pela paciência, parceria e por acolher todas as minhas inquietações com atenção, sempre buscando caminhos para que eu mantivesse a calma.

Às minhas colegas do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) – Nágila, Gabriela e Sandy –, por suas presenças afetuosas, que nunca permitiram que eu me sentisse só.

Aos professores Dra. Ana Cláudia Pacheco e Dr. Jorge Augusto, por aceitarem participar da minha banca de qualificação e pelas sugestões valiosas que me possibilitaram concluir esta pesquisa.

Às escritoras colaboradoras desta pesquisa – Mariana, Bettina, Raiana, Lorena e Jessika –, por contribuir de forma significativa para a construção deste trabalho.

Ao meu psicólogo, Micael Marques por sua escuta atenta e incentivo constante ao longo desta jornada.

E dos afetos mais marcantes, agradeço à minha mãe, minha maior inspiração e razão pela qual sigo caminhando. Ao João, por tudo e por tanto. E aos meus filhos felinos, especialmente, Amaranta e Anakin, que chegaram para mudar minha vida e que me deram aquele empurrãozinho final para concluir esta dissertação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001-Portaria CAPES 206/2018.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo central investigar como as escritoras negras baianas utilizam o Instagram como plataforma para divulgar a sua escrita, por meio do conteúdo publicado no feed dos seus perfis, analisando as implicações dessa presença digital na autoria, na representatividade e no engajamento social, bem como os desafios enfrentados diante das barreiras algorítmicas e estruturais, refletindo sobre as implicações de ser uma autora negra, especialmente do interior da Bahia, buscando reconhecimento e alcance dentro desse espaço de poder e considerando como a região em que essas escritoras estão inseridas interfere diretamente em sua produção literária, sendo a etnicidade também um fator determinante na construção de suas narrativas. Situada na área das ciências sociais e humanidades, esta pesquisa adota uma metodologia qualitativa, com elementos quantitativos e de base netnográfica. Foram acompanhados cinco perfis de escritoras negras baianas no Instagram, orientando-se a partir dos estudos metodológicos para a internet de Christine Hine (2020), dos apontamentos de Tarcízio Silva (2022) e Faustino e Lippold (2023) sobre o colonialismo digital e o racismo algorítmico e da literatura baiana a partir de Ana Rita Santiago (2012). Justifica-se esta pesquisa pela sua relevância social e política, pela necessidade de aprofundamento acerca da condição digital no contexto da cultura contemporânea, uma vez que os métodos tradicionais de análise não dão conta de explicar uma cultura que compõe um grupo de mulheres que são influenciadas de muitas maneiras pelas tecnologias em suas relações sociais e materiais, e, sobretudo, pela necessidade de afirmar a ação e a resistência da mulher negra na literatura. Os resultados apontam que o campo da literatura feminina negro-baiana, quando abordado dentro do contexto digital, possui uma riqueza e uma complexidade que ultrapassam as definições convencionais de literatura. O Instagram, embora se configure como um campo de resistência no qual essas escritoras têm o poder de criar um espaço de visibilidade para suas obras e identidades, também impõe barreiras estruturais através de algoritmos que muitas vezes reproduzem e amplificam as desigualdades raciais, de gênero e de região. As dificuldades estruturais que as mulheres negras baianas enfrentam nesse ambiente, longe de serem apenas obstáculos técnicos, são uma continuidade das limitações impostas pela sociedade.

Palavras-chave: Escritoras negro-baianas. Etnicidade. Gênero. Instagram. Netnografia.

ABSTRACT

This research aims to investigate how Black Bahian women writers use Instagram as a platform to promote their writing through the content published on their profile feeds, analyzing the implications of this digital presence for authorship, representativity, and social engagement, as well as the challenges they face due to algorithmic and structural barriers. It further reflects on the implications of being a Black female author, particularly from the interior of Bahia, striving for recognition and reach within this power dynamic, while considering how the region in which these writers are situated directly influences their literary production, with ethnicity also serving as a determining factor in the construction of their narratives. Situated within the field of social sciences and humanities, this research adopts a qualitative methodology, incorporating quantitative elements and a netnographic approach. The study followed five Instagram profiles of Black Bahian women writers, guided by Christine Hine's (2020) methodological framework for internet research, the insights of Tarcízio Silva (2022) and Faustino and Lippold (2023) on digital colonialism and algorithmic racism, as well as Ana Rita Santiago's (2012) reflections on Bahian literature. The relevance of this research lies in its social and political significance and the need to deepen the understanding of the digital condition within the context of contemporary culture. Traditional analytical methods fall short in explaining a cultural dynamic that shapes a group of women whose social and material relationships are profoundly influenced by technology. Moreover, this study highlights the importance of affirming the agency and resistance of Black women in literature. The findings indicate that the field of Black Bahian women's literature, when analyzed within the digital context, reveals a richness and complexity that transcend conventional definitions of literature. While Instagram serves as a space of resistance, empowering these writers to create visibility for their works and identities, it simultaneously imposes structural barriers through algorithms that often reproduce and amplify racial, gender, and regional inequalities. The structural challenges faced by Black Bahian women in this environment are not merely technical obstacles but rather a continuation of the societal limitations historically imposed upon them.

Keywords: Black Bahian women writers. Ethnicity. Gender. Instagram. Netnography.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – print de tela da bio do perfil de Bettina Winkler | 47 |
| Figura 2 – print de tela da bio do perfil de Jessika de Oliveira | 48 |
| Figura 3 – print de tela da bio do perfil de Lorena Lacerda | 49 |
| Figura 4 – print de tela da bio do perfil de Mariana Madelinn | 50 |
| Figura 5 – print de tela da bio do perfil de Raiana Soares | 51 |
| Figura 6 – gráficos @bettwinkler e @madelinnautora | 54 |
| Figura 7 – gráficos @raianasoaresoc e @_lorenalacerd | 55 |
| Figura 8 – gráfico @soujessikadeoliveira | 55 |
| Figura 9 – publicação de Lorena Lacerda | 60 |
| Figura 10 – publicação de Raiana Soares | 60 |
| Figura 11 – publicação de Mariana Madelinn | 61 |
| Figura 12 – publicação de Jessika de Oliveira | 61 |
| Figura 13 – publicação de Bettina Winkler | 62 |
| Figura 14 – publicação de Raiana Soares | 65 |
| Figura 15 – perfis de Lorena Lacerda | 71 |
| Figura 16 – publicação de Lorena Lacerda | 71 |
| Figura 17 – publicação de Jessika de Oliveira | 73 |
| Figura 18 – publicação de Raiana Soares | 76 |
| Figura 19 – print Estrada dos refúgios | 78 |
| Figura 20 – print Os olhos de Bastet | 79 |
| Figura 21 – print Ruídos de comunic(ação) | 80 |
| Figura 22 – publicação de Mariana Madelinn | 82 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – resultado das buscas em Literatura negro-feminina digital | 29 |
| Tabela 2 – identificação das pesquisas selecionadas | 29 |
| Tabela 3 – resultado das buscas em Literatura digital negro-baiana | 35 |
| Tabela 4 – resultado da pesquisa de engajamento | 36 |
| Tabela 5 – média da taxa de engajamento | 37 |
| Tabela 6 – resultado da pesquisa de engajamento 2025 | 39 |
| Tabela 7 – anúncios: colaboradoras da pesquisa | 68 |
| Tabela 8 – anúncios: outras escritoras baianas | 69 |
| Tabela 9 – anúncios: escritoras não baianas | 69 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações |
| BIO | Biografia (Instagram) |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de nível Superior |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CMC | Comunicação Mediada por Computador |
| DM | <i>Direct Message</i> ¹ |
| GPEL | Grupo de Pesquisa e Extensão em Literatura |
| IA | Inteligência Artificial |
| LGPD | Lei Geral de Proteção de Dados |
| ODEERE | Orgão de Educação em Relações Étnicas |
| PDF | <i>Portable Document Format</i> ² |
| UESB | Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia |

¹ Mensagem Direta

² Formato de Documento Portátil

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|------------|
| | NOTAS INTRODUTÓRIAS | 12 |
| 1 | CAPÍTULO I - TENHO MEDO DE ESCREVER, MAS TENHO MAIS MEDO AINDA DE NÃO ESCREVER: LITERATURA DE MULHERES NEGRAS BAIANAS..... | 23 |
| 1.1 | Literatura negra e negro-feminina..... | 24 |
| 1.2 | Literatura digital de mulheres negras..... | 28 |
| 1.3 | Literatura digital negro-baiana..... | 33 |
| 1.4 | Escritoras negro-baianas no Instagram: uma pesquisa de “engajamento”..... | 35 |
| 1.5 | Uma cultura literária virtual (?)..... | 40 |
| 2 | CAPÍTULO II - ESCRITORAS/INFLUENCIADORAS/ATIVISTAS/TRABALHADORAS.. | 45 |
| 2.1 | Autodefinição: o perfil das colaboradoras..... | 46 |
| 2.2 | A liberdade de se autoanunciar escritora..... | 52 |
| 2.3 | Autoras negras do Sol e de Salvador | 57 |
| 2.4 | A dinâmica capitalista dos algoritmos..... | 65 |
| 3 | CAPÍTULO III - MULHERES BAIANAS FALAM POR SI MESMAS | 75 |
| 3.1 | Recepção e distribuição da literatura..... | 76 |
| 3.2 | Sobre algumas obras das colaboradoras..... | 78 |
| 3.3 | Breve nota sobre gênero e futuro ancestral..... | 82 |
| | NOTAS FINAIS..... | 84 |
| | REFERÊNCIAS | 88 |
| | ANEXOS..... | 93 |
| | Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 93 |
| | Anexo 2 – Termo de autorização para uso de imagens e depoimentos | 97 |
| | Anexo 3 – Parecer substanciado do CEP | 98 |
| | APÊNDICES..... | 102 |
| | Apêndice 1 – Questionário online de pesquisa | 102 |
| | Apêndice 2 – Registros do campo | 105 |

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A partir da minha formação acadêmica no curso de Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié (2022), surgiu a vontade (e a necessidade) de expressar as minhas subjetividades através da escrita literária. Foi também através das aulas de literatura que comecei um processo de reflexividade e autodefinição fundamental para que hoje eu me reconheça como pesquisadora e, ao mesmo tempo, como participante desta pesquisa, já que me vejo em cada uma das mulheres que serão aqui apresentadas.

Sou uma mulher preta, nascida e criada numa cidade de pouco mais de 12 mil habitantes no interior da Bahia, estive professora de literatura na rede básica de ensino por alguns meses após a minha graduação, período em que pude apresentar um lado da literatura para crianças do ensino fundamental II de uma escola municipal que elas ainda não conheciam: a literatura produzida por mulheres de seu próprio território, embora tenha sido, às vezes, impedida pela escola, pois nem todas as escritoras apresentadas por mim tinham publicado livros físicos, o que me levava a apresentá-las por meio do seu conteúdo nas redes sociais, e esse conteúdo não era considerado literatura “suficiente” pela coordenação e gestão da escola.

Antes mesmo de pensar em uma graduação, a leitura já fazia parte da minha vida. Durante o curso de Letras, descobri que a literatura que aprendi na escola era apenas a literatura do ponto de vista da “História única” (Adichie, 2019), sobre o que Chimamanda Adichie nos conta que descobrir sobre os escritores africanos a salvou de ter apenas uma história do que são os livros. Da mesma forma, quando eu entrava em contato com a literatura feminina e negra, eu lia os livros das “negras pobres” ou, na maioria das vezes, sobre as “negras pobres”. Essa era a única maneira que eu conseguia definir os livros ou os estudos sobre a literatura negro-feminina.

Fiz parte do Grupo de Pesquisa e Extensão em Literatura (GPEL) durante a graduação, onde comecei os meus estudos em literatura negro-feminina, e em 2021 conheci o ODEERE (Órgão de Educação e Relações Étnicas), onde entrei em contato com o feminismo negro, através do curso de extensão em gênero e diversidade sexual, do qual fiz parte. Foi durante esse curso de extensão que tive certeza de que queria ser pesquisadora do ODEERE.

Ao mesmo tempo em que estudava na graduação e no curso de extensão, também lecionava voluntariamente no Curso Comunitário Pré-Vestibular Anésia Cauaçu, onde muito me inquietava ter que estar presa e prender os meus alunos na concepção reducionista e hegemônica que é cobrada nas provas de vestibulares.

Quando eu tive vontade de apresentar para as minhas alunas as escritoras de sua cidade ou região, a forma mais fácil de fazer isso era por meio do Instagram, já que muitas dessas escritoras não tinham livros publicados, dessa forma, reconheço que o crescimento das tecnologias de

comunicação e informação veio ao encontro de novas possibilidades de criação artística e literária. A internet tem sido utilizada como ferramenta para tornar a literatura contemporânea mais acessível. E através desta pesquisa, quero visibilizar as mulheres negras e suas escritas dentro no Instagram e refletir sobre as implicações de estar produzindo dentro desse espaço de poder.

Todos os marcadores sociais que me atravessam, assim como a minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, influenciam no meu comportamento e na minha escrita, pois, quando falo, revelo a minha visão de mundo; quando escrevo; a minha escrita é coletiva; quando apresento aos meus alunos as mulheres negras que foram historicamente silenciadas e desumanizadas, estou também me apresentando para eles, porque ainda hoje, sou silenciada e desumanizada, e também estou representando todas as mulheres que estão na mesma posição em que estive e estou. E quando falo de representar mulheres, falo de um contexto social específico, de um feminismo das mulheres negras do interior da Bahia, que nasce daquilo que perpassa o meu dia-dia.

Inicialmente, estabeleci como objetivo central investigar como as escritoras negras baianas utilizam o Instagram para escrever e/ou divulgar sua escrita, analisando o conteúdo publicado no feed de seus perfis e as consequências de ser uma mulher negra, especialmente do interior da Bahia, buscando reconhecimento por meio do Instagram. Além disso, a pesquisa buscava compreender quais escritoras baianas ganham maior notoriedade na plataforma e os fatores que contribuem para que algumas delas alcancem mais engajamento do que outras. A abordagem previa uma análise quantitativa, por meio de um estudo comparativo do alcance das escritoras da capital em relação às escritoras das cidades mais afastadas, e uma análise qualitativa, predominante na pesquisa, com o uso da netnografia para acompanhar os perfis no Instagram.

Contudo, ao longo do percurso da pesquisa e daquilo que encontrei no campo, foi necessário reformular os objetivos para contemplar de maneira mais precisa as questões emergentes. Assim, o objetivo central passou a ser investigar como as escritoras negras baianas utilizam o Instagram como plataforma para divulgar a sua escrita, por meio do conteúdo publicado no feed dos seus perfis, analisando as implicações dessa presença digital na autoria, na representatividade e no engajamento social, bem como os desafios enfrentados diante das barreiras algorítmicas e estruturais, refletindo sobre as implicações de ser uma autora negra, especialmente do interior da Bahia, buscando reconhecimento e alcance dentro desse espaço de poder.

Além disso, a pesquisa ampliou a reflexão sobre as dificuldades impostas pelo contexto digital e as dinâmicas do mercado literário para essas escritoras, especialmente aquelas do interior da Bahia. A partir dessa reformulação, estabeleci os seguintes objetivos específicos: analisar os conteúdos publicados pelas escritoras negras baianas no Instagram, incluindo suas estratégias discursivas e identitárias, para compreender como promovem suas obras e dialogam com o público; investigar os desafios estruturais, regionais e tecnológicos que influenciam a visibilidade e o

engajamento dessas autoras na plataforma, considerando os impactos do racismo algorítmico e da dinâmica capitalista; avaliar o papel do Instagram na recepção e distribuição da literatura feminina negro-baiana, discutindo suas limitações e potencialidades enquanto espaço de resistência e transformação no campo literário.

A metodologia foi tomada nesta pesquisa como um modo de “formular questões e de construir problemas de pesquisa que foi articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações - que, em congruência com a própria interiorização, preferimos chamar de ‘produção’ de informação - e de estratégias de descrição e análise (Meyer; Paraíso, 2012, p. 18). A netografia foi escolhida como metodologia de pesquisa neste trabalho, tendo em vista o surgimento de novas formas de organização social e de comunidades. Essas transformações tem mudado a forma como as pessoas se relacionam, como escrevem e como comunicam. Não podemos desprezar a condição digital no contexto da cultura contemporânea, deixando um pouco de lado os métodos antropológicos tradicionais “por supostamente não darem conta de explicar as culturas intoxicadas pelas tecnologias nas relações sociais e materiais” (Ferraz, 2019, p. 48).

Também chamada de “etnografia virtual”, “etnografia online”, “etnografia na internet”, “etnografia conectiva”, “etnografia da rede” e “ciberetnografia” (Sales, 2012), para citar alguns termos utilizados, a netnografia é uma forma específica de etnografia que acontece na internet, observando os sujeitos e seus comportamentos nos ambientes virtuais. Uma adaptação metodológica da netnografia consiste em observar o espaço virtual, cuja natureza é desterritorializada, entendendo esse espaço como um “lugar plausível para realizar o trabalho de campo” (Hine, 2004, p. 19 apud Sales, 2012, p. 119).

Concordando com Christine Hine (2020) a ideia de uma “internet incorporada” reflete como a internet se funde com as experiências cotidianas dos usuários, muitas vezes sem ser percebida como algo separado ou especial. Faço aqui um olhar etnográfico mais flexível, considerando a natureza mutável e contextual das interações online, destacando como a internet se torna uma parte integral das atividades diárias, em vez de um espaço virtual distinto. A etnografia na internet deve focar não apenas em ambientes online isolados, mas também nas interações que cruzam o espaço online e offline, considerando como as tecnologias digitais são vivenciadas de formas múltiplas. Como afirma Christine Hine “A Internet pode ser muito grande para a conhecermos, mas o etnógrafo pode desenvolver uma sensação de como é viver com essa vastidão, descobrindo como se produz o sentido do inefável” (Hine, 2020, p. 10).

É preciso levar em conta que a comunicação estabelecida nos ambientes virtuais é mediada por computador. A Comunicação Mediada por Computador (CMC), além do computador, utiliza

todos os periféricos que permitem à sociedade, ou a parte dela que tem acesso ao aparato, criar uma realidade online, vivida paralelamente ou em conjunto à

realidade off-line, física, no sentido de não mediada por computadores, como normalmente a conhecíamos (Noveli, 2010, p. 109).

Nesse sentido, podemos distinguir a realidade mediada por computador e a realidade não mediada por computador.

A netnografia oferece vantagens quanto ao tempo, esforço e custos menores em algumas situações. O pesquisador pode extrair os discursos prontos na internet, sem a necessidade de transcrição, e assim como as entrevistas online, *surveys* online e outras técnicas realizadas na internet para a coleta de dados na pesquisa, a coleta de dados dos informantes na netnografia também é simplificada. Por outro lado, a netnografia também possui algumas desvantagens, como o excesso de informação e a impossibilidade de observar a linguagem corporal dos participantes:

O (1) excesso de informações se dá devido ao ambiente de informações fáceis e abundantes que é a internet (KOZINETS, 1998; DHOLAKIA; ZHANG, 2004); (2) a impossibilidade de analisar a linguagem corporal que ocorre devido o método não ser presencial e o pesquisador não poder observar (ROCHA; BARROS; PEREIRA, 2005); (3) “a utilização apenas de dados textuais pode tirar a oportunidade de perceber os sentidos intersubjetivamente partilhados pelo grupo em exame” (Braga, 2006, p. 9); a falta de confiança advinda dos dados dos entrevistados ocorre devido a problemas de validação e o anonimato que a CMC permite (KOZINETS, 1998; HEWSON, 2003); o falso ar de neutralidade que a internet proporciona, mas que na verdade é um espaço de relações de poder, sendo as análises sempre enviesadas por histórias pessoais e normas sociais, como a falta de inclusão digital por diversos grupos sociais, que seriam vozes não ouvidas nas pesquisas (MURTHY, 2008) (Noveli, 2010, p. 123).

Para reverter tais desvantagens nesta pesquisa, os critérios de seleção para a análise foram bem delimitados, afim de que o conteúdo selecionado atenda os objetivos e a pergunta de pesquisa. Os critérios de inclusão adotados para a pesquisa foram: mulheres negras com 18 anos ou mais, nascidas e residentes na Bahia, que possuíssem uma conta pública no Instagram e tivessem concordado em participar do estudo. Já os critérios de exclusão abrangeram aquelas que expressaram o desejo de não contribuir ou que modificaram sua autodeclaração étnica ou de gênero, deixando de atender aos requisitos estabelecidos para a seleção. A busca pelas participantes foi feita a partir do próprio Instagram, das páginas online que listam escritoras/es negras/os para a recomendação de leitura e por *snowball sampling*³, onde as escritoras indicavam outras escritoras da sua rede de amigos e conhecidos. De forma geral, quando uma escritora era encontrada, em seu perfil, havia a presença de várias outras, o que facilitava o processo de busca. Optei por selecionar apenas os perfis com mais de mil seguidores e com, no mínimo, cinquenta publicações, considerando que para que se utilize a netnografia de forma eficiente, é preciso considerar o alto número de publicações e de pessoas que fazem as publicações (Noveli, 2010).

³ Amostragem de bola de neve

Após concluir a seleção das escritoras, enviei a todas, como mensagem direta no Instagram, um questionário online elaborado no Formulário do Google, contendo questões sobre a forma como se identificam. Muitas delas não visualizaram a mensagem, enquanto outras a visualizaram, mas não responderam.

A hipótese inicial quando comecei este levantamento era de que as escritoras do interior da Bahia teriam um número de seguidores inferior ao número de seguidores das escritoras da capital e das cidades próximas à capital da Bahia, porém, depois de feita a busca acerca dos números de seguidores, notei que, em média, as escritoras do interior possuem o mesmo engajamento que as escritoras da capital. Com a hipótese negada, fiz a mim mesma o seguinte questionamento: se as escritoras negras baianas possuem os mesmos números no Instagram, por que, de forma geral, ouço falar e sei muito mais sobre as escritoras da capital da Bahia, enquanto o conhecimento a respeito das escritoras do interior parece permanecer restrito à sua cidade de origem? É importante ressaltar que o engajamento do qual falo diz respeito apenas aos números de seguidores, pois quando se trata de visibilidade, interação e apoio da mídia, assim como do mercado editorial, existe uma diferença enorme entre esses dois grupos de escritoras baianas. Considerei importante pensar na noção de capital e de interior, considerando que a regionalidade influencia na visibilidade e no alcance das escritoras negras baianas no ambiente digital.

Entendo que há uma discussão na pesquisa netnográfica a respeito do domínio público e domínio privado, podendo ser realizada a pesquisa sem o conhecimento ou consentimento das pessoas pesquisadas. Isso porque existe a possibilidade da utilização dos dados da internet como informações públicas, considerando que a internet não é um espaço físico e que o domínio desse espaço está ligado à acessibilidade da informação (Noveli, 2010). Optei, entretanto, pelo consentimento informado para a realização desta pesquisa, apesar de ser uma solução arriscada, já que as escritoras podem optar por não permitirem o uso das informações. Por outro lado, considera-se essa a solução mais eticamente viável, tendo em vista que a pesquisa acadêmica que envolve seres humanos sempre coloca a(o) pesquisadora(o) diante de questões éticas que exigem a tomada de decisões éticas e políticas durante todo o percurso da pesquisa (Félix, 2012).

Dessa forma, esta pesquisa respeitou às diretrizes estabelecidas nas Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que impõe diretrizes éticas para pesquisa com seres humanos. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e iniciada após a autorização do referido órgão. Todas as participantes foram orientadas em relação à pesquisa e informadas sobre os seus riscos. Foram apresentados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização para uso de Imagem e Depoimentos para a assinatura das autoras que participaram da pesquisa qualitativa em conjunto com a pesquisadora. Apesar de que a exposição das participantes e

divulgação de seu conteúdo também seja objetivo da pesquisa, todas as participantes tiveram o direito à garantia do sigilo de suas informações assegurado. As participantes foram informadas que poderão desistir de sua participação no trabalho em qualquer momento da investigação sem que isso acarrete prejuízos a elas.

Após a aprovação no exame de qualificação da pesquisa, considerando as questões discutidas na banca e entendendo que eu estava fazendo uma pesquisa netnográfica, estabeleci o período de durante doze semanas para acompanhar os perfis das escritoras, começando no dia 16 de julho de 2024 e terminando no dia 30 de outubro de 2024. Comecei observando, de forma direta e participante, as publicações de escritoras no Instagram, incluindo textos, imagens, anúncios e reels (vídeos curtos), bem como as interações (comentários e respostas aos comentários) do público com as escritoras. Minha observação foi de caráter participante, pois estive em constante interação com as escritoras ao longo de toda a pesquisa. Desde o primeiro contato, realizado por meio de mensagens diretas (DM), minha presença já estabelecia um vínculo com cada autora. Além disso, o acompanhamento diário dos seus perfis não apenas me permitiu analisar suas dinâmicas de produção e engajamento, mas também influenciou os algoritmos da plataforma, impactando tanto a visibilidade dos conteúdos delas quanto a configuração do meu próprio feed.

Para realizar a netnografia, iniciei com a delimitação do Instagram como campo etnográfico, reconhecendo a popularidade dessa rede social. A abordagem adotou a ideia de que o mundo digital não está separado do mundo físico, mas, ao contrário, ambos se influenciam mutuamente (Noveli, 2010). Assim, não restringi a análise apenas ao conteúdo publicado, mas também às transformações nos perfis ao longo do tempo, evidenciando como a identidade digital das escritoras é constantemente ajustada em resposta às exigências da plataforma.

Monitorei semanalmente os perfis das colaboradoras, analisando suas publicações no feed, stories, reels e interações com seguidores. Registrei no caderno de campo não apenas o conteúdo dessas postagens, mas também quem interage com elas, quais estratégias de engajamento são utilizadas e como as escritoras negociam sua presença na plataforma.

O envolvimento que tive com os perfis das colaboradoras impactou diretamente o algoritmo do Instagram, tornando-me uma pesquisadora ativa no campo e influenciando os conteúdos exibidos tanto para mim quanto para as escritoras monitoradas. Esse fenômeno evidencia que a netnografia na internet não é um processo unilateral, mas uma interação dinâmica entre pesquisador, colaboradoras da pesquisa e o próprio ambiente digital.

No caderno de campo destaquei como as escritoras constroem suas identidades virtuais, por meio das descrições em suas bios, das mudanças nos nomes de usuário e das diferentes formas de se posicionarem na plataforma. Minhas anotações no caderno de campo não apenas documentaram o comportamento das escritoras, mas também serviram como um espaço de reflexão crítica sobre as

limitações e exigências do Instagram. Ao longo desse processo, reconheci minhas próprias expectativas em relação às escritoras acompanhadas e questioneei como o engajamento digital influencia a produção literária, frequentemente privilegiando postagens visuais e performáticas, como selfies, em detrimento de conteúdos exclusivamente textuais, como poemas.

Apesar de ter começado a pesquisa de campo com seis colaboradoras, uma delas apesar de se autoanunciar como escritora, o que está de acordo com o objetivo de se ter um ponto de vista literário na análise, tinha um perfil incompatível com o roteiro de pesquisa. Inicialmente, acompanhar o seu perfil trouxe a expectativa de encontrar uma escritora que utilizasse o Instagram para divulgar sua produção literária, assim como as demais colaboradoras. No entanto, logo ficou evidente que seu perfil possuía uma abordagem diferente das demais escritoras acompanhadas na pesquisa. Enquanto outras autoras equilibravam a divulgação de suas obras com aspectos pessoais ou reflexões sobre literatura, seu perfil era predominantemente voltado para sua atuação profissional como mentora acadêmica, palestrante e advogada.

A cada nova semana de acompanhamento no campo, eu ficava com mais dúvidas sobre a sua inclusão na pesquisa. Desde o início, foi perceptível a ausência de referências diretas à sua produção literária, além de também não haver registros de suas obras em outros espaços da internet, levando à reflexão sobre o que define uma “escritora” dentro da proposta da pesquisa. Essa reflexão também me levou a pensar que a literatura ocupava um espaço secundário em sua vida, quase como um detalhe mencionado em meio a suas outras atividades.

Antes de decidir parar de acompanhá-la, houve um período de tentativa de compreensão: seria a escrita uma parte invisível de seu trabalho? Existiria alguma estratégia em sua forma de se apresentar no Instagram? Embora em nenhum momento eu tenha descartado a possibilidade de que sua produção literária estivesse muito mais explícita no contexto físico de sua vida, já que há registros da autora participando de eventos com o protagonismo de mulheres escritoras, a cada nova visita ao perfil, a impressão inicial se consolidava: o espaço era essencialmente corporativo, sem indícios significativos de uma identidade literária expressa na plataforma.

Esse processo gerou uma mistura de frustração e incômodo, pois, ao contrário de outras colaboradoras acompanhadas, não havia ali um esforço aparente de criar um diálogo literário com o público. A decisão de interromper o acompanhamento veio como um desdobramento natural dessa constatação.

Concluí que o roteiro de pesquisa deve ser aplicado de forma igualitária a todas as escritoras, a ausência de uma menção explícita à função de escritora em seu perfil exige uma análise diferente sobre os objetivos de seu perfil no Instagram. Suas publicações no Instagram focam predominantemente na divulgação de seu trabalho como mentora acadêmica, refletindo a centralidade dessa atuação em sua identidade pública. Portanto, o foco de seu perfil e a forma como

se define indicam uma atuação predominantemente acadêmica e profissional, sem ênfase na literatura, o que resultou na decisão de, após algumas semanas, descontinuar o acompanhamento de seu perfil no Instagram, finalizando a pesquisa de campo com cinco perfis acompanhados.

A partir das observações, foi possível contextualizar o comportamento online das escritoras, com o objetivo de entender a dinâmica de um perfil de uma escritora que têm a rede social como seu principal meio de divulgação e identificar identidades virtuais, levando em conta a análise das dinâmicas sociais, culturais e literárias que permeiam suas presenças online. A leitura das informações foi realizada a partir da identificação de quatro unidades temáticas centrais: Autodefinição, Enunciação, Dinâmica Capitalista dos Algoritmos e Territorialidade.

Concordando com Noveli (2010), entendo que os mundos “real” e “virtual” não são realidades separadas, e já que mudamos constantemente, os perfis das escritoras também mudaram ao longo do tempo em que estive observando, afinal, o próprio ambiente digital pode influenciar suas produções literárias e suas relações com o público leitor. O Instagram, desenvolvido por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, surgiu para o público em outubro de 2010, sendo hoje um dos aplicativos mais utilizados, apresentando, em 2017, cerca de 800 milhões de usuários ativos (Ramos; Martins, 2018). Ramos e Martins (2018) propõem uma reflexão sobre essa plataforma enquanto uma textualidade que pode ser vinculada ao processo de autoralidade em que

É sob a promessa de captura e compartilhamento de momentos do mundo, que versa o Instagram, em um trânsito intenso entre o singular e o banal — ou entre a singularização do banal e banalização do singular, como bem pretender o autor de cada perfil dessa rede. Ao usuário do aplicativo fica a escolha do conceito que deseja aplicar à sua rede social, personalizando e explorando sua textualidade, enquanto autor não só de textos, mas de si mesmo (Ramos; Martins, 2018, p. 120).

O Instagram se tornou um espaço de representatividade quando começou a ser apropriado por mulheres negras que se tornaram influencers ou escritoras criando e divulgando seu conteúdo por meio dessa plataforma. A plataforma do Instagram, acima de tudo, possui interesses comerciais, no entanto, é preciso reconhecer que essa plataforma pode ter se tornado uma importante aliada “para potentes discursões acerca das mulheres negras, quando elas se apropriam de todas as ferramentas disponíveis interagindo com um público interessado no que elas têm a discursar” (Oliveira, 2020, p. 58). *To feed* do inglês quer dizer “alimentar”, logo, o feed do Instagram é um lugar onde o usuário visualiza o conteúdo dos perfis seguidos e “alimenta” também o seu perfil com conteúdo. De acordo com o próprio Instagram, quando atualizado, “as fotos e vídeos que consideramos mais importantes para você aparecerão no topo do seu feed. Além de ver o conteúdo das pessoas e hashtags que você segue, você também pode ver sugestões de contas que sejam relevantes aos seus interesses” (Instagram, 2024, tradução nossa), já os reels são vídeos curtos que

podem ser editados usando áudios da biblioteca de músicas do Instagram ou áudio original, além de utilizar efeitos de realidade aumentada disponibilizados na biblioteca de filtros (Instagram, 2020).

A falta de visibilidade sempre foi um problema para as mulheres negras. No entanto, dizer que as mulheres negras foram historicamente silenciadas e desumanizadas não significa dizer que elas não tenham produzido história e cultura. Quando Gayatri Spivak (2010) afirma que a mulher subalterna não pode falar, ela não quer dizer que a mulher não tem voz, mas se refere à falta de escuta e de legitimação de sua fala dentro de uma estrutura de poder. As mulheres negras, hoje, podem usar as redes sociais visando um meio para a emancipação, entretanto, as redes sociais não se mostram emancipadoras, pelo contrário, se constituem como dispositivos discriminatórios que refletem a ideologia de seus criadores.

Do ponto de vista do cânone, todas as mulheres são subalternizadas, no entanto, como afirma Gayatri Spivak, há uma construção contínua do subalterno e a posição da mulher negra parece ser a mais problemática nesse contexto, porque “se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (Spivak, 2010, p. 110). Nota-se que se tem buscado um espaço para a literatura feminina em geral de forma mais frequente, não sobrando muito espaço para as a mulher negra, uma vez que o cânone ocidental não só é predominantemente masculino, mas também eurocêntrico. A literatura digital é relevante porque leva a escrita de autoria feminina e negra para outro espaço, muito mais explorado pelo público, mas ainda pouco reconhecido como um espaço que pode ser também literário.

Concordando com Anzaldúa, escrever é perigoso porque a escrita revela os medos e as raivas de uma mulher sob opressão, mas, mesmo assim, “é na escrita mesma que nossa sobrevivência se encontra, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida” (Anzaldúa, 2021, p. 58). As mulheres negras podem transformar outras pessoas com a sua escrita, no entanto, muitas mulheres negras ao conseguir algum reconhecimento, corre o risco de “contribuir com a invisibilidade de nossas irmãs-escritoras” (Anzaldúa, 2021, p. 49). A escolha deste objeto de estudo surge dos meus questionamentos pessoais sobre o lugar que ocupo no mundo enquanto mulher negra e sobre o significado da literatura, refletindo também sobre os motivos pelos quais mulheres como eu parecem não ocupar um espaço de prestígio nesse campo.

Cabe ressaltar que todas as conceituações apresentadas neste trabalho dizem respeito a uma produção discursiva plural, distante de qualquer tentativa de homogeneizar as diversas identificações e/ou subjetivizações presentes na literatura negra feminina. Estudar autoras negras é pertinente, pois, às mulheres sempre foram atribuídos os cuidados domésticos e a reprodução social; para as mulheres negras o fator socioeconômico é mais um agravante, já que a maioria dessas mulheres faz parte da classe trabalhadora. Esse racismo por segregação, como diria Lélia González (1988), que determina o lugar de preto e o lugar de branco na sociedade, sempre foi um fator

determinante para o impedimento da consolidação da mulher negra na literatura. A mulher negra sempre foi o objeto, não o sujeito. Nós sempre estivemos “na lata de lixo da sociedade brasileira” (González, 1984, p. 225), mas agora, cada vez mais mulheres estão narrando em primeira pessoa e se transformando em sujeitas.

Por isso, assumo a minha própria fala nas notas introdutórias deste trabalho, narrando a mim mesma e falando também por várias outras mulheres que não foram/são ouvidas. Justifico esta pesquisa pela sua relevância social e política, pela necessidade de aprofundamento acerca da condição digital no contexto da cultura contemporânea, uma vez que os métodos tradicionais de análise não dão conta de explicar uma cultura e, especificamente, um grupo de mulheres que são influenciadas de muitas maneiras pelas tecnologias em suas relações sociais e materiais, e, sobretudo, pela necessidade de afirmar a ação e a resistência da mulher negra na literatura, observando nesse contexto, um movimento de trocas étnicas entre as escritoras de diferentes regiões na Bahia, considerando as formas como essas autoras constroem as suas narrativas, às vezes, transitando entre identidades híbridas, dialogando com diferentes contextos culturais e estéticos.

Além de tudo o que foi acima apresentado, defendo ainda esta pesquisa pelo seu caráter interdisciplinar, podendo ser útil tanto para o campo das Linguagens, quanto para as Ciências Humanas e Sociais, alcançando ainda a esfera da Comunicação Tecnológica.

Dividi este trabalho em três partes a qual chamarei de Capítulo I, II e III. No primeiro capítulo “Tenho medo de escrever, mas tenho mais medo ainda de não escrever: literatura de mulheres negras baianas”, contextualizo a literatura negro-feminina no Brasil, discutindo sua relevância dentro do cenário literário baiano. Parto da reflexão sobre como a escrita das mulheres negras tem sido historicamente silenciada e marginalizada, e analiso o conceito de literatura negra a partir de autores como Cuti e Ana Rita Santiago. Além disso, abordo o impacto das plataformas digitais na produção e circulação da literatura negro-feminina, destacando as barreiras impostas pelos algoritmos e a forma como escritoras negras baianas utilizam o Instagram como um espaço de resistência e visibilidade. O capítulo também apresenta um levantamento bibliográfico sobre a literatura digital negro-feminina e evidencia a ausência de pesquisas sobre escritoras negras baianas no ambiente digital.

Intitulo o segundo capítulo como “Escritoras/Influenciadoras/Ativistas/Trabalhadoras”. Nele, examino o perfil das escritoras colaboradoras, discutindo as múltiplas identidades que essas autoras assumem no Instagram. A seção explora como essas mulheres se autoanunciam como escritoras e de que maneira o engajamento no Instagram se relaciona com sua produção literária. Também são abordadas questões de territorialidade e relações étnicas, comparando a presença de escritoras negras em Salvador e em cidades do interior da Bahia. Também examino os desafios que as autoras enfrentam diante da lógica dos algoritmos, das dinâmicas do capitalismo digital e da

espacialidade das redes sociais, que influenciam diretamente sua visibilidade, alcance e engajamento no ambiente virtual.

No terceiro capítulo, intitulado “Mulheres baianas falam por si mesmas”, exploro a recepção e a distribuição da literatura dessas autoras no ambiente digital. Analiso como suas obras são lidas, compartilhadas e comentadas, evidenciando o papel da internet na criação de novas formas de circulação literária e na ampliação do alcance dessas escritoras. A análise também inclui um estudo sobre algumas das obras das colaboradoras da pesquisa, explorando suas estratégias narrativas e temáticas. Além disso, o capítulo apresenta reflexões sobre gênero e ancestralidade, demonstrando como a literatura negro-baiana digital dialoga com a tradição oral e as experiências das escritoras.

CAPÍTULO I

TENHO MEDO DE ESCREVER, MAS TENHO MAIS MEDO AINDA DE NÃO ESCREVER: LITERATURA DE MULHERES NEGRAS BAIANAS



1. LITERATURA DE MULHERES NEGRAS BAIANAS

1.1 Literatura negra e negro-feminina

Para Ana Rita Santiago (2012), a escrita, por si só, não garante que um texto seja considerado literário, pois são os critérios de canonização que o definem como tal.

Ademais, mecanismos de produção, reprodução, circulação e consumo, associados às outras estratégias de legitimação, que garantem suas funções consolidadas, dentre outros, pela crítica e pelo mercado editorial, se incumbem de atribuir o status de texto literário. Além disso, há uma considerável gama de definições, ainda que insuficientes para dar conta das complexidades que lhe cercam, e para proporcionar outras condizentes com os apelos e desafios atuais (Santiago, 2012, p. 43).

Talvez, neste momento, assim como Santiago, eu deva ser igualmente simples, sem cair no reducionismo, e me inspirar na ideia de Cuti de que a literatura é a grande possibilidade de nos colocarmos no lugar do outro e apreendermos sua dimensão humana (Cuti, 2010).

Partindo do pressuposto de que mulheres e homens negros fazem literatura negra, adoto o conceito de literatura negra brasileira, conforme definido por Felisberto e Miranda (2023), como uma forma de escrita que nasce do compromisso do autor ou autora com a experiência de ser negro ou negra, abrangendo tanto suas subjetividades quanto os enfrentamentos ao racismo. A definição das autoras aponta para um conceito amplo e diverso, que abrange não apenas a denúncia ou o protesto social, mas também outras expressões da subjetividade e da experiência de ser negro ou negra:

O discurso irônico, o erótico, o humor e a ficção imaginativa, por exemplo, são tão representativos do texto autoral negro quanto o protesto e a denúncia social. A literatura negra brasileira é múltipla e diversa, como a sua autoria (Felisberto; Miranda, 2023, p. 217).

Essa abordagem evidencia que a literatura negra não é homogênea, mas se caracteriza por múltiplas perspectivas que enriquecem o panorama literário, rompendo com a ideia de que é necessariamente um instrumento de protesto. Essa pluralidade reflete a complexidade das vivências negras e afirma a diversidade das formas de expressão dentro da literatura negra.

Quando as pesquisas sobre a relação do negro com a escrita eram realizadas por brasilianistas das ciências sociais, e não por estudiosos da literatura, emergiu a ideia de que não existe uma poesia negra, mas poesias feitas por negros. Outros estudiosos argumentavam que o "negro" deveria ser sempre a temática central da literatura negra (Felisberto; Miranda, 2023), ou que esta seria uma vertente específica da literatura brasileira, como defendido por Cuti (2010).

Cuti acredita que ninguém escreve para si mesmo, ainda que o ato de escrever seja solitário, ele geralmente carrega o propósito de estabelecer conexões e de formar o princípio de um grupo. No entanto, a formação de um escritor é um processo oneroso, que exige tanto educação formal quanto informal. Dessa forma, o desenvolvimento da literatura negra no Brasil está intrinsecamente ligado à ascensão social da população negra brasileira (Cuti, 2010).

Se opondo ao prefixo afro, Cuti defende um termo que revela as singularidades da experiência de ser negro no Brasil:

(...) a “afro-brasilidade” pode sobreviver sem o negro, uma vez que um afro-brasileiro pode ser um não negro, ou seja, não ser vítima da discriminação racial ou, até, ser um discriminador. (...) Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas (Cuti, 2010, p. 35).

Cuti acredita que a literatura africana não combate o racismo brasileiro, nem se assume como negra, e com isso questiona: “o critério de cor da pele dos autores, em se tratando de texto escrito, em que medida é importante, considerando que ‘afro’ não implica necessariamente em ser negro?” (Cuti, 2010, p. 38).

Em 1859, a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis concluía seu primeiro romance, “Úrsula”, uma obra pioneira considerada pela crítica como o primeiro romance da literatura negro-brasileira. Entre o lançamento de “Úrsula”, de Maria Firmina, e a publicação de “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves, em 2006, apenas onze romances de autoras negras foram publicados no Brasil. Dentre essas raras publicações, destaca-se “Água funda”, de Ruth Guimarães, lançado em 1946. Este foi o primeiro romance escrito por uma autora negra a ser publicado no país após a abolição da escravatura (Silva, 2022).

Há uma relação própria entre a mulher e o silêncio. Ao falar sobre o lugar ocupado pelas mulheres indianas, e do suicídio de Bhuvanewari Bhaduri, uma jovem indiana que foi apagada da História, Gayatri Spivak (2010) explica que nessa relação entre a mulher e o silêncio inclui-se também as diferenças de etnia e de classe. Bhaduri tentou falar através de sua morte e, ainda assim, não fomos capazes de entendê-la. Nesse sentido, ela não pôde falar.

O sujeito subalternizado, no ponto de vista de Spivak, é aquele que fala, mas é impossível de ser ouvido – é aquele que está nas camadas mais baixas da sociedade, excluído dos mercados, da representação política e legal, e que não possui absolutamente nenhuma possibilidade de se tornar membro pleno no estrato social dominante (Almeida, 2010). Nesse sentido, a mulher negra não pode falar. Seu ato de resistência não está inserido no discurso hegemônico e, portanto, sua voz só pode ser ouvida se for intermediada pela voz de outro indivíduo que se coloca na posição de

reivindicar algo em seu nome, o que acaba criando a ilusão de que esse indivíduo intelectual branco pode falar pela mulher negra.

Audre Lorde (2019) quando escreve sobre a transformação do silêncio em linguagem e em ação, afirma que o que é importante deve ser dito e compartilhado. Para ela, romper o silêncio é um ato de coragem e resistência, especialmente para aquelas cujas vozes foram historicamente silenciadas. Lorde ressalta que, ao nomear nossas experiências e verdades, mesmo diante do medo ou do risco de rejeição, criamos a possibilidade de mudança e conexão. As mulheres que escrevem sabem disso, transformam o seu silêncio em escrita: é o seu ato de resistência fora do discurso hegemônico.

A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências. Estou aqui de pé como uma poeta lésbica negra, e o significado de tudo isso se reflete no fato de que ainda estou viva, e poderia não estar. (...) o que mais me trouxe arrependimento foram os meus silêncios. Do que é que eu tinha medo? Eu temia que questionar ou me manifestar de acordo com as minhas crenças resultassem em dor ou morte. Mas todas somos feridas de tantas maneiras, o tempo todo, e a dor ou se modifica ou passa (Lorde, 2019, p. 49).

Para a autora, a visibilidade e a vulnerabilidade são fontes de força, e os silêncios não protegem, mas imobilizam. Lorde destaca o poder revolucionário da poesia como ferramenta de esperança e sobrevivência, especialmente para as mulheres, permitindo nomear o que antes era inominável e transformar sentimentos em ação. Ela questiona a hierarquia ocidental que privilegia a razão sobre a emoção, evocando a ancestralidade e subvertendo essa lógica: enquanto “penso, logo existo” define a razão patriarcal, Lorde afirma que “sinto, logo posso ser livre” (Lorde, 2019, p. 47).

Concordo com Lorde que a poesia não é um luxo para as mulheres negras, “é uma necessidade vital da nossa existência” (Lorde, 2019, p. 45).

O conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo, é fundamental para compreender a relação entre oralidade, experiência e escrita. Evaristo rompe com o estereótipo da mulher negra como ágrafa, presente no imaginário nacional, ao formalizar um tripé que conecta o sujeito negro à sua vivência e à produção literária. Esse conceito transforma a escrita em um espaço de resistência e afirmação, onde as experiências e histórias da população negra, antes silenciadas ou relegadas à oralidade, ganham protagonismo e legitimidade no campo da literatura. *Escrevivência*, em sua concepção inicial, se constitui como “o ato de escrita das mulheres negras” (Evaristo, 2020, p. 30). Se as mulheres negras escravizadas tinham suas vozes silenciadas, hoje, a escrita tornou-se um instrumento de protagonismo e resistência das mulheres negras, libertando-se do controle dos colonizadores, reafirmando o lugar de fala e agência das mulheres negras e subvertendo estruturas de poder.

Ao refletir sobre os desafios enfrentados por mulheres negras escritoras e a urgência de construir narrativas que rompam silêncios históricos, Gloria Anzaldúa questiona por que o ato da

escrita parece tão desnatural para ela. Ela relaciona essa sensação às opressões estruturais que condicionam mulheres de cor a acreditarem que a escrita não lhes pertence, evidenciando como a exclusão, o racismo e o apagamento histórico influenciam a relação dessas mulheres com sua própria expressão.

Como ousei sequer considerar me tornar uma escritora enquanto me agachava nos campos de tomate, curvando, curvando sob o sol quente, mãos grossas e calejadas, não feitas para segurar a pena, entorpecidas num estupor animal com o calor (Anzaldúa, 2021, p. 46).

Anzaldúa destaca a escrita como um ato de resistência, autoafirmação e sobrevivência, capaz de confrontar opressões e expor verdades muitas vezes silenciadas (Anzaldúa, 2021). O reconhecimento e o resgate das produções literárias de mulheres negras constituem um dos mais importantes legados do pensamento feminista negro contemporâneo, tanto no âmbito acadêmico quanto nos movimentos sociais (Santos; Moreira; Gomes, 2024). Contudo, é essencial garantir que essa escrita não seja limitada ou domesticada pelas expectativas impostas pela academia ou pelo sistema opressor, mas sim um processo visceral e transformador, onde o corpo, a experiência e a voz genuína da mulher negra se tornam elementos essenciais.

Denominarei a literatura produzida por mulheres negras como literatura negro-feminina. Embora os adjetivos possam ser vistos como uma forma de controle, frequentemente utilizados pela cultura dominante para distinguir e hierarquizar a literatura como "negra" ou "feminina" — algo supostamente particular e menor —, aproprio-me do termo com um objetivo inverso: afirmar nossa existência e assegurar que as escritoras negras e suas obras não sejam apagadas ou invisibilizadas. Essa denominação se torna, portanto, um ato de resistência e reivindicação de espaço no campo literário.

A presença das mulheres negras na literatura “se constitui numa insubmissão legitimada primeiramente pelo movimento de mulheres negras, para depois alcançar leitoras, leitores, o espaço acadêmico e os grandes aglomerados editoriais” (Felisberto; Miranda, 2023, p. 219). A literatura negro-feminina cria sua própria tradição, rompendo com os critérios rígidos e frequentemente excludentes estabelecidos pelos estudiosos para definir a autoria negra. Ao invés de se submeter a esses enquadramentos, a literatura negro-feminina reivindica a legitimidade de suas próprias narrativas, partindo da experiência, da oralidade, da escrevivência e da ancestralidade como fundamentos. Essa tradição autônoma desafia o cânone literário ao propor uma nova epistemologia que valoriza os saberes, vozes e vivências das mulheres negras, não como exceção, mas como parte essencial da literatura e da história.

1.2 Literatura digital de mulheres negras

Antes do meu exame de qualificação, realizei um levantamento bibliográfico, a partir dos estudos metodológicos de Christine Hine (2020) sobre a internet e da noção de racismo algorítmico, segundo Tarcízio Silva (2022), com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a temática investigada. Para isso, conduzi uma revisão sistemática, identificando lacunas que poderiam ser preenchidas por novas pesquisas e analisando criticamente diversos estudos, em conformidade com a abordagem proposta por Costa e Zoltowski (2022).

Como campo empírico desta pesquisa, é preciso levar em conta que a internet tem mudado a maneira como as pessoas se relacionam e constroem a realidade e, embora seja impossível conhecer a internet em si mesma, por ser muito grande, “podemos explorar de forma útil o que as pessoas, em situações particulares, fazem dela” (Hine, 2020, p. 12). Atrair a internet ao cotidiano é importante pois acredita-se que não existe distinção entre o *online* e o *offline* e, dessa forma, as mesmas atitudes que o usuário toma no mundo real, ele tomará no ambiente virtual. Além disso, é preciso levar em conta que as redes sociais podem ser racistas porque possuem dispositivos criados por pessoas racistas que reforçam comportamentos de usuários racistas (Silva, 2022). Por outro lado, as redes sociais também são usadas para o fortalecimento de grupos antirracistas e das identidades de mulheres negras.

Para a busca e análise das pesquisas, selecionei artigos, capítulos de livros, monografias de graduação, dissertações e teses. As bases de dados utilizadas foram: Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, Scientific Electronic Library Online – Scielo Brazil e Google Acadêmico. Inicialmente, planejei incluir a Associação Brasileira de Literatura Comparada – Abralic, mas o site permaneceu indisponível durante todo o processo, o que inviabilizou sua utilização como fonte nesta pesquisa.

Inicialmente, realizei a busca pelos títulos dos trabalhos utilizando as seguintes palavras-chave: “literatura digital negro-feminina”, “literatura digital” ou “literatura virtual” e “feminina negra”, “literatura digital afrofeminina”, “literatura afro” e “feminina” e “ciberespaço”, e “Ciberliteratura” e “feminina” e “negra”.

Foram incluídas exclusivamente pesquisas que abordassem a literatura feminina negra no contexto digital a partir de uma perspectiva interseccional, considerando as dimensões de gênero, raça e classe. Além disso, os estudos selecionados deveriam ser realizados no Brasil e focados em escritoras brasileiras. Um dos critérios de inclusão estabelecidos foi o período de publicação, abrangendo os anos de 2018 a 2024, período em que o tema ganhou maior visibilidade e aprofundamento nas discussões acadêmicas. Cabe ressaltar que não foram identificadas pesquisas anteriores a 2018 que atendessem a esses critérios nas bases de dados analisadas, evidenciando a recente inserção dessa temática no campo acadêmico.

Os critérios de exclusão foram definidos para garantir a relevância e o alinhamento das pesquisas com o objetivo do estudo. Foram excluídos: trabalhos que não abordassem o digital na produção literária; pesquisas focadas em autoras não brasileiras; estudos sobre literatura feminina digital que não apresentassem um recorte racial; trabalhos sobre literatura negra sem um recorte de gênero; e aqueles com restrições relacionadas à divulgação, como ausência de resumos nas plataformas consultadas, falta de disponibilização do documento em PDF ou limitações de acesso ao conteúdo completo.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, apenas quatro pesquisas compuseram a amostra final: uma tese, um capítulo de livro, uma monografia de graduação e um artigo. Esses trabalhos foram selecionados por atenderem integralmente aos parâmetros estabelecidos e servirão como base para a análise detalhada da presente pesquisa, conforme ilustrado na tabela a seguir.

Tabela 1 – resultado das buscas em Literatura negro-feminina digital

| Trabalhos encontrados | CAPEL | BDTD | SciELO | Google Acadêmico |
|--|--------------|-------------|---------------|-------------------------|
| Tese | 1 | 1 | - | 1 |
| Dissertação | 0 | 0 | - | 0 |
| Artigo | - | - | 0 | 1 |
| Capítulo de livro | - | - | 0 | 1 |
| Monografia de graduação | - | - | - | 1 |
| Trabalhos encontrados | | | | 6 |
| Trabalhos duplicados | | | | 3 |
| Total de trabalhos aproveitados | | | | 4 |

Fonte: elaboração própria

A avaliação crítica dos trabalhos consistiu na leitura integral de cada estudo, destacando os aspectos mais relevantes para a discussão com base nos fichamentos que realizei. Classifiquei os trabalhos considerando o tipo de pesquisa, o título, o ano de publicação, a base de dados utilizada e a perspectiva teórico-metodológica adotada pelos autores. Para este último critério, utilizei as próprias definições apresentadas pelos autores em seus estudos.

Tabela 2 – identificação das pesquisas selecionadas

| Código/Título | Autoria | Ano | Base de dados | Perspectiva teórico-metodológica |
|--|---|------------|----------------------|---|
| Artigo 1 Literatura e resistência: uma leitura foucaultiana da poesia de mulher negra | Carla Luzia Carneiro Borges e Edna Ribeiro Marques Amorim | 2021 | Google Acadêmico | Arqueologia Foucaultiana |

| | | | | |
|--|--------------------------|------|-----------------------------|---------------------------------------|
| Capítulo de livro 1 Uma perspectiva pós-colonial da literatura e ciberliteratura afrofeminina | Fernanda Santos Silva | 2021 | Google Acadêmico | Pensamento Pós-colonial |
| Tese 1 Autoras Periféricas em Mídias Alternativas | Larissa Silva Nascimento | 2018 | CAPES/BDTD/Google Acadêmico | Estudos Feministas |
| Monografia de graduação 1 Fanfics e negritude: a representatividade na autoria de escritoras negras | Myla Cristina Guimarães | 2023 | Google Acadêmico | Estudos relacionados à Cultura de Fãs |

Fonte: elaboração própria

Com relação às questões de autoria, todos os trabalhos foram realizados por mulheres nas áreas de Linguística, Literatura e Comunicação Social. A pesquisa de Larissa Nascimento (2018) tem como objetivo analisar obras periféricas contemporâneas, escritas por mulheres negras e disseminadas em mídias e plataformas alternativas viabilizadas pela internet e pelo ambiente digital. Já Myla Guimarães (2023) investiga a fanfiction como uma ferramenta de entrada para a nova geração de escritoras negras na literatura, explorando sua relação com a representatividade e seu potencial de inclusão social. Fernanda Silva (2021), por sua vez, estuda a ciberliteratura afrofeminina sob uma perspectiva pós-colonial, alinhando sua análise aos estudos sobre subalternidade de Spivak (2010). Por fim, Carla Borges e Edna Amorim (2021) examinam a produção da subjetividade da mulher negra poeta nas redes sociais, com base nos Estudos Discursivos Foucaultianos e nos estudos literários sobre mulheres negras. Além disso, discutem a importância de analisar autoras brasileiras negras contemporâneas que utilizam o espaço digital para a autopublicação.

Todas as pesquisas possuem um breve panorama histórico que evidencia a falta da figura do negro por muito tempo na literatura, assim como o papel que a literatura assume na sociedade, visto que “Ela não serve apenas como um objeto criado para o deleite humano, mas também como uma ferramenta de transmissão de valores e visões de mundo para seus leitores” (Guimarães, 2023, p. 17). Os movimentos abolicionistas da segunda metade do século XIX trouxeram uma nova visão de mundo que denunciava a escravidão e o racismo, que também estava presente nas obras literárias da época. Nessa época, Maria Firmina já escrevia e publicava suas narrativas:

Maria Firmina foi, talvez, uma das primeiras mulheres a sair do papel de objeto e se tornar protagonista de sua própria história, contrariando as visões estereotipadas frequentes da mulher negra na literatura. Ela deu início a um movimento da quebra

desse silenciamento, movimento esse que hoje é levado por jovens mulheres negras que “revolucionam a literatura brasileira com as suas experiências, além de estilística inovadora” (Guimarães, 2023, p. 17).

Atualmente, muitas mulheres encontraram na internet um espaço para divulgar a sua escrita, que podemos chamar de “ciberespaço”. No “ciberespaço” é produzida o que algumas autoras chamam de “ciberliteratura”

(...) entendemos que a “ciberliteratura” é um portal de inúmeras possibilidades, chegando a inventar novas tipologias, tais como: poesia-programa, infopoesia, poesia-computador, poesia hipertextual ou poesia hiperímida, poesia-internet ou internet poetry ou net poetry, poesia interativa, poesia colaborativa e performática, poesia-código, poesia migrante e poesia performática cíbrida (Nascimento, 2018, p. 24).

As pesquisas ressaltam que a internet não só é um meio pelo qual as autoras escrevem, mas também serve para divulgar livros físicos e obras digitais publicadas em diferentes plataformas.

O estudo que Guimarães (2023) faz sobre as *fanfictions* revela que, apesar da má reputação que possui estilo de escrita, que é vista por muitos como infantil ou não-profissional, cada vez mais, escritoras estão reunindo comunidades de leitores nas plataformas de autopublicação desse gênero de escrita. As *Fanfictions*, ou as formas abreviadas *fanfic* e *fic*, “são histórias de narrativa ficcional escrita e divulgada por fãs. Normalmente seus escritores se baseiam em personagens e enredos de livros, filmes, séries, ou seja, qualquer objeto de fã” (Guimarães, 2023, p. 29). Um dos benefícios desse gênero é que escritora da *fanfic* não precisa passar pelos processos tradicionais do mercado editorial, a própria comunidade de fãs desempenha o papel de leitores, escritores, editores, críticos, etc. Muitas escritoras começam a escrever nessas comunidades e acabam expandindo a sua literatura para outros gêneros depois que se tornam conhecidas também por outros públicos (Guimarães, 2023).

Borges e Amorim (2021) propõe a discussão da noção de autor a partir de Foucault

Para ele, o nome do autor exerce um certo papel em relação ao discurso, assegura uma função classificatória, uma vez que permite reagrupar um certo número de textos, também delimitá-los, ou mesmo excluir alguns de seu conjunto, ou opô-los a outros. Dessa forma, quando enunciamos o nome de um autor, não estamos, portanto, apenas delimitando um estilo individual, com suas escolhas linguísticas e filiações teóricas, mas estamos dando visibilidade aos sujeitos e aos discursos produzidos historicamente (Borges; Amorim, 2021, p. 6).

Considerando que a literatura produzida nas redes sociais ocupa um lugar marginal em relação à chamada literatura tradicional, frequentemente como resultado das tentativas de silenciamento impostas pela sociedade, Borges e Amorim (2021) argumentam que a publicação de poesias por mulheres negras nas redes sociais configura-se como um ato de desobediência. Essa perspectiva é complementada por Silva (2022), que aponta que as mulheres negras continuam a

enfrentar processos de silenciamento em comparação aos sujeitos hegemônicos. Contudo, as redes sociais emergem como um espaço de resistência e expressão, permitindo que essas autoras revelem sua escrita por meio de novas formas de expressividade, conferindo à sua literatura um caráter único e distintivo. Além disso, Borges e Amorim (2021) enfatizam que a poesia divulgada pelas mulheres negras nas redes sociais pode ser entendida como uma escrita de si, reafirmando sua subjetividade e identidade.

que faz coincidir, numa dobra, o olhar do outro com o seu próprio, constituindo-a numa sujeita que se levanta contra políticas injustas e posicionamentos herméticos, que não oportunizam perseverar na busca do objetivo e concretizar sonhos. Essa escrita de si da sujeita negra permite que ela faça da sua literatura um movimento de diagnóstico da realidade, sendo produzida nos mais variados lugares, num movimento constante por espaços heterotópicos, de desobediências e insurgências (Borges; Amorim 2021, p. 140).

Nascimento (2018) conclui que as intelectuais negras enfrentam barreiras significativas para se tornarem escritoras reconhecidas, sendo frequentemente “invisibilizadas, esquecidas, vistas como suspeitas, se tornando uma presença ausente dentro das disputas epistemológicas” (Nascimento, 2018, p. 246). Em contraste com esse cenário de exclusão, Guimarães (2023) aponta que as comunidades de *fanfictions* oferecem uma alternativa acessível e acolhedora para a nova geração de escritoras negras, criando um espaço onde elas podem se afirmar no mundo literário como profissionais da escrita (Guimarães, 2023, p. 49). Dessa forma, as comunidades digitais surgem como um contraponto ao apagamento histórico, promovendo inclusão e visibilidade para essas autoras.

Muitos dos problemas evidenciados nas pesquisas estão relacionados ao que Tarcizio Silva (2022) define como racismo algorítmico, uma questão recorrente no ambiente digital que afeta de maneira desproporcional a produção das mulheres negras. Para enfrentar esse desafio, Silva destaca a importância de regulamentar a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados), propondo que ela enfatize o impacto racista dos algoritmos nas redes, que reproduzem e reforçam desigualdades estruturais.

Complementando essa perspectiva, Christine Hine (2020), pioneira nos estudos metodológicos sobre a internet, propõe compreender a internet como “uma parte incorporada da vida cotidiana das pessoas que a utilizam” (Hine, 2020, p. 14). Nesse sentido, o comportamento dos usuários nos ambientes digitais reflete as atitudes e práticas que eles adotam fora do espaço virtual. Silva (2022) observa que, nas mídias sociais, esses comportamentos são frequentemente reforçados por comunidades online que compartilham visões de mundo semelhantes, oferecendo validação e perpetuando ideias e atitudes que muitas vezes também reforçam desigualdades e preconceitos presentes no cotidiano offline.

É importante ressaltar que o conteúdo online das mulheres negras já possui menos alcance só pelo marcador étnico e de gênero. No entanto, as escritoras negras devem ser incentivadas a continuar produzindo conteúdo na internet, pois quanto menor for o alcance de pessoas negras geradoras de conteúdos digitais, menor será o número de pessoas que veem seu conteúdo, e esse menor espaço para os negros nas redes sociais pode acabar influenciando a disseminação da cultura racista (Silva, 2022).

Muitos dos problemas que identifiquei ao longo deste trabalho estão ligados ao que Tarcízio Silva (2022) denomina racismo algorítmico, um problema recorrente no ambiente digital que afeta, de maneira acentuada, a visibilidade e a produção das mulheres negras. Reconheço que esse tipo de racismo não é apenas um reflexo das desigualdades estruturais, mas também uma perpetuação delas, mediada pelos algoritmos. Silva defende que a regulamentação da LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) deve enfatizar como os algoritmos operam de maneira racista nas redes sociais, tornando visível a urgência de uma abordagem que considere o impacto dessas tecnologias sobre grupos marginalizados.

Ao mesmo tempo, aprofundo minha compreensão com os estudos de Christine Hine (2020), que entende a internet como “uma parte incorporada da vida cotidiana das pessoas que a utilizam” (Hine, 2020, p. 14). Com base nessa perspectiva, percebo que o comportamento dos usuários no ambiente virtual não é desconectado do que realizam fora dele; pelo contrário, ele reflete e reforça suas práticas e crenças do cotidiano offline. Nesse contexto, como observa Silva (2022), as mídias sociais tendem a reunir grupos de pessoas com visões de mundo semelhantes, criando bolhas de validação onde pensamentos e atitudes, muitas vezes discriminatórios, são legitimados e perpetuados. Compreendo que essa dinâmica pode intensificar as desigualdades sociais e contribuir para a manutenção de comportamentos prejudiciais, destacando a necessidade de estratégias mais amplas para combater essas questões tanto no ambiente digital quanto fora dele.

1.3 Literatura digital negro-baiana

Segundo Ana Rita Santiago (2012), a literatura baiana é composta por produções literárias de autoras negras que trazem marcas identitárias, memórias e ancestralidades negras. Essas obras se contrapõem aos cânones literários hegemônicos, apresentando discursos que ressignificam identidades negras femininas e denunciam processos históricos de silenciamento, racismo e exclusão social. As autoras exploram elementos das tradições afro-brasileiras como estratégias de resistência e emancipação, além de propor novas formas de difusão e consumo da literatura no Brasil, com ênfase na realidade baiana. A literatura baiana também é muito caracterizada pelas memórias, autobiografias e elementos ficcionais que registram vivências, transformações sociais e subjetividades femininas (Nogueira, 2015).

Focando nos romances publicados por editoras baianas entre 2000 e 2014, Lima et al. (2022) evidencia como a literatura baiana é um campo plural, marcado pela diversidade cultural e, ao mesmo tempo, por um contexto de produção frequentemente marginalizado em relação ao eixo Sul-Sudeste do Brasil (Lima et al., 2022). Concordo com as autoras quando apontam as dificuldades enfrentadas pelas escritoras na publicação e circulação de suas obras, especialmente considerando como essas barreiras são ampliadas pelas interseções de gênero, raça e região. Acredito, como elas, que a literatura baiana contemporânea revela uma forte presença de vozes femininas que buscam romper com essas dinâmicas de exclusão. Defendo também que o uso do termo “literatura baiana” não deve ser interpretado como segregacionista, mas sim como uma forma legítima de reconhecimento e valorização de produções que carregam as especificidades culturais e históricas da Bahia. Além disso, compartilho da crítica feita à centralização do campo literário no Sudeste e vejo como essencial criar condições para que a literatura baiana alcance maior circulação e reconhecimento tanto nacional quanto internacional.

Ana Rita Santiago destaca que o uso de plataformas digitais se contrapõe ao apagamento histórico dessas escritoras, permitindo que a internet crie oportunidades significativas para ampliar a visibilidade de suas obras e fortalecer sua presença nos espaços literários (Santiago, 2012), no entanto, é crucial reconhecer que as plataformas digitais trazem consigo desafios significativos, especialmente pelo papel central desempenhado pelos algoritmos na disseminação de conteúdo. O algoritmo, embora seja um cálculo matemático, carrega os valores e pressupostos de quem o desenvolve, geralmente baseados em experiências brancas, eurocentradas e hegemônicas (Faustino; Lippold, 2023). Esse viés estrutural reflete-se nas decisões do sistema, favorecendo determinados perfis e conteúdos enquanto invisibiliza outros.

Além disso, o algoritmo não apenas organiza os fluxos de informação, mas também regula as formas de trabalho e exploração nas plataformas. Isso cria um paradoxo para quem busca resistir: como resistir a um sistema do qual se depende para alcançar visibilidade e organização? A lógica do algoritmo impõe uma dependência quase inevitável, moldando as estratégias de engajamento e limitando a autonomia dos sujeitos que nele operam, sobretudo aqueles que buscam desafiar as dinâmicas de exclusão e silenciamento histórico. É, portanto, um espaço onde resistência e dependência coexistem de forma tensa, exigindo estratégias que subvertam essas barreiras estruturais.

Apresento aqui mais um levantamento realizado antes do exame de qualificação da pesquisa que consiste numa revisão de literatura sobre a literatura digital negro-feminina produzida por mulheres baianas, considerando o foco central desta pesquisa. Para esta revisão, incluí artigos, capítulos de livro, monografias de graduação, dissertações e teses, utilizando bases de dados como o

Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, Scientific Electronic Library Online – Scielo Brazil e Google Acadêmico.

Concentrei minha busca em títulos utilizando palavras-chave como “literatura digital negro-feminina baiana”, “literatura digital baiana” ou “literatura virtual” e “feminina negra” e “Bahia”, bem como “literatura digital afrofeminina baiana”, “literatura baiana” e “feminina” e “ciberespaço”, além de “Ciberliteratura”, “mulheres negras” e “Bahia”. Com o objetivo era identificar pesquisas realizadas entre 2018 e 2024 que abordassem a literatura feminina negra baiana a partir de uma perspectiva interseccional, considerando gênero, raça e classe, incluí estudos desenvolvidos por autoras(es) baianas ou não, desde que pesquisassem escritoras nascidas e residentes na Bahia. Contudo, não identifiquei nenhum trabalho, conforme ilustrado na tabela abaixo.

Tabela 3 – resultado das buscas em Literatura digital negro-baiana

| Trabalhos encontrados | CAPEs | BDTD | Scielo | Google Acadêmico |
|------------------------------|--------------|-------------|---------------|-------------------------|
| Tese | 0 | 0 | - | 0 |
| Dissertação | 0 | 0 | - | 0 |
| Artigo | - | - | 0 | 0 |
| Capítulo de livro | - | - | 0 | 0 |
| Monografia de graduação | - | - | - | 0 |
| Trabalhos encontrados | | | | 0 |

Fonte: elaboração própria

Diante desses resultados, percebi a evidente ausência de pesquisas voltadas para a produção literária de mulheres negras baianas, o que me motivou a continuar a pesquisa.

1.4 Escritoras negro-baianas no Instagram: uma pesquisa de “engajamento”

A produção literária de mulheres negras baianas tem ganhado cada vez mais espaço no Instagram. No entanto, o engajamento dessas escritoras pode variar de forma significativa a depender de fatores como acesso à internet, redes de apoio e recursos culturais, sobretudo quando consideramos a diferença entre as escritoras da capital e as do interior da Bahia. Essa distinção geográfica influi diretamente no alcance de perfis literários, pois as autoras que vivem em regiões afastadas dos grandes centros urbanos enfrentam, muitas vezes, limitações na infraestrutura digital e menor visibilidade para eventos, trocas e parcerias.

O levantamento apresentado nesta sessão também foi realizado antes do exame de qualificação da pesquisa, no entanto, após a qualificação, retomei esse trabalho, revisando e

atualizando os dados das cinco colaboradoras da pesquisa. Apresentarei aqui, respectivamente, o levantamento e suas atualizações.

Investigando o engajamento das escritoras do capital e do interior, torna-se possível refletir como se constituem as redes de contato e divulgação, além dos obstáculos e potencialidades de cada contexto regional. Essa análise é importante na medida em que evidencia as dinâmicas de (in)visibilidade e participação, contribuindo para reflexões sobre estratégias de fortalecimento e inclusão no cenário literário.

Partindo da compreensão de que o número de seguidores no Instagram não necessariamente se traduz em alto engajamento, decidi comparar os níveis de engajamento de escritoras negras da capital da Bahia em relação às que vivem nas cidades do interior.

Para tanto, coletei dados a partir de perfis públicos de escritoras baianas no Instagram e elaborei uma tabela na qual incluo o nome de cada escritora, o local de nascimento, o número de seguidores, a taxa de engajamento e a média de engajamento, conforme a Calculadora de Taxa de Engajamento do Instagram do site AppSorteos, inicialmente referente a janeiro de 2024. A amostra foi construída a partir de páginas online que listam escritoras/es negras/os para recomendação de leitura e também pelo método de *snowball sampling*, em que as próprias autoras indicavam outras escritoras de sua rede de contatos.

Para a seleção, estabeleci alguns critérios: a conta precisava ser pública; ter, no mínimo, mil seguidores; apresentar mais de quarenta publicações no feed; e a escritora deveria ter pelo menos dezoito anos. Além disso, cada participante precisou se autodeclarar mulher negra e informar – seja na própria bio do Instagram, em outras plataformas, ou diretamente a mim por mensagem direta (DM) – o local onde nasceu e onde mora. Desse modo, cheguei a uma amostra final de treze escritoras da capital e treze escritoras de cidades do interior, com a finalidade de investigar e comparar seus respectivos índices de engajamento no Instagram.

Tabela 4 – resultado da pesquisa de engajamento

| Escritora | Região | Número de publicações | Número de seguidores | Taxa de engajamento | Média |
|------------------|---------------|------------------------------|-----------------------------|----------------------------|--------------|
| C1 | Capital | 180 | 2,2k | 2.57% | Menor |
| C2 | Capital | 772 | 11,7k | 3.04% | Maior |
| C3 | Capital | 339 | 2,2k | 7.21% | Maior |
| C4 | Capital | 616 | 4,1k | 2.71% | Menor |
| C5 | Capital | 95 | 2,2k | 3.36% | Menor |
| C6 | Capital | 1582 | 6,1k | 1.60% | Menor |
| C7 | Capital | 389 | 1.3k | 1.56% | Menor |
| C8 | Capital | 69 | 3,5k | 4.76% | S/R |
| C9 | Capital | 165 | 1,5k | 4.62% | S/R |
| C10 | Capital | 2822 | 32,6k | S/R | Menor |
| C11 | Capital | 117 | 7,6k | S/R | Menor |

| | | | | | |
|-----|----------|------|--------|--------|-------|
| C12 | Capital | 320 | 3,2k | S/R | Menor |
| C13 | Capital | 566 | 2,2k | S/R | S/R |
| I1 | Interior | 68 | 1,8k | 12.57% | Maior |
| I2 | Interior | 392 | 30k | 3.07% | Maior |
| I3 | Interior | 4885 | 2,7k | 1.87% | Menor |
| I4 | Interior | 1372 | 6,9k | 0.69% | Menor |
| I5 | Interior | 945 | 4,9k | 4.09% | Maior |
| I6 | Interior | 939 | 4,9k | 0.72% | Menor |
| I7 | Interior | 953 | 8,2k | 2.82% | S/R |
| I8 | Interior | 328 | 133,6k | S/R | Menor |
| I9 | Interior | 70 | 1,8k | S/R | Menor |
| I10 | Interior | 248 | 5,7k | S/R | Menor |
| I11 | Interior | 392 | 1,9k | S/R | S/R |
| I12 | Interior | 45 | 2k | S/R | S/R |
| I13 | Interior | 176 | 1,1k | S/R | S/R |

Fonte: elaboração própria

O AppSorteos exibe o número de seguidores de cada autora e calcula a taxa de engajamento no Instagram com base em fatores como o número de curtidas e comentários, a quantidade e frequência de postagens no feed e nos stories, além da interação dos seguidores nesses stories. A média de engajamento é classificada como “menor”, “normal” ou “maior” em comparação ao desempenho de todos os perfis públicos do Instagram. Vale ressaltar que alguns perfis não obtiveram resultados na busca pela taxa e/ou pela média de engajamento, sendo, portanto, classificados como “Sem Resultados” (S/R).

No que diz respeito ao número de seguidores, o grupo da capital totaliza 80,4 mil seguidores e apresenta uma média de 6,1 mil, enquanto o grupo das cidades do interior soma 205,5 mil seguidores, com média de 15,8 mil. Já em relação à taxa de engajamento, o cálculo foi realizado comparando os números de sete perfis do grupo das cidades do interior com sete perfis do grupo da capital, selecionados em ordem decrescente de taxa de engajamento. Nesse contexto, o grupo da capital apresenta uma média de 31,43% de engajamento, enquanto o do interior registra uma média de 25,83%. Entre esses perfis, dois do grupo da capital e três do grupo do interior foram classificados como possuindo engajamento maior que a média.

Tabela 5 – média da taxa de engajamento

| GC | GI | ≠ |
|--------|--------|------|
| 31,43% | 25,83% | 5,6% |

Fonte: elaboração própria

Embora a média de seguidores das escritoras do interior seja maior, é importante observar que uma delas, a escritora I8, possui um número substancialmente elevado de seguidores (133,6k), o que a diferencia das demais autoras, visto que nenhuma escritora, seja da capital ou do interior, ultrapassa os trinta e cinco mil seguidores. O elevado número de seguidores de I8 contribui para que a média de seguidores das escritoras do interior seja significativamente maior (6,1k - 15,8k = 9,7k). Contudo, vale destacar que a taxa de engajamento não está diretamente relacionada ao número de seguidores. Apesar de I8 possuir mais seguidores do que todas as outras escritoras do interior juntas, sua taxa de engajamento ainda é inferior à média.

Quando comparamos as taxas de engajamento, as escritoras do interior apresentam uma grande desvantagem (5,6% ≠). Ao analisarmos individualmente, apenas duas autoras do interior superam esse índice de 5,6% de engajamento. Outro ponto importante é a discrepância entre o número de publicações e o nível de engajamento. A escritora I3, por exemplo, possui 4.885 publicações, mas seu engajamento é abaixo da média (1,87%). Em termos totais, as escritoras da capital somam 8.032 publicações, enquanto as escritoras do interior têm um total de 10.813 publicações (2.781 ≠).

O engajamento no Instagram vai muito além de curtidas nas publicações, mas está “relacionado com envolvimento, intimidade e influência” (Berlitz; Rauber, 2019, p.12). De acordo com o próprio Instagram (2024), a interação ocorre quando há interesse, e o engajamento se estabelece a partir do momento em que o usuário se envolve com um conteúdo que o atrai. Os dados indicam que, embora as escritoras do interior apresentem, em média, um número maior de seguidores e publicações, esses indicadores não são suficientes para atingir o mesmo nível de engajamento observado entre as autoras da capital.

Considerando o uso básico do Instagram, há algumas estratégias disseminadas tanto dentro quanto fora da rede social que podem aumentar o engajamento, como o uso de hashtags, a incorporação de reels e a realização de lives (Marques, 2022).

A análise dos dados obtidos neste estudo, juntamente com a continuidade da pesquisa, que explora outras categorias de análise, desempenha um papel crucial para ampliar nosso entendimento sobre a interação das escritoras negras baianas com o Instagram e seus algoritmos. Este estudo revela que, embora as escritoras do interior tenham um número superior de publicações e seguidores, o engajamento delas é substancialmente menor quando comparado às escritoras da capital da Bahia. A análise dos dados obtidos neste estudo constitui uma etapa fundamental para entendermos a relação das escritoras negras baianas com o Instagram e seus algoritmos. Apesar de algumas autoras do interior apresentarem um número maior de publicações e seguidores, o menor engajamento em comparação às escritoras da capital da Bahia sugere que fatores além das

quantidades brutas – incluindo as dinâmicas algorítmicas da plataforma – influenciam a visibilidade e o alcance de suas produções literárias.

Assim, ao examinarmos como cada escritora interage com o público, como as publicações são distribuídas e como o algoritmo pode favorecer ou desfavorecer determinados perfis, conseguimos mapear com maior precisão os elementos que condicionam o engajamento, além de captar nuances importantes sobre a presença dessas autoras no ambiente digital.

Após o acompanhamento dos perfis das colaboradoras na pesquisa de campo, atualizei o levantamento de engajamento dos cinco perfis das autoras. Dessa forma, os dados apresentados abaixo correspondem ao mês de fevereiro de 2025.

Tabela 6 – resultado da pesquisa de engajamento 2025

| Escritora | Região | Número de publicações | Número de seguidores | Taxa de engajamento | Média |
|----------------------|---------------|------------------------------|-----------------------------|----------------------------|--------------|
| soujessikadeoliveira | Interior | 1102 | 10,2k | 1.31% | Menor |
| raianasoaresoc | Interior | 872 | 3,6k | 3.45% | Menor |
| madelinnautora | Capital | 214 | 2,4k | 1.10% | Menor |
| _lorenalacerd | Capital | 134 | 2,2k | 3.09% | Menor |
| bettwinkler | Capital | 37 | 3,9k | 4.19% | Normal |

Fonte: elaboração própria

Desta vez, uma das escritoras apresentou uma taxa de engajamento classificada como “normal”, algo inédito em comparação com a busca anterior, na qual os resultados eram apenas “menores” ou “maiores”. Esse fato indica que o perfil @bettwinkler provavelmente sofreu uma variação expressiva – seja de aumento ou de queda – durante esse período.

Ao analisar exclusivamente os perfis das colaboradoras da pesquisa, dividindo-os em dois grupos, observamos que o número total de seguidores das escritoras do interior é de 13,8 mil, enquanto o das escritoras da capital soma 8,5 mil. No entanto, em relação ao engajamento, o grupo da capital apresenta uma média superior, com 8,38%, contra 4,76% das autoras do interior.

Assim como demonstrado nos dados de 2024, a quantidade de seguidores nas publicações nem sempre se traduz em um alto nível de engajamento. Das cinco autoras analisadas, todas apresentam taxas de engajamento abaixo ou dentro da média. Em relação aos números, ocorre uma situação similar ao que foi observado no levantamento anterior, em que uma autora do interior possuía um número de seguidores bem superior ao das demais, mas com um engajamento inferior. Da mesma forma, no presente estudo, o perfil de Jessika de Oliveira (@soujessikadeoliveira) segue esse padrão, com um número elevado de seguidores, mas com uma taxa de engajamento que não reflete proporcionalmente esse volume de seguidores.

Esses dados indicam que, tanto em uma análise geral quanto específica, a quantidade de seguidores ou de publicações não garante, necessariamente, um maior engajamento.

1.5 Uma cultura literária virtual (?)

A internet se torna um espaço que vai além do armazenamento de informações, permitindo que a literatura funcione como uma arte viva e interativa, onde o leitor é coautor do texto (Neitzel, 2006). O hipertexto eletrônico, por exemplo, exige uma leitura não linear e participativa, enriquecendo a experiência estética por meio de recursos como som, imagem e animações.

Além disso, é fundamental destacar o impacto da inteligência artificial e das tecnologias computacionais na literatura, consolidando a ciberliteratura como um campo emergente que desafia e redefine os limites da criação literária.

Faço aqui uma distinção entre ciberliteratura e literatura digital: a ciberliteratura é aquela que nasce e se desenvolve no ambiente digital, aproveitando ao máximo as possibilidades interativas e tecnológicas que ele oferece. Já a literatura digital engloba as obras que são apenas disponibilizadas ou divulgadas nas redes sociais, muitas vezes originadas fora do meio digital. Enquanto a ciberliteratura é intrinsecamente ligada à criação literária que nasce e se desenvolve no ambiente digital, explorando suas especificidades tecnológicas e interativas, a literatura digital abrange uma gama mais ampla de obras que utilizam as tecnologias digitais para sua criação, distribuição ou leitura.

Barbosa (2002) destaca que os computadores, concebidos como “máquinas semióticas”, desempenham um papel fundamental na expansão das possibilidades criativas na literatura contemporânea. Por meio de algoritmos capazes de gerar textos literários automaticamente, essas máquinas desafiam profundamente conceitos tradicionais, como autoria, linearidade e a construção de sentido. Além de ampliar os horizontes da criação artística, os computadores introduzem uma lógica combinatória que permite múltiplas leituras e interpretações, rompendo com as estruturas fixas e promovendo a interação dinâmica entre autor, leitor e texto. Nesse contexto, a literatura deixa de ser um produto acabado e passa a se configurar como um processo em constante transformação, onde o diálogo entre humano e máquina redefine os limites da criatividade.

A literatura digital não necessariamente surge no contexto digital; ela pode ser criada em outros meios e posteriormente compartilhada em plataformas digitais. O Instagram, por exemplo, destaca-se como uma das redes sociais mais utilizadas para a divulgação de obras literárias, funcionando frequentemente como uma espécie de portfólio virtual para os autores.

Durante o período da pandemia de COVID-19, diversas escritoras encontraram formas de compartilhar suas obras e conectar-se com seus leitores por meio de plataformas digitais,

principalmente as redes sociais. A escritora Conceição Evaristo, que, além de continuar com sua agenda de palestras e entrevistas, passou a realizar lives semanais, discutindo sua obra e promovendo encontros literários. Essas lives, que atraíram milhares de seguidores, não apenas ampliaram sua base de leitores, mas também desempenharam um papel importante na saúde mental coletiva, ao proporcionar uma troca afetiva e intelectual com a comunidade de leitores (Bento, 2021).

A não entrada no mercado editorial convencional pode ser vista como uma consequência do papel crescente das redes sociais como veículo de divulgação, especialmente no caso de escritoras negras. As plataformas digitais, como o Instagram, têm transformado a dinâmica do mercado editorial, oferecendo novas possibilidades para a autopublicação e a visibilidade de autores independentes. Ao contrário do modelo tradicional, que depende das grandes editoras, as redes sociais permitem que escritoras e escritores conquistem uma audiência mais ampla, conectando-se diretamente com seus leitores. Esse cenário, como aponta Pecinato (2023), tem dado maior visibilidade à produção literária que, de outra forma, poderia não encontrar espaço nas editoras convencionais.

Nesse contexto, é fundamental refletir sobre os rumos da crítica literária contemporânea, especialmente diante das transformações trazidas pela literatura digital. A crítica literária, enquanto campo reflexivo, distingue-se pela análise, interpretação e avaliação de obras literárias fundamentadas em pressupostos teóricos e contextuais. Santos e Vale (2023) destacam que, no século XX, os críticos mais proeminentes foram, em sua maioria, homens brancos, evidenciando uma homogeneidade racial que reflete as estruturas de exclusão presentes no campo literário brasileiro.

Embora até o presente momento nenhum estudo que investigue a cor e o gênero dos críticos literários brasileiros, aos moldes do que fez Dalcastagnè (2008; 2012) sobre os escritores de ficção, tenha sido realizado, é possível observar, por meio de mecanismos de buscas na internet — como o Google, por exemplo — que os mais expressivos críticos do século XX são, em sua grande maioria, homens brancos; entre os quais Álvaro Lins, Afrânio Coutinho, Afrânio Peixoto, Antonio Candido, Alfredo Bosi, Haroldo Campos, Luiz Costa Lima, Silviano Santiago, Wilson Martins, para citar alguns. Uma das poucas exceções femininas que figura no extenso rol de autores é Lúcia Miguel Pereira (mulher branca) — ensaísta que se destacou pelo rigor analítico que adotou durante suas atividades intelectuais e pelas incisivas contribuições que deu às discussões de seu tempo, mas cujo reconhecimento, em meios aos pares, só viera tardiamente (Santos; Vale, 2023, p. 3).

Em relação à crítica literária negra, Santos e Vale (2023) defendem que ela está em pleno processo de consolidação. A crítica literária negra, segundo os autores, reconhece que os discursos sobre literatura estão intrinsecamente ligados a sujeitos históricos e sociais, assumindo, assim, uma posição ideológica explícita. Contudo, essa ideologia não busca uma condescendência em relação às

obras de autoria negra, mas sim tratá-las como objetos estéticos e literários legítimos, superando leituras que as reduzem a um caráter antropológico.

Em relação a escritos ficcionais compartilhados no ambiente digital, Rocha (2014) questiona como assegurar a manutenção da ficcionalidade em um contexto em que a conexão com a "vida real" está constantemente ao alcance de um clique. Nesse ambiente, onde links e elementos externos podem desviar o leitor para espaços textuais não intrínsecos à obra, as fronteiras entre o ficcional e o não ficcional tornam-se mais permeáveis. Já em relação à crítica que se dedica à análise da produção poética no contexto digital, Rocha (2014) afirma que

Os argumentos, com frequência, vão no sentido de observar que o novo suporte possibilitaria, enfim, a consolidação de uma poética de vanguarda plenamente realizada – ignorando-se, aqui, o paradoxo da formulação –, uma vez que muitas das experimentações formais de vanguarda não teriam alcançado a sua plenitude por causa das limitações do meio impresso. Tal leitura, cujas diferentes enunciações e modalizações mal esconde a sua recorrência não é justa nem com a linguagem poética experimental – que passa a ser cobrada por realizações que ela nunca se propôs – nem com a emergente produção poética digital – que se reduziria, de acordo com essa percepção, à realocação, em outro suporte, de experiências textuais anteriormente realizadas (Rocha, 2014, p. 176).

É necessário destacar que os “booktubers” representam uma nova vertente da crítica literária que reflete a transição das mídias tradicionais para as interações mais dinâmicas e colaborativas das plataformas digitais, influenciando o consumo literário de forma significativa, especialmente entre os jovens. Eles são vistos como parte de um movimento mais amplo de vlogs, um formato de produção de conteúdo em vídeo que tem suas raízes nos blogs, mas com uma abordagem mais dinâmica e pessoal (Aguilar, 2017).

No entanto, a questão que se coloca neste contexto refere-se ao fato de que, nas redes sociais, o conteúdo compartilhado pode receber feedbacks imediatos por meio de curtidas e comentários. Esse mecanismo altera significativamente a dinâmica da relação da autora com a crítica, uma vez que os principais críticos passam a ser seus seguidores, que respondem de forma positiva ou negativa ao conteúdo publicado.

É importante compreender que o virtual não deve ser confundido com o oposto do real, mas sim como algo que complementa e transforma a realidade. Lévy (2011) explora a ideia de que o virtual não é algo separado ou menos autêntico, mas uma dimensão diferente de existência e de interações humanas.

Já o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como um complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores (Lévy, 2011, p. 5).

No contexto virtual as interações se tornam excessivamente mediadas por algoritmos e a visibilidade de muitas autoras enfrenta limitações que vão além do conteúdo que produzem, sendo profundamente influenciada por fatores como região, etnia, gênero e classe social. Essas desigualdades estruturais, já presentes no mundo físico, não apenas se reproduzem no ambiente digital, mas frequentemente são amplificadas pelas dinâmicas das plataformas, que priorizam conteúdos baseados em critérios de popularidade e engajamento superficial. Assim, os problemas sociais e estruturais que enfrentamos na realidade tornam-se inevitavelmente refletidos e, em muitos casos, intensificados nas redes sociais, perpetuando exclusões e criando novos desafios para a democratização da produção e do acesso à informação e à cultura.

As transformações trazidas pelo ambiente digital pode ter contribuído para a formação de uma nova cultura literária, alterando significativamente as relações entre autor, texto e leitor. Nesse contexto, o autor passa a atuar como um facilitador ou “scriptor” (Outerinho, 2009), enquanto o leitor torna-se cada vez mais ativo e colaborativo. O texto, por sua vez, assume um caráter dinâmico e multidimensional, abrindo espaço para novas formas de interação. Além disso, a crítica literária ganha fôlego, pois o meio digital amplia os locais de discussão, incluindo blogs, redes sociais e canais de booktubers (Aguiar, 2017).

A experiência sensorial do leitor também é modificada na medida em que a leitora ou leitor já não segura o livro físico, em vez disso, precisa ligar o dispositivo digital.

[...] destaca-se uma mudança referente à experiência sensorial, na qual o leitor não toca no objeto lido, folheando as páginas com a mão, sentindo o cheiro e visualizando o suporte por completo, mas necessita ligar o dispositivo digital e, com um toque na tela, passa as páginas do texto, não permitindo visualizar toda a dimensão da obra, o que demanda novos gestos e comportamentos do leitor. Isso não ocorre apenas nos suportes digitais, conforme os diferentes estudos da história do livro e da leitura divulgados por Roger Chartier, mas o fenômeno da materialidade digital traz novos elementos para pensarmos sobre seus gestos e comportamentos (Araújo, 2016, p. 72).

De acordo com Araújo (2016), a internet transforma a sociabilidade do universo do livro, pois amplia o compartilhamento de produções e leituras em diversas plataformas (blogs, vlogs, redes sociais, wikis). Isso faz com que as pessoas atuem simultaneamente como escritoras e leitoras, criando comunidades em torno de obras literárias e outras produções, como ocorre com as fanfics. Além disso, passa-se a ter acesso a uma variedade maior de gêneros textuais – alguns reformulados na cultura digital, como a carta convertida em e-mail e o diário em blog, por exemplo.

Conforme discutido por Kirchof e Russini (2023), a difusão das tecnologias digitais deslocou grande parte das práticas de leitura para ambientes virtuais e plataformas, alterando significativamente as formas de produção, distribuição e consumo de textos. Essa transformação ocorre em grande medida devido aos algoritmos e sistemas de recomendação, que passam a atuar

como infomediários, selecionando os conteúdos recebidos por cada leitor com base em análises de dados e perfis de uso. Destaca-se, ainda, a lógica da “plataformização” – estruturada por grandes corporações tecnológicas – e suas consequências para a cultura literária, para a mediação realizada por professores ou bibliotecários e para a formação de leitores. De um lado, abrem-se novas possibilidades de acesso e experimentação; de outro, surge o desafio de preservar a autonomia e o valor crítico da leitura diante de mecanismos comerciais e algoritmos que coletam dados e influenciam comportamentos.

Em vista das mudanças apontadas, torna-se possível vislumbrar a formação de uma cultura literária virtual. A reorganização da relação entre autor, texto e leitor, somada à expansão das práticas de leitura em plataformas digitais e à emergência de novas formas de criação colaborativa (como as fanfics), sinaliza uma reconfiguração profunda nos modos de produzir, distribuir e consumir literatura. Os algoritmos modificam as dinâmicas de acesso e recomendação de conteúdos, ao mesmo tempo em que trazem desafios relacionados à autonomia e à criticidade dos leitores.

CAPÍTULO II

ESCRITORAS/INFLUENCIADORAS/ATIVISTAS/TRABALHADORAS



2. ESCRITORAS/INFLUENCIADORAS/ATIVISTAS/TRABALHADORAS

2.1 Autodefinição: o perfil das colaboradoras

Quando começo a escrever o caderno de campo, me organizo separando sessões diferentes para cada autora, semana após semana. Primeiro, faço as descrições e, em seguida, coloco um título ao lado do nome de cada escritora, inspirado nas minhas primeiras impressões sobre o que vi e descrevi. Cada título é uma porta entreaberta que eu me arrisco a atravessar; é um convite, uma semente de significado que, com o tempo, promete revelar os frutos que surgirão a partir da interpretação dos dados.

Meu caderno de campo, assim como o próprio campo de pesquisa, foi virtual. Isso me deu a liberdade de fazer registros semanais, capturando imagens por meio de prints que, muitas vezes, já foram e ainda serão apresentados aqui. Essas imagens, mais do que simples registros, são fragmentos de um processo dinâmico, uma maneira de congelar momentos e impressões que, com o tempo, vão se conectando e se revelando em cada análise e que também estão sujeitas ao ritmo acelerado da internet, onde tudo pode ser rapidamente apagado e esquecido.

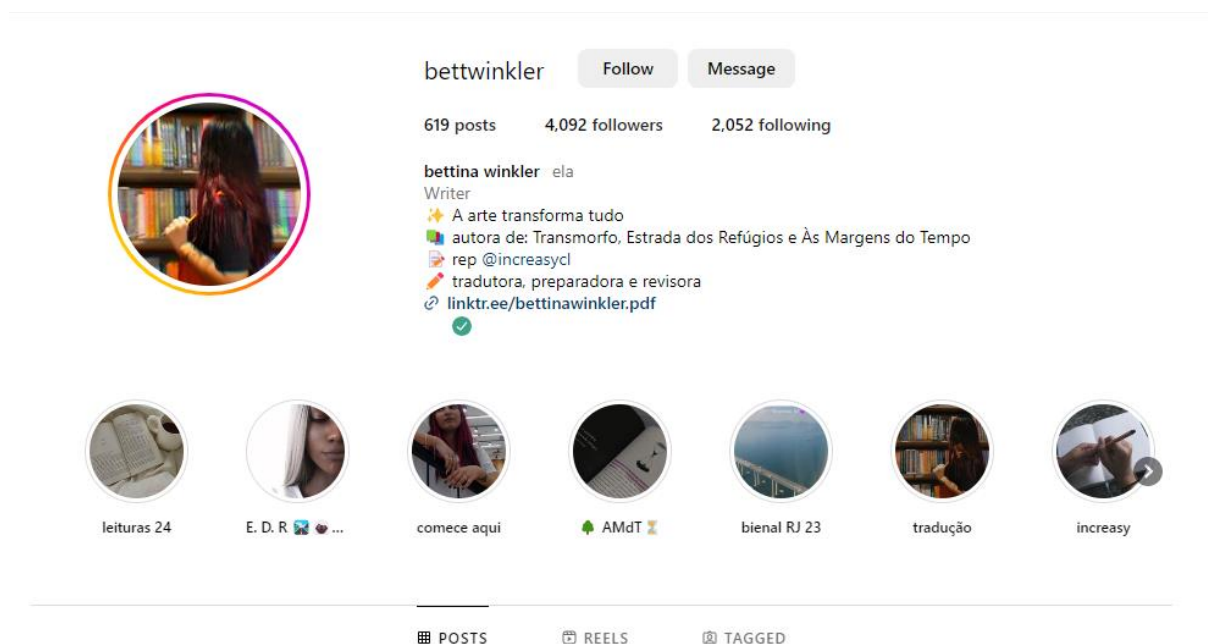
Nesta sessão, apresentarei os perfis das escritoras que aceitaram participar da pesquisa, além das informações coletadas de seus perfis no Instagram e do questionário online respondido individualmente por elas. As cinco escritoras aqui apresentadas mantêm perfis públicos no Instagram há mais de um ano e se definem de diferentes maneiras em suas bios (sessão de biografia), unindo literatura, identidade e estratégias de divulgação de suas obras.

Bettina Winkler, se considera uma mulher negra, cis e heterossexual, nascida e residente em Salvador. Ela publicou de forma independente, pela editora Qualis e participou de uma antologia da Harlequin, além de ter três obras autorais: “Transmorfo”, “Estrada dos Refúgios” e “Às Margens do Tempo”. Em seu perfil, Bettina destaca pronome (“ela”) e funções que exerce (consultora literária, tradutora, preparadora e revisora), deixando claro o caráter profissional de sua atuação, embora também compartilhe aspectos pessoais.

A primeira impressão que tive desse perfil foi de que a autora transmite uma identidade que se distancia dos padrões convencionais de “negritude”, o que me atrai profundamente. O que quero dizer é que ela se apresenta de uma maneira que eu adoraria ver mais mulheres negras fazendo, embora eu entenda que cada mulher deve ter a liberdade de ser ou fazer o que quiser, independentemente das minhas expectativas. Falo aqui da representação das mulheres negras, que muitas vezes é marcada por narrativas de sofrimento e os desafios do racismo que enfrentam. Essas histórias são de fato necessárias e essenciais, pois iluminam injustiças que não devem ser ignoradas.

Contudo, acredito ser igualmente importante reconhecer e celebrar a diversidade de experiências e a força das mulheres negras, além de suas vivências de dor e violência.

Figura 1 – print de tela da bio do perfil de Bettina Winkler



Fonte: @bettwinkler

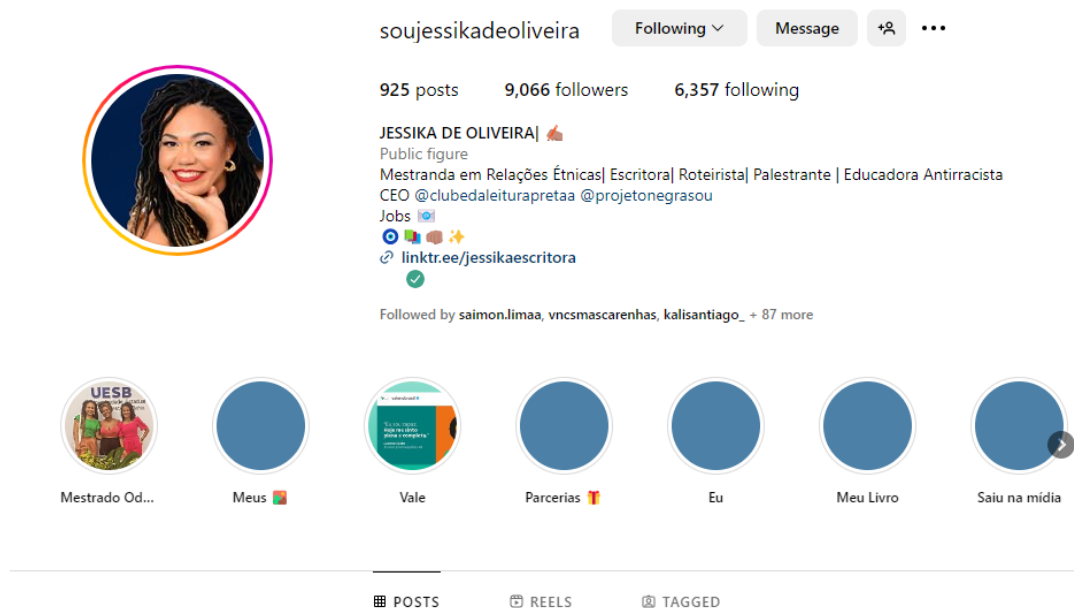
Quando entro no perfil de @soujessikadeoliveira (Jéssika de Oliveira), o que mais me chama atenção imediatamente é sua bio, que indica ser o perfil de uma figura pública. Jessika, que se identifica como mulher negra, cis e heterossexual, nasceu em Baixa Grande e atualmente mora em Jequié. Ela publicou o livro “Festa de Aniversário” de forma independente, é coautora de várias antologias e, em sua bio, inicia a apresentação como acadêmica, seguida por escritora, roteirista, palestrante, educadora e CEO. Seu perfil intercala posts sobre escritos autorais, fotografias pessoais e profissionais, além de reflexões interseccionais relacionadas a temas em pauta na semana.

Ao detalhar sua bio, percebo que ela não se limita a afirmar sua visibilidade online e offline, mas reflete um desejo mais profundo – de se posicionar como uma fonte de inspiração e liderança. Jessika se apresenta como uma personalidade que, com sua presença no Instagram, parece ter como propósito inspirar seus seguidores, oferecendo uma fusão entre seus conteúdos profissionais – o que seria a divulgação de suas viagens e participações em eventos – e pessoais.

Em sua bio, Jessika destaca com orgulho sua trajetória: mestranda em relações étnicas, roteirista, palestrante, educadora antirracista, CEO, escritora e “Rainha do Futuro 2024”. Esses títulos, longe de serem simples adornos, são representações concretas de sua realização pessoal e profissional, mas também se configuram como um desafio aos estereótipos e preconceitos históricos. Eles indicam que a autora deseja destacar que ela tem uma voz potente, conhecimentos

valiosos e é capaz de ocupar diversos espaços de destaque.

Figura 2 – print de tela da bio do perfil de Jessika de Oliveira



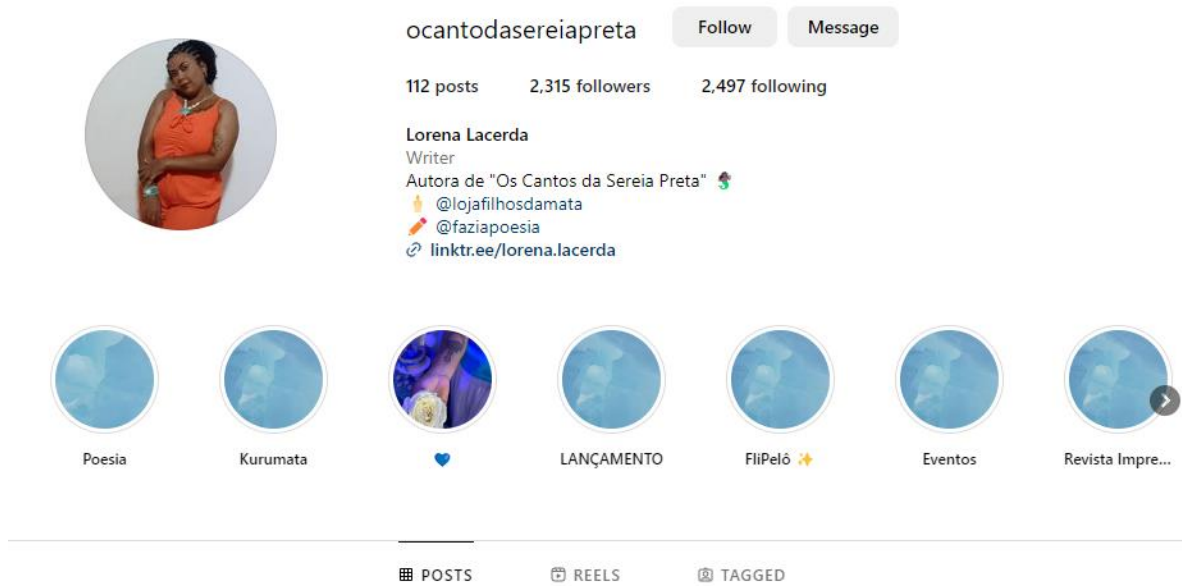
Fonte: @soujessikadeoliveira

Lorena se define na bio como escritora e autora de “Os Cantos da Sereia Preta”, além de divulgar outros dois perfis: “Filhos da Mata” e “Fazia Poesia”. Em diversos cards de divulgação em seu perfil, Lorena se apresenta como poeta. De fato, todo o seu perfil é permeado por poesia, e tanto os cards, como os reels e selfies, indicam claramente que ela não se coloca como escritora de prosa fictícia.

A escolha de Lorena de se referir a si mesma como “poeta” e não “poetisa” merece destaque. A palavra “poetisa”, historicamente, foi criada para distinguir as mulheres que escrevem poesia dos homens, estabelecendo uma separação de gênero que, ao meu ver, é desnecessária. Esse tipo de categorização sugere que o trabalho das mulheres seria de alguma forma diferente ou, até mesmo, menos relevante do que o dos homens.

Ao optar por “poeta”, Lorena desafia essa norma, reafirmando que a habilidade e a arte de escrever poesia transcendem o gênero, reafirmando sua presença em um campo tradicionalmente dominado por homens. Essa escolha linguística, portanto, se torna um poderoso gesto de afirmação da sua autonomia e da sua voz no cenário literário.

Figura 3 – print de tela da bio do perfil de Lorena Lacerda

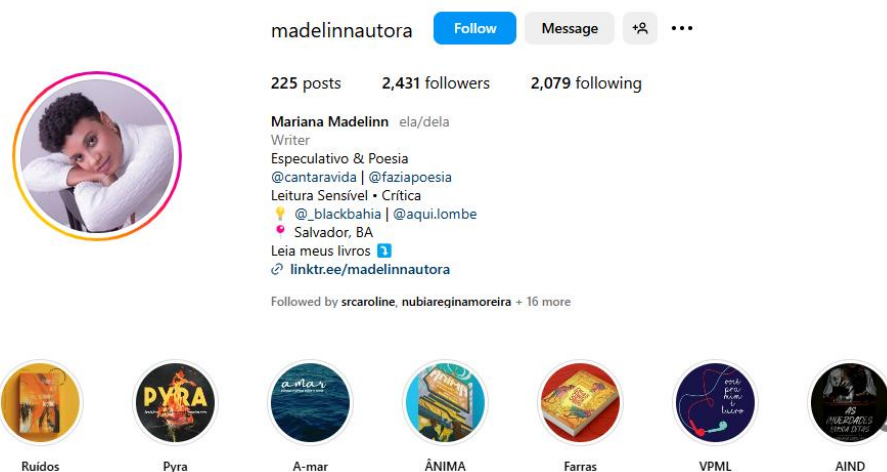


Fonte: @_lorenalacerd

Mariana tem um livro de poesias intitulado “Ruídos de Comunic(ação)” publicado pela editora Mondru, publica poemas na internet, é coautora de diversos romances e possui ainda contos distribuídos em antologias das editoras Corvus, Maria Bonita e Cultura.

Gosto da maneira como Mariana se apresenta no Instagram, começando com uma afirmação clara sobre sua identidade: “@madelinnautora!”. Essa introdução não deixa dúvida de sua posição como autora. Na bio, ela se define como escritora e divulga seu perfil secundário, voltado para poesia, o “cantaravida”, além de outros três perfis. Em letras grandes, ela escreve “Especulativo & Poesia”, o que pode tanto sugerir o conteúdo do seu perfil quanto indicar o nome de um livro. Mariana também faz questão de demarcar seu território, mencionando com orgulho que é de Salvador, Bahia. E, para completar, ela nos faz um convite direto e envolvente: “leiam meus livros”.

Figura 4 – print de tela da bio do perfil de Mariana Madelinn



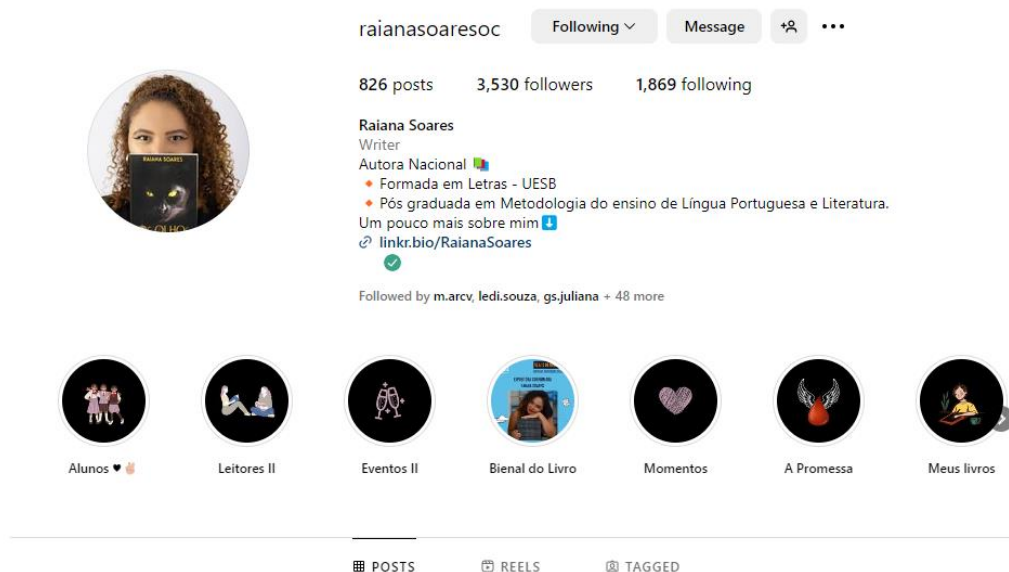
Fonte: @madelinnautora

Raiana Soares se considera mulher negra, cis e heterossexual, nascida e residente em Jequié. Publica seus livros de forma independente e se apresenta como escritora, autora nacional, formada em Letras e pós-graduada em metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura. É autora de “Álamo”, “A promessa”, “Os olhos de Bastet” e poesias. Em sua bio, há um link que nos direciona para sua autobiografia mais detalhada, onde ela compartilha um pouco de sua trajetória acadêmica e como escritora.

Seu feed alterna entre diversos tipos de publicações: cards de eventos nos quais participou, selfies, fotos pessoais e uma seção chamada “opinião dos leitores”, onde ela compartilha prints padronizados de conversas com seu público, mostrando o feedback de leitores sobre os livros que acabaram de ler.

Raiana frequentemente compartilha fotos com outras pessoas — escritoras, alunos, leitores, entrevistadores, entre outros. No entanto, o que realmente se destaca em seu perfil é a presença acentuada de mulheres escritoras que ela divulga, principalmente por meio de anúncios e fotos de eventos em que participa. Isso é extremamente significativo, pois Raiana cria uma rede de solidariedade e apoio, proporcionando um espaço seguro e inspirador para outras escritoras, além de fomentar um ambiente de colaboração e inspiração mútua.

Figura 5 – print de tela da bio do perfil de Raiana Soares



Fonte: @raianasoaresoc

As cinco escritoras selecionaram informações específicas para incluir em suas bios no Instagram, as quais fornecem uma visão concisa de suas identidades e trajetórias profissionais. Ao escolher o que mostrar, essas escritoras constroem uma narrativa de suas carreiras e identidades que vai além da simples biografia.

A autodefinição é um tema central no pensamento feminista negro, especialmente a partir do status de “outsider within”, um conceito que descreve as mulheres negras em suas posições marginais tanto na sociedade quanto no meio acadêmico (Collins, 2016). A autodefinição é vista como um processo crucial em que as mulheres negras rejeitam as imagens estereotipadas impostas por forças externas, como o racismo e o sexismo, para criar suas próprias representações de si mesmas.

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras (Collins, 2016, p. 102).

Ao se autodefinirem, as mulheres negras não apenas contestam a maneira como foram historicamente retratadas, mas também desafiam a ideia de que outras pessoas têm o direito de definir suas identidades. Além disso, Collins destaca que o processo de autodefinição e autoavaliação também envolve uma reinterpretação dos atributos e comportamentos historicamente desvalorizados ou estigmatizados das mulheres negras. Ao abraçar aspectos de sua identidade que foram previamente ridicularizados, elas não só resistem à opressão, mas também validam suas

experiências como válidas e significativas, demonstrando que as mulheres negras têm o direito de definir e avaliar sua condição, longe das visões externas de inferioridade.

Conforme as informações disponibilizadas nas bios de cada escritora, é possível perceber que todas utilizam esse espaço como uma espécie de cartão de visitas profissional e criativo, onde destacam funções e atividades literárias: a maioria se apresenta como escritora, autora de determinadas obras e, em alguns casos, acrescenta outras ocupações, como tradutora, consultora literária, revisora, roteirista ou palestrante; projetos e redes de apoio: há menções a perfis secundários dedicados à poesia, a links (como o Linktree) para reunir conteúdos e a outros perfis literários, sugerindo parcerias ou redes de colaboração; elementos de identidade e localização: algumas destacam a cidade onde nasceram ou onde moram atualmente e, em certos casos, pontuam questões de gênero, raça e orientação sexual, reforçando como esses aspectos são importantes para sua apresentação ao público; convite à leitura: em diferentes perfis, há chamamentos diretos para que os seguidores leiam seus livros ou conheçam suas produções, reforçando o caráter de divulgação do trabalho literário.

Ao observar as prioridades demonstradas nos perfis, percebo que a literatura muitas vezes se vê em competição com diversas outras ocupações e profissões. Na minha visão, nenhuma das autoras colaboradoras desta pesquisa tem a literatura como uma profissão. Entendo que isso reflete a evidente dificuldade que as mulheres enfrentam para se estabelecerem como profissionais da literatura, uma profissão historicamente dominada por homens.

Woolf (2015) explica que a literatura como profissão para mulheres não exigia grandes recursos financeiros ou físicos, o que a tornava acessível às mulheres, mas ao mesmo tempo, o ato de escrever enfrentava obstáculos invisíveis, como o “Anjo do Lar”, a figura idealizada da mulher que se sacrifica, que coloca as necessidades dos outros à frente das suas próprias. Essa figura, representando os estereótipos impostos à mulher, é uma metáfora para as barreiras sociais que dificultam a afirmação das mulheres como escritoras profissionais.

Para Woolf, “matar” o “Anjo do Lar” era necessário para que ela pudesse se libertar das expectativas de feminilidade que a impediam de se expressar livremente como escritora.

2.2 A liberdade de se autoanunciar escritora

É importante considerar como as escritoras se apresentam em seus perfis no Instagram. Parto do pressuposto de que o primeiro elemento enunciado sinaliza aquilo que a autora considera mais relevante e deseja que seja retido pelos visitantes do perfil.

Em perfis profissionais no Instagram, é possível selecionar uma categoria para representar o perfil – uma delas é a categoria “Escritor(a)”. Quase todas as colaboradoras desta pesquisa escolheram essa categoria, exceto Jéssika de Oliveira, que optou pela categoria “Figura pública”.

A classificação de uma pessoa como figura pública é um tema ainda pouco abordado. No entanto, no entendimento do senso comum, figuras públicas são aquelas pessoas amplamente reconhecidas pelo público, como políticos, atletas ou celebridades.

Ao se anunciar como “Figura pública”, Jéssika adota uma estratégia de autopromoção, sinalizando que é reconhecida e que sua vida ou atividades podem ser interessantes para um público mais amplo. Essa escolha reforça a ideia de visibilidade e credibilidade junto aos seguidores, uma vez que o rótulo de “Figura pública” projeta uma imagem de relevância social, convidando as pessoas a considerarem sua atuação e seu conteúdo como algo digno de atenção.

Bettina Winkler, apresenta-se primeiro como escritora e autora de suas obras, para depois se identificar como tradutora, preparadora e revisora. Jessika de Oliveira, por sua vez, destaca inicialmente o fato de ser mestrande e só depois se coloca como escritora. Já Lorena Lacerda se define como autora de sua obra e Raiana Soares como autora nacional, enquanto Mariana Madelinn simplesmente categoriza seu perfil como escritora.

Essas formas de apresentação são relevantes para a pesquisa, pois a proposta é trabalhar com escritoras. Ainda assim, o Instagram concede liberdade para que cada pessoa se anuncie profissional ou artisticamente, o que nem sempre condiz com a prática diária do perfil. Inserir “acadêmica” na bio, por exemplo, não implica necessariamente que o conteúdo seja predominantemente acadêmico. Da mesma forma, dizer-se “escritora” não garante que os posts se concentrem majoritariamente em livros ou no processo de escrita.

É importante destacar que, concordando com Collins (2016), o simples fato de as mulheres negras se autodefinirem valida seu poder como sujeitos humanos, independentemente do conteúdo de suas definições.

Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos (Collins, 2016, p. 104).

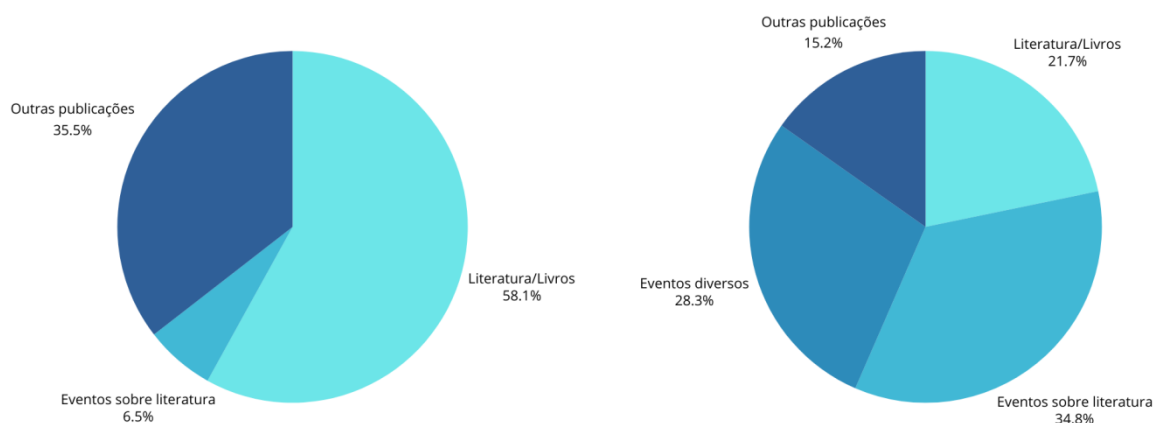
Em seus perfis, as colaboras assumem diversas funções, elas não só escritoras, são trabalhadoras, ativistas e, sobretudo, influenciadoras. Jessika de Oliveira mantém uma interação contínua, estando sempre online, já que toda vez que entro em seu perfil, há um story (publicações disponíveis temporariamente) postado a menos de 24 horas, respondendo quase todos os comentários em suas postagens e usando hashtags (usada para marcar e categorizar conteúdos) estratégicas (como #jessikaescritora); Raiana Soares, se destaca ao incorporar trends (tendências de comportamento, comunicação e compra) e interagir ativamente com seu público.

O uso de hashtags populares e a constante interação com os seguidores demonstram sua atenção às dinâmicas da plataforma, o que potencializa o alcance de seu conteúdo. Essa capacidade de se engajar com as tendências e de criar uma conexão contínua com seu público é uma característica essencial de influenciadores digitais.

Pensando na forma como as colaboradoras se autoenunciam e nos conteúdos de seus perfis, realizei um levantamento durante a pesquisa de campo para identificar o tipo de publicação que elas mais compartilham em suas páginas. As publicações feitas pelas autoras durante o período da pesquisa estão representadas nos gráficos abaixo. Foram analisadas as primeiras cinquenta publicações de cada uma delas, levando em consideração o conteúdo compartilhado em seus feeds.

De forma geral, Bettina Winkler e Mariana Madelinn destacam-se por produzir mais conteúdos relacionados a livros e literatura. Isso inclui “recebidos” que, no universo das influenciadoras, refere-se a itens enviados por editoras, marcas ou outras empresas, que as autoras recebem gratuitamente para promover ou divulgar. Essas publicações, portanto, podem tanto envolver materiais próprios quanto materiais de terceiros.

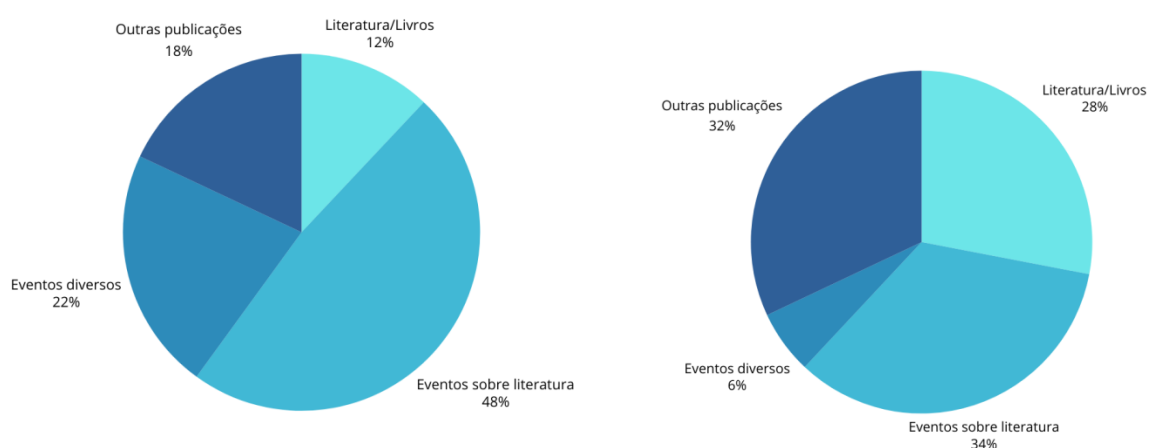
Figura 6 – gráficos @bettwinkler e @madelinnautora



Fonte: elaboração própria

Enquanto no perfil de Raiana Soares e Lorena Lacerda há mais ênfase na divulgação de eventos literários. No geral, essas autoras fazem duas ou mais publicações para divulgar o mesmo evento.

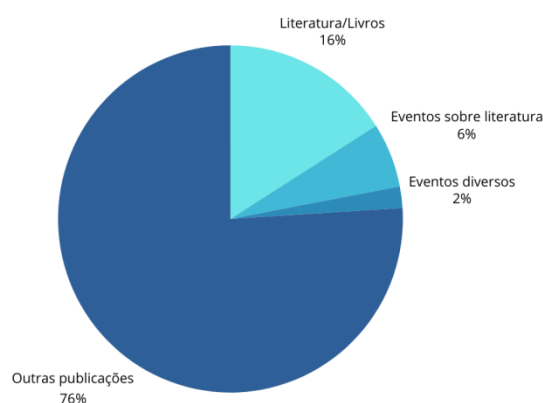
Figura 7 – gráficos @raianasoaresoc e @_lorenalacerd



Fonte: elaboração própria

No perfil de Jessica de Oliveira, observa-se uma predominância de conteúdo diverso, com menos publicações voltadas diretamente para literatura. Isso reflete uma tendência comum entre escritoras que também atuam como influenciadoras, onde o conteúdo literário muitas vezes fica em segundo plano em relação a outros tipos de postagens, como reflexões pessoais, *lifestyle*, e temas sociais. Nesse caso, o perfil de Jessica é um exemplo de como o conteúdo relacionado à vida cotidiana, posicionamentos sobre questões sociais ou momentos do seu cotidiano podem se sobressair sobre o foco puramente literário, algo que é característico da estratégia de influenciadores que buscam criar uma conexão mais ampla e pessoal com seu público, indo além da promoção de suas obras.

Figura 8 – gráfico @soujessikadeoliveira



Fonte: elaboração própria

De forma geral, observa-se que há pouco conteúdo diretamente relacionado à literatura nos perfis das escritoras, com o papel de influenciadora se destacando. Isso pode sugerir que, para

muitas delas, a escrita é mais um ponto de conexão do que necessariamente a prioridade em suas vidas. Talvez a palavra "prioridade" não seja a mais adequada, pois, quando a escrita é vivida como uma verdadeira vocação, como aquilo que guia nossa percepção de mundo e nossa existência, ela naturalmente se torna o foco de nossas expressões, tocando-nos de maneira profunda, enquanto o restante fica em segundo plano.

É importante também considerar que a linguagem das redes sociais tende a ser resumida e sintética, o que pode dificultar o desenvolvimento de narrativas literárias nesse ambiente. No entanto, quando mulheres se autodefinem como escritoras, espera-se que essa seja uma parte fundamental de sua vida, algo que elas gostariam de compartilhar, pois consideram relevante.

Os perfis das colaboradoras não parecem priorizar o engajamento literário, como indicações de livros, críticas ou resenhas sobre suas obras e as de outros autores. Em vez disso, são perfis multifacetados, que refletem suas identidades como influenciadoras, ativistas, trabalhadoras e outras facetas de suas vidas, com o objetivo de engajar seu público de maneiras diversas na plataforma.

É importante também pensarmos sobre o conceito de “escritora”. Concordo com Simone Michelle Silvestre (2007), em um estudo sobre o discurso de Ana Maria Machado, que ser escritor(a) não se resume simplesmente a escrever um livro. A trajetória que a autora analisa no discurso de Ana Maria Machado sugere que ser escritor envolve um processo contínuo e multifacetado. A escritora é apresentada não apenas como alguém que escreve, mas como uma profissional que evolui ao longo do tempo, desde sua formação como leitora até a prática constante da escrita, que é essencial para o reconhecimento e consolidação da sua identidade como escritora.

Silvestre aponta que Machado projeta a figura do escritor como alguém que não apenas cria, mas que busca ativamente ser reconhecido e respeitado por meio de sua produção literária. Para ela, ser escritora implica em uma identidade construída ao longo do tempo, sustentada pela prática da escrita e pela publicação constante de obras. Em sua análise, o reconhecimento social e profissional é uma parte crucial dessa trajetória, pois é por meio desse reconhecimento que a escritora se firma no campo literário.

Essa perspectiva amplia a visão de ser escritor, não como algo que ocorre no momento único de escrever um livro, mas como um processo contínuo de construção de identidade, prática e profissionalização.

Entretanto, também acredito que é preciso considerar a ideia de que nenhuma identidade é fixa, mas construída discursivamente, pensando o sujeito como plural, heterogêneo e contingente, ou seja, em constante construção e reinterpretação. O “ser” em termos de identidade é, portanto, desafiado, pois a identidade não é algo dado, mas algo que se realiza e se realiza em um processo contínuo de “estar sendo”, o que implica em uma constante reconstrução social e discursiva (Mariano, 2005).

As colaboradoras desta pesquisa estão “sendo” escritora, em um processo contínuo de produção de si mesma e de suas narrativas. Elas se definem e se redefinem a partir das interações que tem com o seu público. A escritora, portanto, se “produz” através de suas obras, e dessa prática constante de engajamento online, com o discurso e com as lutas políticas e sociais em que ela se insere.

2.3 Autoras negras do Sol e de Salvador

Ao reler meu caderno de campo, me deparei com uma série de reflexões sobre o papel da etnicidade e gênero na construção da identidade de autoras negras baianas aqui apresentadas. Percebi que a etnicidade das colaboradoras estavam intimamente ligadas a suas próprias narrativas. A etnicidade, que eu entendi como uma construção social que pode ser fluida, se apresenta aqui como uma forma de afirmar a diferença entre as autoras do sol (Jequié) e as autoras da capital da Bahia.

O mais interessante foi observar como essas autoras, tanto de Salvador quanto de Jequié, se apropriam de suas histórias e identidades de maneiras distintas. Salvador, com sua intensa herança cultural negra, oferece um espaço de maior visibilidade, mas também de comercialização da cultura negra, onde a luta pela igualdade ainda está em curso. Já as escritoras de Jequié, ao se autodenominarem “autoras do sol”, criam uma conexão profunda com seu território, e essa identificação local se reflete em sua produção literária e ativismo. Essas autoras, ao reivindicarem seu espaço no mercado literário, estão moldando a narrativa da negritude e resistência de uma forma única, interligando sua história pessoal com a história coletiva da cultura negra baiana.

Acredito ser fundamental abordar aqui um debate sobre alguns conceitos-chave nesta pesquisa, como etnicidade e raça. A etnicidade, enquanto conceito que ajuda a entender as relações sociais contemporâneas, está profundamente ligada à globalização. Ou seja, ela está associada a processos que fazem com que pessoas e objetos circulem cada vez mais por diferentes regiões do mundo, conectando culturas e territórios de maneira cada vez mais intensa (Acuña, 2023). A etnicidade nesta pesquisa é vista como

uma forma de ação que permite diferenciar as pessoas que fazem parte de um grupo daquelas que estão fora. Seja no sentido grego de “etnia”, para descrever os que não eram cidadãos da pólis, seja nos sentidos que ganha globalmente desde o século XIX para caracterizar as distintas comunidades em um Estado-nação, a etnicidade constitui uma das mais valiosas formas de explicação para a identidade e a diferença num mundo contemporâneo cada vez mais marcado pelo encontro conflituoso e original entre coletividades com seus irredutíveis mundos simbólicos e afetivos (Acuña, 2023, p. 142).

A etnicidade frequentemente se confunde com outra forma de classificação, a de raça. Stuart Hall acredita que o conceito de Etnicidade muitas vezes gera discursos que se contrapõe ao conceito

de Raça, no entanto, essa oposição entre Etnicidade e Raça pode ser delineada de forma simplista, de forma que

O racismo biológico privilegia marcadores como a cor da pele. Esses significantes têm sido utilizados também, por extensão discursiva, para conotar diferenças sociais e culturais. A “negritude” tem funcionado como signo da maior proximidade dos afro-descendentes com a natureza e, *conseqüentemente*, da probabilidade de que sejam preguiçosos e indolentes, de que lhes faltem capacidades intelectuais de ordem mais elevada, sejam impulsionados pela emoção e o sentimento em vez da razão, hipersexualizados, tenham baixo autocontrole, tendam à violência etc. Da mesma forma, os estigmatizados por razões étnicas, por serem “culturalmente diferentes” e, portanto, inferiores, são *também* caracterizados em termos físicos (embora talvez não tão visivelmente quanto os negros), sustentados por estereótipos sexuais (os negros seriam excessivamente masculinizados, os orientais afeminados etc.) (Hall, 2003, p. 70, grifo do autor).

Embora a etnicidade possa existir independentemente da raça e vice-versa (Sansone, 2004), ambas categorias são frequentemente entrelaçadas e utilizadas de forma intercambiável na sociedade, com a “raça” enfatizando características físicas e a etnicidade envolvendo aspectos culturais e simbólicos do grupo.

Um dos desafios de pensar a diferença é a tendência de congelá-la e transformá-la em uma coisa (Machado, 2015). Hall afirma que

Se considerarmos a teoria do discurso, por exemplo - o pós-estruturalismo ou Foucault – veremos que ali, não apenas o deslocamento da prática para o discurso, mas também a forma como a ênfase sobre a diferença – sobre a pluralidade dos discursos, sobre o perpétuo resvalar do significado, sobre o infinito deslizamento do significante – ultrapassa hoje o ponto onde ela é capaz de teorizar as irregularidades necessárias de uma unidade complexa ou mesmo a ‘unidade na diferença’ de uma estrutura complexa (Hall, 2003, p. 162).

Hall propõe não substituir a diferença pela unidade, mas repensar ambas a partir da “articulação”, ou seja, “uma conexão ou vínculo que não é necessariamente dada em todos os casos, como uma lei ou fato da vida, mas algo que requer condições particulares para sua emergência” (Hall, 2003, p. 196). Essa ideia de articulação nos convida a entender as diferenças não como categorias fixas, mas como construções que dependem de contextos específicos e relações dinâmicas entre os sujeitos.

No período em que surgiam os debates pós-modernos e pós-estruturalistas na academia norte-americana, houve uma desestabilização acentuada de certezas, desintegração de epistemologias e a exploração das diversas opressões decorrentes das diferenças entre as mulheres dentro do feminismo. O feminismo da diferença ressalta as inscrições socioculturais dos sujeitos além do gênero, o que abrirá curso para a análise, posteriormente, da interseccionalidade do gênero (Costa e Ávila, 2021).

O desafio a uma análise ancorada somente na diferença de gênero dentro do feminismo norte-americano surgiu a partir das intervenções das feministas não-

brancas, particularmente as feministas negras. Argumentando que a opressão das mulheres não poderia ser entendida unicamente pelo viés da diferença de gênero, feministas negras, judias, lésbicas, operárias, do ‘Terceiro Mundo’ e chicanas, entre outras (ou uma mistura de todas essas categorias) demandaram atenção para as diferenças múltiplas entre as mulheres, abrindo, portanto, o espaço para o que mais tarde veio a ser denominado abordagem interseccional, a qual expandiu o conceito de gênero e passou a formulá-lo como parte do conjunto heterogêneo das relações móveis, variáveis e transformadoras do campo social (Costa; Ávila, 2021, p. 13).

Gloria Anzaldúa reflete sobre o surgimento de uma perspectiva interseccional alinhada aos estudos feministas partindo do princípio de que nenhuma subjetividade histórica complexa pode se reduzir à categorias fixas e desconectadas entre si, enfatizando a necessidade de se manter uma perspectiva de alianças, considerando a especificidade histórica de cada luta (Costa; Ávila, 2021). Nem todos nós vivemos as mesmas opressões, mas podemos ter “empatia e nos identificarmos com as opressões enfrentadas pelos outros” (Anzaldúa, 2021, p. 87).

É possível observar quando as categorias “mulher negra” e “literatura negra” são acionadas e como ambas se manifestam nos perfis das escritoras. Em alguns casos, a categoria “literatura negra” aparece de forma mais explícita, com autoras que discutem diretamente suas obras e seu papel no universo literário negro. Elas destacam o poder transformador da arte e o impacto do engajamento em feiras literárias, colocando sua literatura no centro das suas postagens. Essas escritoras também fazem uma conexão direta com a literatura negra ao dar visibilidade a narrativas que protagonizam personagens negros e abordam questões de identidade e ancestralidade negra. A participação em eventos literários e a divulgação de suas obras reforçam a literatura negra como um espaço de resistência e de expressão cultural para mulheres negras.

A categoria “mulher negra” é acionada diversas vezes nos perfis das colaboradoras, quando se posicionam como figuras públicas, influenciadoras ou ativistas. Elas buscam dar visibilidade à sua identidade negra e feminina em diversos espaços, utilizando frequentemente hashtags como #escritoranegra e outras que fortalecem seu status social e destacam sua presença como mulher negra influente.

Quando as autoras se afirmam como escritoras negras, escritoras baianas, escritoras bissexuais, etc., seus perfis ganham uma dimensão de ativismo que vai além da simples divulgação de suas obras, ocupando não só um espaço dentro da literatura, mas também fortalecendo a visibilidade e o protagonismo de outras mulheres negras. Seus perfis se transformam em plataformas de afirmação de território, onde o engajamento com suas identidades – como mulher negra, com suas raízes regionais, sexualidade e como escritoras – ocupa um papel central.

Figura 9 – publicação de Lorena Lacerda



Fonte: @_lorenalacerd

Figura 10 – publicação de Raiana Soares



Fonte: @raianasoaresoc

Figura 11 – publicação de Mariana Madelinn



Fonte: @madelinnautora

Figura 12 – publicação de Jessika de Oliveira



Fonte: @soujessikadeoliveira

Figura 13 – publicação de Bettina Winkler



Fonte: @bettwinkler

Acredito que ao se definirem como escritoras baianas, essas autoras conectam-se com uma rica tradição cultural e literária da Bahia, e ao mesmo tempo, fazem um movimento de afirmação local que amplia o alcance de sua obra e sua representatividade. Esse ativismo, que transita pela identidade negra e regional, transforma seus perfis em espaços de resistência e fortalecimento coletivo, convidando outras mulheres negras a se reconhecerem e a se posicionarem no cenário literário e social.

Todas as colaboradoras aqui colaboram para a construção de um pensamento negro feminista focado em mulheres negras baianas, levando em conta a sua realidade e suas experiências como escritoras, o que é uma forma de resistência às representações negativas impostas pelos brancos, bem como às práticas discriminatórias que sustentavam essas representações (Collins, 2019).

Essas autodefinições da condição feminina negra foram pensadas para resistir às imagens de controle negativas da condição feminina negra promovidas pelos brancos e às práticas sociais discriminatórias que essas imagens de controle sustentavam. Em suma, a participação das mulheres negras na elaboração de uma cultura afro-americana em constante mudança estimulou visões de mundo especificamente negras e centradas nas mulheres (Collins, 2019, p. 11).

Segundo Sansone (2004), “a identidade, até certo ponto, tem-se dado no campo das mercadorias, criado pelo uso de objetos comercializados sob a forma de mercadorias de produção

étnica” (Sansone, 2004, p. 15). Este fenômeno está profundamente ligado à maneira como a sociedade contemporânea, em grande parte mercantilizada, trata aspectos como a etnicidade e a cultura, como itens de consumo. Em uma sociedade onde tudo é, de certa forma, transformado em mercadoria – incluindo os valores, as tradições e as identidades –, autoras negras, ao promoverem suas obras, acabam por entrar nesse mercado onde a literatura é comercializada não apenas como um produto, mas como uma forma de afirmação identitária.

Ao se promoverem como mulheres negras ou escritoras negras, as autoras também negociam sua identidade, fazendo dela um produto que atende às demandas de uma sociedade que consome tudo – inclusive o que é culturalmente significativo. Dessa forma, a identidade negra, em muitas ocasiões, é processada e consumida de acordo com os padrões do mercado editorial e das redes sociais.

Essa dinâmica revela a complexa relação entre a criação de uma identidade e a comercialização dessa mesma identidade. Nesse cenário, as autoras negras podem fazer de sua etnia uma marca, expondo as contradições de uma sociedade que, ao mesmo tempo em que busca promover a diversidade e a inclusão, muitas vezes a reduz a um produto de consumo.

Escritoras de Salvador e de Jequié trazem perspectivas diferentes que as escritoras negras podem ter sobre sua negritude e pertencimento. Salvador é uma cidade profundamente marcada pela presença da população negra, tanto histórica quanto culturalmente. Juntamente com a Bahia, é um centro de produção da cultura negra no Brasil, reconhecida internacionalmente pela sua herança africana.

Embora a população negra represente a maior parte da cidade, com mais de 80% de seus habitantes sendo pretos ou pardos, a ideia de uma integração racial plena ainda é um mito (Sansone, 2004). A população negra, em sua maioria, continua a ocupar posições sociais mais baixas, e a cultura negra é muitas vezes comercializada e consumida sem um reconhecimento real da luta e resistência que a acompanha.

Sansone (2004) destaca que a percepção e a experiência da raça e da identidade étnica são influenciadas por fatores como classe, geração, profissão, posição geográfica e gênero, especialmente nas grandes cidades. Nessas metrópoles, as identidades são frequentemente moldadas por uma variedade de estilos de vida, modismos e influências culturais.

Longe de serem universais, a percepção e a experiência da raça e da identidade étnica são mediadas pela classe, pela geração, pela profissão, pela posição geográfica e pelo gênero. Isso se aplica particularmente às grandes cidades, onde as pessoas definem suas identidades individuais e sociais espelhando uma multiplicidade de estilos (de vida), modismos e identidades. Ou seja, a identidade étnica se constrói em relação a outras identidades sociais, e é sempre dada e conquistada, no sentido de que a visão das pessoas de fora co-determina as maneiras pelas quais um grupo étnico se (re)descobre (Sansone, 2004, p. 255).

No entanto, ao analisarmos a identidade étnica de Jequié, vemos como essas características podem se manifestar de forma diferente em contextos mais locais e específicos.

As dinâmicas socioeconômicas de Jequié e Salvador evidenciam trajetórias urbanas contrastantes, ainda que também revelem pontos de convergência no contexto da Bahia contemporânea. Segundo Marcelo (2020), Jequié estruturou-se como uma cidade média de base regional, articulada inicialmente pela ferrovia e posteriormente pelo comércio e serviços locais, mas sofreu processos recorrentes de retração e desigualdade socioespacial, especialmente a partir da década de 1960. Seu espaço urbano expressa fortes marcas de descontinuidade no crescimento econômico, dependente de setores frágeis como o de confecções, cujas tentativas de revitalização não conseguiram consolidar um desenvolvimento sustentável. Em contrapartida, Salvador, como aponta Sansone (2021), desenvolveu-se sob a influência de fluxos globais, atuando como um polo histórico e cultural negro no Atlântico Sul. A capital baiana experimenta uma economia mais diversificada, mas permanece marcada por profundas desigualdades raciais e territoriais, com forte segregação urbana e informalidade, resultado de um processo de racialização ambíguo, no qual a celebração da mestiçagem muitas vezes obscurece as estruturas de exclusão.

Em comum, Jequié e Salvador partilham a reprodução de desigualdades internas e a necessidade constante de intervenção estatal para reequilibrar o acesso à infraestrutura urbana, ainda que, em escalas distintas, Salvador se insira mais plenamente nos circuitos culturais e econômicos globalizados, enquanto Jequié mantém-se predominantemente inserida no circuito regional da economia baiana.

Vale destacar que as escritoras de Salvador, por estarem na capital, têm mais oportunidades de participar de eventos literários, o que facilita o acesso a redes de visibilidade e circulação de suas obras. Isso cria uma dinâmica distinta em comparação com as autoras do interior, como as de Jequié, que enfrentam desafios adicionais devido à distância geográfica e às menores oportunidades de inserção no circuito literário nacional.

Enquanto nas grandes cidades a identidade étnica tende a ser mais diversa e influenciada por uma variedade de fatores externos, como a globalização, a urbanização e a constante interação entre diversas culturas e etnias, a identidade em Jequié se constrói com base em elementos mais locais. A etnicidade, nesse contexto, está diretamente ligada ao pertencimento a um espaço geográfico específico, no qual o povo negro de Jequié se reconhece, principalmente, nas suas experiências cotidianas vividas na cidade. Talvez, esse pertencimento esteja relacionado a aspectos como a convivência em uma comunidade mais tradicional, onde as práticas culturais, as festas típicas, a música, a culinária e as religiões de matriz africana têm grande presença e relevância.

Jequié, conhecida como a “Cidade Sol” devido ao seu clima quente e ensolarado, oferece uma perspectiva distinta sobre a formação da identidade étnica e cultural. As escritoras de Jequié,

ao se autodenominarem “autoras do sol”, fazem referência direta ao território. Essa identificação reflete uma conexão com a cidade e com seu ambiente, influenciando a maneira como essas autoras se posicionam em relação à sua cultura e à sua identidade.

Figura 14 – publicação de Raiana Soares



Fonte: @raianasoaresoc

A análise da relação entre etnicidade, identidade e pertencimento revela como Bettina, Mariana, Jessika, Raiana e Lorena, em diferentes contextos, se apropriam de suas identidades para resistir a representações negativas e fortalecer a visibilidade de suas lutas. Ao mesmo tempo, o conceito de etnicidade se mostra fluido e contextual, refletindo as complexas dinâmicas de poder e resistência que envolvem a produção de cultura no Brasil contemporâneo. Em última análise, a construção da identidade negra, tanto nas grandes cidades quanto no interior, é um processo dinâmico, multifacetado e profundamente enraizado nas experiências locais e globais das mulheres negras.

2.4 A dinâmica capitalista dos algoritmos

No ambiente virtual, as escritoras precisam se ajustar às dinâmicas das plataformas digitais. Como já mencionado, elas acabam assumindo características típicas de influenciadoras assim que se inserem nas redes sociais. De acordo com Hine (2020) e Noveli (2010), não há uma separação clara entre o online e o offline. Assim, ao construir suas presenças digitais, as escritoras estão, na verdade, incorporando comportamentos que se refletem também em suas rotinas cotidianas. A figura pública da escritora se mantém dessa forma, tanto no ambiente digital quanto no físico.

No Instagram, todos os usuários dependem dos algoritmos para que seu conteúdo alcance o público desejado. Esses algoritmos, assim como os sistemas de inteligência artificial (IA), não são isentos de vies; ao contrário, eles carregam as influências de seus criadores e do contexto social em que foram desenvolvidos.

algoritmos são sistematizações de procedimentos encadeados de forma lógica para realizar tarefas em um espaço computacional. O termo “algoritmo” ganhou popularidade global por nomear de forma simplificada a mediação automatizada de decisões sobre questões de interesse público, como a presença, a ausência ou a saliência de conteúdo nas *timelines* do Facebook. De acordo com Zeynep Tufekci, tais algoritmos de recomendação de conteúdo podem ser vistos como “*gatekeepers* atuando com agência computacional” e são “capazes de moldar o conteúdo que espectadores recebem de um modo individualizado, sem se tornarem visíveis” (Silva, 2022, p. 60, grifo do autor).

Partindo da premissa do senso comum, que afirma que “conhecimento é poder” e que todos agora têm acesso ao conhecimento pela internet, surge a ideia de que a internet democratiza o conhecimento. Quanto mais pessoas têm acesso a esse saber, mais o poder se descentraliza. No entanto, a proposta de “colonialismo de dados” de Faustino e Lippold (2023) parte da premissa de que o novo colonialismo não é apenas uma questão de exploração econômica, mas também de expropriação de dados, com as grandes corporações de tecnologia controlando as informações e influenciando diretamente as vidas de pessoas ao redor do mundo, especialmente as de grupos marginalizados. Nesse contexto, as tecnologias são vistas como ferramentas que servem aos interesses do capital, perpetuando desigualdades e hierarquias raciais.

Faustino e Lippold (2023) também concluem que o acesso à internet é desigual, com uma presença menor de pessoas negras nas plataformas digitais e que o mal-estar digital não é igualmente distribuído, afetando de forma mais intensa os grupos marginalizados. Esse desequilíbrio evidencia como as dinâmicas digitais reforçam as desigualdades sociais e raciais, ampliando a exclusão e a invisibilidade de certos grupos na esfera online.

Em nossa era, somos muito mais controlados do que em qualquer outra época, pois a vigilância e o controle se intensificaram com o avanço das tecnologias digitais. Nesse contexto, a acumulação primitiva de dados, segundo Faustino e Lippold (2023), emerge como uma nova forma de exploração. Os dados, que antes eram simplesmente informações, se tornaram a mercadoria fundamental das grandes corporações de tecnologia, alimentando o que se conhece como capitalismo de vigilância. Essa forma de capitalismo se baseia na coleta e comercialização de dados pessoais, transformando-nos em produtos, constantemente monitorados e controlados por sistemas que moldam nossas escolhas e comportamentos.

A sociedade onde se medeiam os caminhos e os sentidos do assombroso desenvolvimento tecnológico em curso segue sendo a velha sociedade capitalista, em todas as já conhecidas facetas da automação voltada à extração e valorização do

valor, mas essa “velha” demonstra ter rejuvenescido ao dar à luz “novas” possibilidades de exploração e dominação (Faustino; Lippold, 2023, p. 33).

Essa dinâmica capitalista nas redes sociais, onde o valor de um criador de conteúdo está atrelado à sua capacidade de gerar lucro, induz muitos a tratar a arte e a criação como produtos a serem consumidos. No Instagram, por exemplo, as influenciadoras são compelidas a firmar parcerias com marcas, recebendo pagamentos para promover produtos, seja de forma sutil ou explícita, nas postagens. A monetização se dá principalmente por meio de anúncios patrocinados e promoções de produtos, em que as influenciadoras inserem links de afiliados ou publicam conteúdos diretamente relacionados a marcas que as contratam. A plataforma, portanto, torna-se essencial para essas parcerias comerciais, já que a interação constante com os seguidores – o engajamento – é crucial para que as marcas obtenham retorno sobre seus investimentos (Bacelar, 2021).

Nesse contexto, é natural que escritoras que buscam reconhecimento e valorização de seu trabalho no Instagram acabem construindo uma identidade de influenciadoras digitais, muitas vezes em detrimento de uma autenticidade literária. A criação de conteúdo nas redes sociais, então, transcende a mera expressão criativa e se transforma em uma atividade profissional, onde o constante engajamento com a audiência e a manutenção de um padrão elevado de qualidade são exigências para o sucesso. Isso exige que as influenciadoras, ao mesmo tempo em que devem ser criativas, também desenvolvam habilidades para gerenciar suas marcas pessoais como se fossem empresas, com foco na monetização e no crescimento constante da visibilidade. Essa profissionalização do trabalho de influenciadora reflete a tendência das redes sociais em transformar a arte e a criatividade em produtos comercializáveis, sempre moldados pelas expectativas do mercado e das marcas.

A dinâmica capitalista que permeia o Instagram transforma essa plataforma em uma poderosa ferramenta de marketing digital. Se compararmos com o Facebook e o Youtube, os anúncios no Instagram são vistos como mais interessantes, devido à personalização e a segmentação mais precisa em relação aos interesses dos usuários (Au-Yong-Oliveira et al., 2020).

No início da última semana da minha pesquisa de campo, considerei importante levar em conta também as propagandas que apareciam nos perfis das autoras, já que quanto mais eu entrava nos perfis, mais eu tinha a sensação de que apareciam mais propagandas para mim. Tendo isso em vista, decidi fazer um levantamento durante os últimos cinco dias da pesquisa de campo para tentar entender as dinâmicas de publicidade com base na minha própria experiência.

Acompanhando durante um minuto por dia os anúncios que apareciam nos perfis das colaboradoras, foi possível comparar o comportamento dos anúncios entre as escritoras participantes desta pesquisa e um grupo de controle composto por autoras de diferentes estados. A

análise dos anúncios exibidos, com base nas tabelas apresentadas, revela padrões interessantes sobre a relação entre a presença de propagandas e o perfil das escritoras, suas localizações geográficas, e o comportamento do usuário.

Entre as escritoras que participam desta pesquisa, o número de anúncios variou de 24 a 38 ao longo dos cinco dias de coleta de dados.

Tabela 7 – anúncios: colaboradoras da pesquisa

| Dia/horário | Número de propagandas | | | | |
|--------------|-----------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| | Jessika | Bettina | Lorena | Mariana | Raiana |
| Dia 1/21h30 | 8 | 5 | 8 | 8 | 9 |
| Dia 2/09h05 | 9 | 4 | 7 | 4 | 9 |
| Dia 3/10h27 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Dia 4/17h02 | 10 | 11 | 9 | 9 | 7 |
| Dia 5/15h20 | 11 | 11 | 8 | 3 | 4 |
| Total | 38 | 31 | 32 | 24 | 29 |

Fonte: elaboração própria

As escritoras que participam desta pesquisa apresentaram um número razoável de anúncios ao longo dos dias de observação. Embora o número de anúncios varie entre os dias, a média geral ficou em torno de seis a oito anúncios por dia.

No grupo de controle, que inclui escritoras negras baianas com maior número de seguidores e engajamento, nenhum anúncio apareceu durante o acompanhamento. Apesar de essas escritoras terem mais seguidores e maior engajamento do que as colaboradoras, o fato de não terem sido exibidos anúncios pode indicar que o número de seguidores, por si só, não é o único fator determinante para a exibição de propagandas. Isso sugere que o meu comportamento como usuária ao interagir com esses perfis teve impacto direto na quantidade de anúncios exibidos.

Os anúncios exibidos não estavam diretamente relacionados ao conteúdo literário ou aos temas abordados pelas autoras, mas sim produtos que o sistema de anúncios identificou como relevantes com base em pesquisas anteriores realizadas por mim como usuária do Instagram. A interação constante com esses perfis fez com que o algoritmo do Instagram, ao personalizar as propagandas, exibisse mais anúncios baseados no meu histórico de navegação e engajamento, apresentando produtos que eu já havia pesquisado.

Tabela 8 – anúncios: outras escritoras baianas

| Dia/horário | Número de propagandas | |
|--------------|----------------------------------|-----------------------------|
| | Escritora baiana com menos de 1k | Escritora baiana com 15-30k |
| Dia 1/17h24 | 0 | 0 |
| Dia 2/15h30 | 0 | 0 |
| Dia 3/19h00 | 0 | 0 |
| Dia 4/21h02 | 0 | 0 |
| Dia 5/ 08h20 | 0 | 0 |
| Total | 0 | 0 |

Fonte: elaboração própria

O próximo grupo abrange escritoras negras sudestinas com as quais eu nunca havia interagido em seus perfis. Decidi incluí-las aqui, pois o fator regional é um aspecto central nesta pesquisa. Meu objetivo foi verificar se surgiriam diferenças ao direcionar a análise para autoras de outros estados.

Entre as escritoras sudestinas, aquela com maior número de seguidores apresentou 50 anúncios no total, o que é um número consideravelmente alto comparado aos outros grupos. Isso sugere que a localização geográfica também desempenha um papel importante na exibição de anúncios, especialmente se as autoras estão no Sudeste, que tende a atrair mais anunciantes devido ao maior número de consumidores e maior atividade na rede social.

Tabela 9 – anúncios: escritoras não baianas

| Dia/horário | Número de propagandas | |
|--------------|-------------------------------------|--------------------------------|
| | Escritora sudestina com menos de 1k | Escritora sudestina com 15-30k |
| Dia 1/19h00 | 0 | 11 |
| Dia 2/21h10 | 0 | 11 |
| Dia 3/08h30 | 0 | 9 |
| Dia 4/10h00 | 0 | 9 |
| Dia 5/ 15h30 | 0 | 10 |
| Total | 0 | 50 |

Fonte: elaboração própria

O número de anúncios, portanto, não parece estar diretamente relacionado apenas ao número de seguidores, postagens ou engajamento. Os perfis das escritoras baianas com maior número de seguidores que eu não havia interagido antes não exibiram anúncios, o que sugere que o comportamento do usuário ao interagir com esses perfis tem um papel crucial.

No entanto, a espacialidade também se mostrou importante. Escritoras do Sudeste, que eu também não havia interagido antes, com mais seguidores receberam significativamente mais anúncios, enquanto escritoras da Bahia com grandes números não receberam nenhum anúncio. Isso pode indicar que o algoritmo do Instagram prioriza exibir anúncios em perfis com alto engajamento

de pessoas que vivem em regiões com maior densidade de usuários e atividade comercial, como o Sudeste.

Escritoras e/ou influenciadoras negras baianas precisam superar as limitações do contexto local e as barreiras econômicas e sociais para conseguir visibilidade, tanto dentro da Bahia quanto fora dela. Essas escritoras, ao se estabelecerem como autoras, lidam com o desafio de estarem distantes dos grandes centros literários do Brasil, como o Sudeste, onde as redes editoriais e culturais são mais consolidadas. As escritoras da Bahia, ao se distanciarem do eixo Sul/Sudeste, enfrentam uma “periferização” (Lima, 2022) não só geográfica, mas também simbólica, que torna a publicação e a circulação de suas obras mais desafiadoras.

Essas questões de espacialidade também são visíveis nas práticas culturais das escritoras, como a utilização do Instagram. As autoras baianas, muitas vezes, têm que se tornar influenciadoras para engajar o público e vencer a limitação de espaços físicos e sociais, o que demanda um trabalho constante de autoimagem e visibilidade digital, uma tarefa adicional que pode ser mais difícil quando se vive fora da capital de poder literário do Brasil.

O processo de se afirmar como escritora no Instagram, especialmente para aquelas no contexto baiano, envolve enfrentar a marginalização e os desafios estruturais relacionados ao lugar geográfico, econômico e social, mais acentuados quando comparados às escritoras dos centros urbanos mais “importantes” do país, que possuem uma infraestrutura e um público mais amplos.

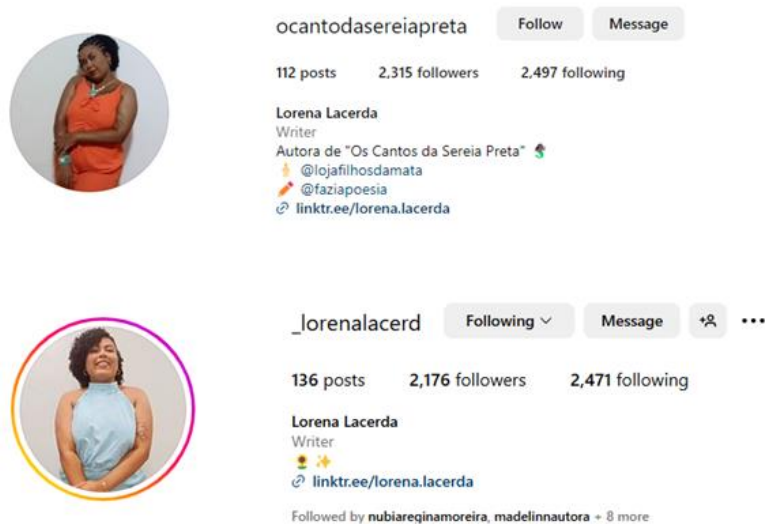
Uma das estratégias usadas para se manter relevante no Instagram é manter feeds organizados e com elementos visuais como cores específicas, poses ou roupas que atraem a atenção de um público-alvo, no caso das escritoras colaboradoras, um público feminino. A maioria dos seguidores que comentam nas publicações das escritoras são mulheres, e quanto mais hashtags as autoras utilizam, maior é o engajamento (curtidas e comentários). Isso ocorre porque o uso de hashtags amplia o alcance das postagens, especialmente quando elas estão conectadas a tendências (trends), facilitando sua descoberta por um público maior e mais diversificado.

A mudança do nome de usuário de Lorena Lacerda, que antes era “ocantodasereiapreta” – uma referência ao seu livro de poesias – para “_lorenalacerd”, pode indicar uma personalização do perfil que prioriza a figura da autora em vez da obra. ao migrar para o uso de seu próprio nome, Lorena destaca-se mais como pessoa, deixando explícita a conexão entre sua identidade e seu trabalho, algo crucial nas redes sociais, onde a personalização e a imagem pessoal muitas vezes superam o conteúdo intelectual.

Quase todas as vezes que Lorena Lacerda compartilhava um poema, ele estava na legenda de uma selfie ou foto em “estilo selfie”. E isso faz com que as pessoas interajam mais e que o poema chegue a mais pessoas. Existe uma pressão para “performar” nas redes sociais, o que leva as autoras a se adaptarem a formatos que muitas vezes não correspondem ao estilo e ao trabalho das

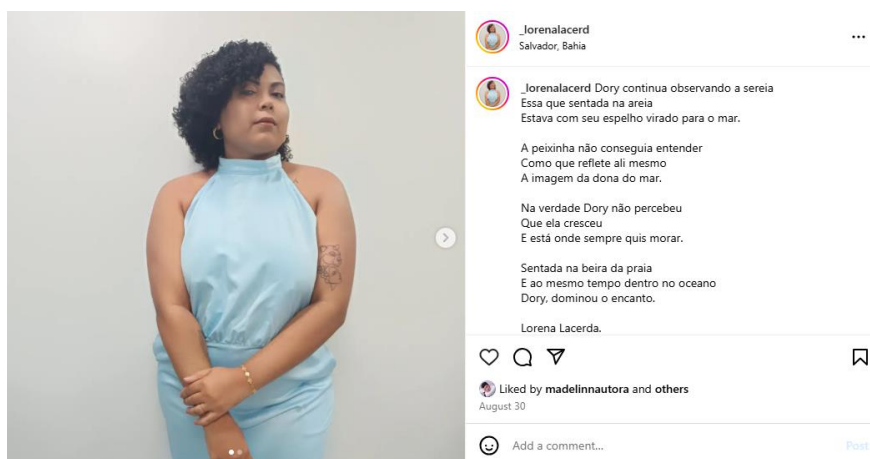
autoras. Ao invés de apenas promover suas obras, muitas escritoras precisam se engajar ativamente com aspectos visuais, audiovisuais e, às vezes, superficiais da plataforma para serem notadas.

Figura 15 – perfis de Lorena Lacerda



Fonte: @_lorenalacerd

Figura 16 – publicação de Lorena Lacerda



Fonte: @_lorenalacerd

As interações nos comentários, majoritariamente focadas em sua aparência, sugerem que seu público estava mais interessado na figura dela do que na produção literária em si. Isso é um reflexo do que muitos autores enfrentam nas redes sociais: o algoritmo favorece publicações com maior

engajamento, que frequentemente são aquelas que envolvem imagens de pessoas ou aspectos visuais.

Esse processo de priorização da imagem da autora em detrimento da obra é um fenômeno comum entre escritoras, especialmente aquelas que estão tentando se destacar no cenário competitivo e saturado do Instagram. A obra literária, muitas vezes, perde espaço para conteúdos de fácil consumo. Lorena, ao mudar o foco para seu próprio nome, talvez tenha adotado uma estratégia para navegar nesse cenário onde a figura pública é tão importante quanto o conteúdo produzido, caso contrário, ela correria o risco de ser ignorada nas dinâmicas da plataforma.

Essa mudança pode também refletir um dilema crescente entre a autenticidade e as exigências do mercado digital. As redes sociais exigem para as autoras uma performance constante, onde a imagem e a presença da autora são mais valorizadas do que as produções literárias em si, criando uma tensão entre o desejo de manter uma identidade artística e a necessidade de atender às expectativas do público e dos algoritmos para alcançar o sucesso.

No entanto, a mudança de foco para o próprio nome, pode ser resultando de uma adaptação a um mercado digital em que a autora se torna uma figura de relevância por si mesma. Ela pode estar se posicionando como uma “influenciadora literária”, onde seu trabalho e sua identidade pessoal se complementam, permitindo-lhe se destacar em um ambiente saturado e competitivo. Nesse caso, a transição do foco para a sua imagem pode ser mais uma resposta ao ecossistema das redes sociais do que uma verdadeira escolha entre autenticidade e mercado.

Apesar de todas as questões aqui colocadas, o Instagram também é um espaço para as autoras exercerem seu ativismo. Através de suas postagens, elas abordam questões sociais, culturais e políticas, utilizando sua visibilidade para gerar discussões e mobilizar seus seguidores.

Como recurso estratégico, algumas autoras fazem referencia a outras escritoras ativistas com maior visibilidade, ampliando o alcance de seu conteúdo e criando uma rede de apoio mútuo. Ao mencionar essas mulheres com maior notoriedade, elas podem aumentar a visibilidade de suas postagens, alcançar mais pessoas e, simultaneamente, se promover, associando seu perfil a causas relevantes. Isso não só potencializa o impacto de suas mensagens, mas também fortalece sua identidade como ativistas, contribuindo tanto para a autopromoção quanto para a promoção de seu trabalho e de suas causas.

Figura 17 – publicação de Jessika de Oliveira



Fonte: @soujessikadeoliveira

No início dos anos 2000, o feminismo digital era geralmente visto como um movimento dominado por pessoas brancas, de classe média alta e com formação superior, que tinham uma visão limitada das questões de gênero e raça (Collins, Bilge, 2021). Em 2025, as mulheres ativistas negras têm conquistado um espaço significativo nas redes sociais, utilizando essas plataformas para visibilizar suas lutas e ampliar suas vozes. No entanto, elas continuam enfrentando múltiplas formas de violência, tanto no ambiente online quanto no mundo físico. As agressões, os ataques racistas e misóginos são constantes, e as plataformas digitais, embora proporcionem visibilidade, também funcionam como espaços de perpetuação dessas violências.

O escrutínio acadêmico expôs as diversas maneiras pelas quais o abuso digital se imbuí de relações de poder interseccionais: não são apenas aquelas pessoas que são alvo frequente de abuso digital que estão na interseção entre várias formas de opressão, como racismo, sexismo e transfobia; os próprios autores podem ser agressores interseccionais – por exemplo, misóginos que também são abusadores domésticos e/ou racistas de extrema direita. Há interseções significativas entre a violência digital antifeminista e a racista: ativistas antifeministas e de extrema direita combatem o suposto declínio da masculinidade (branca) e da civilização ocidental e atribuem a culpa desse suposto declínio às mulheres, às minorias étnicas e raciais e à esquerda (Collins, Bilge, 2021, p. 167).

O ativismo digital de mulheres negras no Brasil surgiu como uma extensão das ações que já eram realizadas por organizações que lutavam pelos direitos das pessoas negras. Utilizando plataformas como blogs, campanhas com hashtags e redes sociais, essas mulheres passaram a divulgar informações sobre suas condições sociais e seu engajamento político, promovendo a mobilização, a educação e a participação cidadã, com o objetivo de promover mudanças sociais significativas (Barros, 2022).

No entanto, apesar do espaço digital ser fundamental para o ativismo e para a reprodução das relações de poder interseccionais (Collins, Bilge, 2021), ele também se configura como um espaço de opressão, dominado por pessoas brancas que criam algoritmos que refletem seus próprios interesses e ideologias (Silva, 2022; Faustino e Lippold, 2023). Forma-se assim um paradoxo, pois, resistimos às dinâmicas de opressão presentes nas plataformas digitais e ao mesmo tempo, nos beneficiamos dela na medida em que precisamos dela para resistir.

CAPÍTULO III

MULHERES BAIANAS FALAM POR SI MESMAS



3. MULHERES BAIANAS FALAM POR SI MESMAS

3.1 Recepção e distribuição da literatura

No geral, as autoras não costumam fazer publicações diretamente relacionadas às resenhas ou discussões sobre o conteúdo de seus livros. Entretanto, o público de Raiana Soares demonstra uma forte expectativa pela continuação de seus livros, com a presença de seguidores pedindo por sequências dos romances nas publicações.

Figura 18 – publicação de Raiana Soares



Fonte: @raianasoaresoc

Esse tipo de engajamento demonstra como os leitores se conectam emocionalmente com as obras e aguardam ansiosamente novos lançamentos, criando uma relação contínua e de cumplicidade com a autora. Em contraste, nos perfis de outras autoras, o público interage muito mais com sua imagem pública.

Muitos seguidores expressam admiração por suas conquistas, liderança e status, destacando-as não apenas pelo conteúdo literário, mas também pela representatividade e influência que elas exercem no cenário cultural e social.

Enquanto a recepção dos livros por parte dos leitores é um reflexo da conexão emocional e do impacto das obras, a distribuição das publicações é um fator determinante para ampliar essa recepção e garantir que as obras cheguem a um público mais amplo. No entanto, a distribuição das obras dessas autoras enfrenta desafios significativos, especialmente devido à falta de visibilidade e ao caráter independente de suas publicações. Esses obstáculos tornam ainda mais difícil a circulação de seus livros, limitando o alcance e dificultando o acesso de novos leitores.

No cenário atual do mercado editorial, autoras enfrentam inúmeros desafios para publicar suas obras por meio de editoras tradicionais. Esses obstáculos se intensificam para as escritoras que estão fora dos grandes centros urbanos, como é o caso de muitas autoras do interior – exemplificadas por Raiana Soares e Jessika de Oliveira, de Jequié.

A maioria das colaboradoras desta pesquisa opta por publicações independentes, que, apesar de exigirem investimentos pessoais em divulgação e distribuição, se apresentam como uma alternativa viável para a concretização e o compartilhamento de suas produções. No cenário atual do mercado editorial, autoras enfrentam inúmeros desafios para publicar suas obras por meio de editoras tradicionais. Esses obstáculos se intensificam para as escritoras que estão fora dos grandes centros urbanos, como é o caso de muitas autoras do interior – exemplificadas por Raiana Soares e Jessika de Oliveira, de Jequié.

As editoras consolidadas costumam concentrar seus quadros de ações e linhas de apoio em grandes centros, onde a estrutura cultural e as redes de contatos são mais robustas. Para autoras do interior, a distância desses polos pode significar: menor acesso a oportunidades e parcerias; falta de apoio institucional – a presença de residências artísticas, eventos literários e feiras do livro em cidades menores é mais limitada, dificultando a inserção no circuito tradicional de publicações – e custos e logística. Diante dessas barreiras, muitas autoras optam por seguir o caminho da publicação independente.

O acesso aos livros de Jessika de Oliveira e Lorena Lacerda foi um grande desafio. O livro “Festa de Aniversário” de Jessika não estava disponível em nenhuma plataforma de venda, como a Amazon, também não encontrei registros sobre ele em fóruns ou redes sociais de leitores. Curiosamente, embora os seguidores de Jessika de Oliveira a conheçam como “Jessika, a autora de Festa de Aniversário”, parece haver um distanciamento em relação à sua produção literária em si. Apesar de existirem duas publicações em seu perfil no Instagram feitas por outras pessoas mencionando o livro, os comentários e discussões sobre o conteúdo da obra são escassos na plataforma, enquanto fora dela não há nenhum registro. Isso sugere que, nesse caso, a autora em si, se sobressai à circulação efetiva de sua literatura.

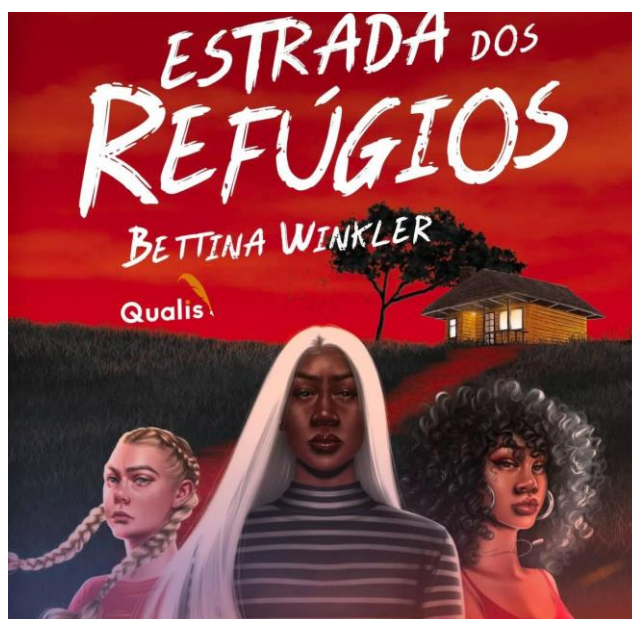
Quanto ao livro de Lorena Lacerda, ele estava disponível apenas no site da editora Opera Editorial, responsável pela publicação. No entanto, ao tentar realizar a compra, fui informada de que o livro não estava mais à venda. Esse acesso limitado pode estar relacionado ao fato de ambas estarem inseridas em contextos que muitas vezes contribuem para a invisibilidade e dificultam a distribuição de suas obras, especialmente em um mercado literário altamente centralizado.

Por esse motivo, apresentarei aqui algumas considerações acerca das publicações de apenas três autoras: “Estrada dos refúgios”, “Os olhos de Bastet” e “Ruídos de comunic(ação)”.

3.2 Sobre algumas obras das colaboradoras

“Estrada dos refúgios” de Bettina Winkler é um suspense jovem adulto que mergulha nas complexas questões da justiça, família e moralidade, colocando seus personagens em um cenário de intenso dilema ético e emocional. A trama gira em torno de Bárbara Silveira, uma adolescente que, após testemunhar o assassinato brutal de sua mãe pelo pai, se vê envolvida em uma espiral de vingança e desespero. O livro se apresenta como uma mistura de mistério e drama, com elementos de thriller psicológico, onde os limites entre o certo e o errado são constantemente questionados.

Figura 19 – print Estrada dos refúgios



Fonte: @bettwinkler

A história de Bárbara é carregada de tensão, com a jovem buscando justiça e enfrentando as consequências de seus próprios atos, o que a leva a formar uma nova “família” com Bernard Gastrell, um ex-serial killer britânico, e suas irmãs adotivas Karma e Ira. O cenário fictício de “Estrada dos Refúgios”, uma cidade no interior da Bahia, fornece uma boa base para uma narrativa cheia de reviravoltas. No entanto, a escolha de ambientar a história em uma cidade baiana, com uma comunidade que utiliza expressões e gírias locais, cria um contraste interessante entre a localização e os personagens.

A presença de estrangeiros, como Bernard e os nomes não brasileiros dos personagens, dá uma sensação de distanciamento da Bahia e de uma tentativa de criar uma atmosfera internacional, ao mesmo tempo que a linguagem genuinamente baiana e as expressões locais ancoram a história no contexto baiano. Esse contraste de culturas e linguagens pode ser interpretado de duas maneiras: por um lado, dá uma sensação de que a história busca construir um espaço globalizado, misturando

referências culturais; por outro, pode parecer que a autora não se aprofunda nas particularidades da Bahia, criando um ambiente que soa um tanto artificial em relação ao cenário local.

Tive uma sensação de distanciamento durante a leitura, onde a cidade fictícia parece mais uma configuração genérica do que uma representação fiel da Bahia. No entanto, o romance não explorar profundamente a riqueza cultural da Bahia não é necessariamente um problema, já que o perfil do Instagram da autora não tem como centralidade a representatividade baiana. Ao mesmo tempo, entendo que a presença de personagens estrangeiros, como Bernard, e de nomes não brasileiros sugere um interessante campo de trocas étnicas e culturais. Apesar do deslocamento do cenário baiano, a linguagem genuinamente baiana e as expressões locais funcionam como âncoras culturais, reafirmando as raízes do texto. É interessante observar que, se essas identidades estrangeiras fossem expressas oralmente, talvez carregassem um sotaque baiano, refletindo a cadência e o modo particular de expressão baiana presentes na linguagem do livro.

“Os olhos de Bastet” de Raiana Soares é um thriller psicológico que mistura elementos de fantasia com mistério, centrando-se na figura de Danúbia, uma jovem universitária que começa a ter experiências sobrenaturais enquanto lida com as pressões de sua vida acadêmica e pessoal. Filha de arqueólogos e estudante de história, Danúbia está imersa em um universo de artefatos e civilizações antigas, o que adiciona uma camada de profundidade histórica ao enredo. No entanto, é quando vozes, visões e uma figura misteriosa começam a invadir sua vida que a trama realmente começa a se desenrolar, levando Danúbia a questionar sua própria sanidade.

Figura 20 – print Os olhos de Bastet



Fonte: @raianasoaresoc

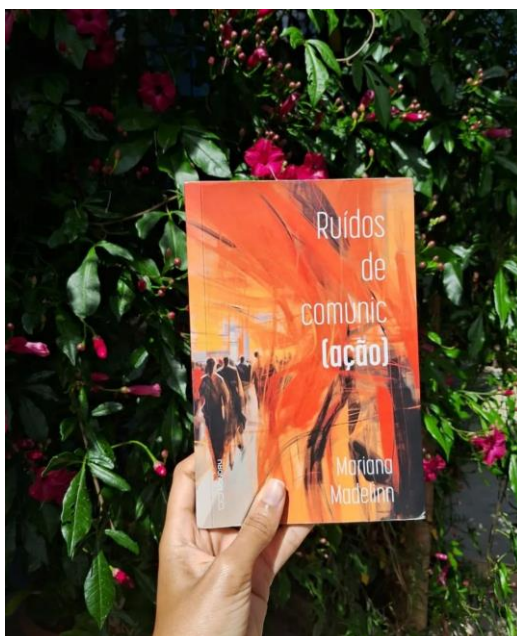
O enredo apresenta uma premissa intrigante: a jovem se vê ligada a um panteão egípcio, com elementos sobrenaturais envolvendo o Egito Antigo, misturados com uma realidade moderna, criando um cenário que oscila entre o real e o fantástico. Esse tipo de história, que explora a conexão entre o mundo atual e o místico, é um campo fértil para questões psicológicas e culturais, e o livro faz um bom trabalho ao abordar os conflitos internos de Danúbia enquanto ela tenta lidar com essas experiências. A tensão entre o que é real e o que é ilusório é um dos maiores atrativos da obra, mantendo o leitor em constante dúvida quanto à natureza dos eventos que se sucedem.

A ausência de uma caracterização clara do território é uma escolha que pode deixar o leitor se perguntando sobre o cenário em que a história realmente acontece. Embora o livro não faça uma localização explícita, sabendo que se trata de uma autora do interior da Bahia, a ambientação parece ser mais psicológica e emocional do que geográfica e socialmente ancorada, o que pode ser uma estratégia para dar à narrativa uma sensação de universalidade.

Em termos de personagens, Danúbia é uma figura interessante e multifacetada, cuja jornada de autodescoberta e enfrentamento de suas próprias inseguranças é um ponto forte do livro. A presença da figura misteriosa que se insinua em sua vida, também adiciona um elemento de mistério e suspense.

“Ruídos de Comunic(ação)” é um livro de poesias que traduz o turbilhão do cotidiano de uma mulher negra, refletindo sobre as adversidades, os desamores, os desejos e as complexas emoções de uma existência fluída e multifacetada. Mariana Madelinn, situada em Salvador, Bahia, traz à tona uma voz de resistência, que emerge entre os intervalos da vida, onde a arte se faz necessária como uma forma de sobrevivência, mas também como uma expressão de liberdade e expressão pessoal.

Figura 21 – print Ruídos de comunic(ação)



Fonte: @madelinnautora

O livro se constrói a partir de “ruídos”, como se cada poema fosse uma fragmentação das tensões da vida moderna: o barulho constante do ônibus, os momentos fugazes entre as tarefas diárias, o desconforto da falta de escuta. Nesse cenário, a autora reflete sobre como a mulher negra lida com o mundo, carregando suas dores e conquistas, e ao mesmo tempo, o peso da ancestralidade que a acompanha, com suas múltiplas camadas de significados e sentidos. O cenário baiano, vibrante e cheio de contrastes, não é diretamente descrito na obra, mas se sente no ritmo da poesia e nas questões levantadas sobre identidade, raça e gênero.

A poesia tem uma qualidade visceral e urgente, como se as palavras fossem liberadas sem filtros, como um desabafo que transcende a página. A autora se coloca como protagonista da sua própria história, e essa postura é um reflexo da crescente presença das mulheres negras na literatura, particularmente na poesia. Mulher negra escrevendo sua própria narrativa tem sido uma forma de resistência e de reescrever a história, enfrentando a invisibilidade e as estruturas de opressão que tentam silenciar suas vozes. Aqui, ela se impõe e diz: “Eu despejei tudo num bloco de notas. E estou abrindo para você, neste livro”. Este ato de compartilhar é simbólico, pois abre uma porta para a intimidade de suas vivências, ao mesmo tempo em que se coloca na posição de quem deseja ser ouvida e valorizada.

*Quero ser lida
Sem pressa
Num mundo
Mesquinho
Que corre
[...]
A sola do meu pé
E minha pisada
Pelas beiradas
Revelam a mulher
Margeada e em fuga
Que finalmente
Resolveu
Se encontrar.*

Mariana Madelinn

Um dos seus poemas diz “quero ser lida sem pressa”, o que pode significar desacelerar o processo de consumo da arte, algo que é particularmente relevante no contexto atual das redes sociais, como o Instagram, onde a poesia se encaixa em um formato que valoriza mais a quantidade e a visibilidade imediata do que a profundidade ou o tempo dedicado à leitura e reflexão. As

publicações são rápidas, e o *scroll*⁴ constante faz com que os conteúdos sejam consumidos e descartados rapidamente, sem uma verdadeira pausa para absorver seu significado.

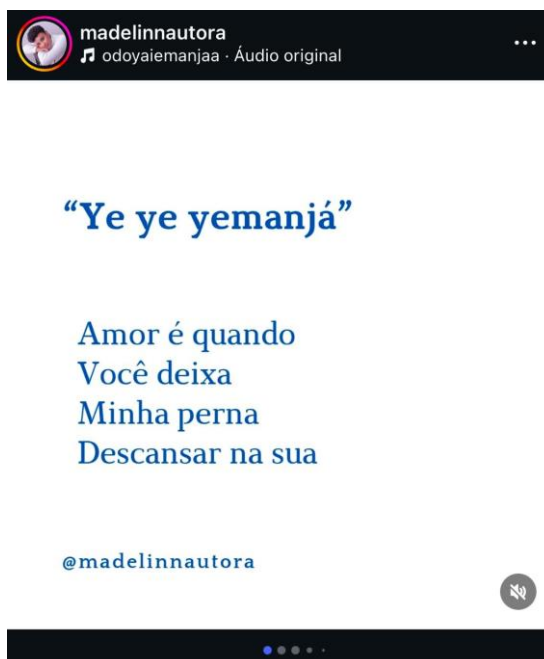
“Ruídos de Comunic(ação)” parece estar reivindicando um espaço de desaceleração, onde a poesia possa ser consumida de maneira mais lenta e contemplativa, e o leitor possa realmente entrar em sintonia com os sentimentos e as questões que ela levanta.

A escrita de mulheres negras representa uma forma de resistir ao apagamento histórico e social. Ao escrever sobre suas próprias vivências, a autora cria um espaço de autossuficiência e autenticidade, onde não precisa mais de validação externa para afirmar sua voz e seu lugar no mundo.

3.3 Breve nota sobre gênero e futuro ancestral

A maioria das colaboradoras escreve tanto em prosa quanto em poesia. Enquanto a narrativa de algumas escritoras baianas se propõe a contar histórias de resistência, de luta e de afirmação da identidade negra, a poesia surge como uma forma mais imediata de expressão e de afirmação de si (Santiago, 2012). As autoras podem recorrer à poesia por ser um gênero mais “rápido”, que não exige o mesmo tempo e esforço que um romance, por exemplo. Além disso, a poesia se adapta perfeitamente ao formato do Instagram, facilitando seu compartilhamento por meio dos posts no feed, onde sua brevidade e impacto visual se conectam diretamente com o público.

Figura 22 – publicação de Mariana Madelinn



Fonte: @madelinnautora

⁴ Movimento de descer ou subir na página da rede social.

No entanto, duas das obras analisadas aqui são de prosa. “Estrada dos Refúgios” e “Os Olhos de Bastet” são romances que rompem com a narrativa colonizadora que limita as mulheres negras a serem apenas representações de dor, tanto do ponto de vista da autoria, quanto da narrativa em si. Outras narrativas de Mariana Madelinn e Bettina Winkler, como “Ânima: ameaça virtual” e “Às margens do tempo”, podem reimaginar futuros alternativos para as populações negras, misturando ficção científica, tecnologia e ancestralidade de maneiras que não se limitam a reduzir a nossa história à violência do racismo.

A presença de ancestralidade nessas narrativas pode agir como uma ponte entre o passado e o futuro, ressignificando a relação entre os personagens negros e suas raízes. Em vez de tratar a ancestralidade como algo restrito ao sofrimento histórico, ela pode ser colocada no centro de um futuro em que as culturas negras, as sabedorias ancestrais e as tecnologias avançadas coexistem, proporcionando novas formas de resistência, inovação e autossuficiência para essas comunidades.

NOTAS FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi preciso alterar os objetivos propostos, em resposta às demandas emergentes durante o trabalho de campo. Todos os objetivos foram cumpridos, ainda que os caminhos percorridos tenham desviado das minhas expectativas iniciais. A investigação sobre como as escritoras negras baianas utilizam o Instagram para divulgar sua produção literária revelou que a plataforma, longe de ser apenas um espaço de publicação de textos, se configura como um território de negociações identitárias, em que a literatura divide espaço com práticas de engajamento, autopromoção e construção de marca pessoal.

Durante esse tempo de pesquisa, registrei e analisei os conteúdos publicados por Bettina, Jéssika, Lorena, Mariana e Raiana no Instagram e, logo no início da pesquisa de campo, percebi que não encontraria aquilo que eu esperava encontrar quando delimitiei os objetivos. Minha expectativa inicial era de que os perfis das autoras colaboradoras fossem predominantemente espaços de divulgação literária, repletos de reflexões sobre escrita e interações voltadas para a literatura. No entanto, ao me aprofundar no acompanhamento desses perfis, fui confrontada com uma realidade diferente: escrever virou um caminho de autopromoção para se destacar como influenciadora na rede social. Compreendi na prática que a pesquisa de campo transforma não apenas o objeto observado, mas também o próprio pesquisador. Como aponta Geertz (1989), o antropólogo, ao imergir nos signos e práticas culturais de uma sociedade, interpreta a realidade do outro enquanto simultaneamente reconstrói suas próprias categorias de compreensão. Nesse processo, a neutralidade se dissolve, e a experiência de campo torna-se, muitas vezes, um espaço de deslocamento. Essa mudança não invalidou meu percurso de pesquisa, mas ampliou meu olhar, permitindo-me compreender que a presença literária das autoras negras baianas no Instagram é indissociável das estratégias digitais que adotam para existir nesse espaço e, com isso, investiguei os desafios estruturais, regionais e tecnológicos que influenciam a visibilidade e o engajamento dessas autoras na plataforma, considerando os impactos do racismo algorítmico e da dinâmica capitalista.

Também avaliei o papel do Instagram na recepção e distribuição da literatura feminina negro-baiana, discutindo suas limitações e potencialidades enquanto espaço de resistência e transformação no campo literário. Percebi, com isso, que, de modo geral, os livros das autoras selecionadas como colaboradoras desta pesquisa apresentam baixa acessibilidade. De todos os títulos publicados por elas, consegui adquirir exemplares apenas de Bettina, Mariana e Raiana. Algumas delas não dispõem de seus livros (físicos ou e-books) para aquisição e nem mesmo possui cadastro em redes sociais voltadas para leitores, como o “Skoob”, que poderiam ser ferramentas valiosas para a divulgação e alcance de suas obras. A dificuldade em encontrar os livros das autoras

selecionadas para a pesquisa reflete desafios estruturais que afetam escritoras negras, especialmente no contexto baiano. Essa escassez está relacionada à falta de recursos financeiros para a ampla distribuição das obras, à limitada visibilidade na mídia, que muitas vezes prioriza autores e narrativas já consolidadas, e ao fator racial, que ainda impõe barreiras ao reconhecimento e valorização de escritoras negras no mercado editorial.

É possível verificar que a literatura digital possui diferenças relevantes em relação à literatura tradicional, tanto quanto a sua recepção, quanto pela intenção do autor, que dentro das redes sociais não quer apenas ser lido, mas espera, além disso, a interação com o público. Também se verifica por meio do racismo algorítmico, ou seja, o comportamento dos algoritmos de forma racista com pessoas não brancas através de diversos seguimentos tecnológicos (Araújo, 2022), que o sujeito feminino subalternizado (Spivak, 2010) permanece silenciado, em relação a sujeitos hegemônicos. No entanto, sujeitos subalternizados que resistem aos algoritmos racistas, revelam sua escrita por meio do Instagram usando novas maneiras de expressividade, o que torna a sua literatura distinta. Nesse cenário, a interseção entre etnia e gênero se revelou uma marca fundamental da literatura negro-feminina nas redes sociais. As escritoras negras baianas enfrentam não apenas os desafios estruturais do mercado literário, mas também as barreiras impostas pelo racismo algorítmico, que limita seu alcance e visibilidade. Ainda assim, essas mulheres continuam a produzir e compartilhar suas narrativas, reafirmando suas identidades e criando espaços de resistência digital.

A pesquisa demonstra que o campo da literatura feminina negro-baiana, quando abordado dentro do contexto digital, possui uma complexidade que ultrapassam as definições convencionais de literatura. A questão da territorialidade também emergiu como um ponto crucial, considerando as limitações de não estar nos grandes centros do país. A autodefinição como “autoras do sol” revela uma afirmação étnica que ultrapassa a escrita em si. As autoras do sol emergem como um exemplo vivo de como a etnicidade e o território podem constituir uma identidade literária singular. Ao se autodenominarem dessa forma, as escritoras de Jequié não apenas reivindicam um pertencimento geográfico, mas também afirmam sua identidade étnica em um contexto marcado pela desigualdade de visibilidade em relação às autoras da capital.

Embora o Instagram seja uma plataforma comercializada com interesses neoliberais, ele também funciona como um campo de resistência, no qual essas escritoras têm o poder de criar um espaço de visibilidade para suas obras e suas identidades. No entanto, embora o Instagram ofereça um espaço de visibilidade, ele também impõe barreiras que dificultam nossa presença genuína.

Ficou evidente para mim, ao concluir a pesquisa, que precisamos lutar contra os algoritmos racistas e as dinâmicas de visibilidade, enquanto ao mesmo tempo dependemos da plataforma para continuar a nossa resistência. As dificuldades estruturais que as mulheres negras enfrentam nesse

ambiente, longe de serem apenas obstáculos técnicos, são uma continuidade das limitações impostas pela sociedade. Mesmo tendo criado uma plataforma de resistência, o algoritmo nos mantém muitas vezes em uma caixa invisível. O que temos hoje é uma forma de imperialismo que não se expressa mais pela ocupação física de territórios, mas através da extração massiva de dados, que alimentam algoritmos e sustentam um sistema global de controle baseado em plataformas digitais.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a abordagem netnográfica se mostrou pertinente para compreender essas dinâmicas. A interlocução com autores como Christine Hine (2020), Tarcízio Silva (2022) e Ana Rita Santiago (2012) possibilitou uma análise mais aprofundada das relações entre literatura, gênero, etnicidade e tecnologia. A escolha da netnografia permitiu não apenas observar as postagens, mas também acompanhar as transformações nos perfis das colaboradoras ao longo do tempo, destacando como as estratégias digitais são ajustadas em resposta às exigências da plataforma e às demandas do público.

Ao concluir a pesquisa, refletindo sobre todo o processo de investigação e as experiências que me atravessam enquanto mulher negra, percebi como o caminho da escrita se entrelaça profundamente com minha história pessoal e coletiva. “Nunca estivemos destinadas a sobreviver”; contudo, resistimos. Ao escrever, ao compartilhar nossas vozes, rompemos o silêncio que nos foi imposto, buscamos ocupar os espaços que nos foram negados e transformamos nossos perfis online em territórios de afirmação e visibilidade.

Sigo acreditando no poder transformador da literatura e no poder das mulheres negras baianas, cujas vozes ecoam nos terreiros, nos quilombos, nas ruas e nas universidades. Essas escritoras, com suas palavras e suas narrativas, desafiam as estruturas de poder, resistem ao silenciamento e reescrevem a história de seus corpos e territórios, e ainda se reinventa na “digitalidade”, mantendo-se fiel à sua ancestralidade e à luta por justiça e visibilidade.

Nas redes sociais, a promessa de democratização do acesso à informação e ao reconhecimento muitas vezes esbarra nas mesmas barreiras existentes no mundo real. Autoras negras, mulheres de regiões periféricas ou de áreas menos centralizadas, por exemplo, enfrentam menor visibilidade não apenas por conta dos conteúdos que produzem, mas também por como suas identidades e contextos socioculturais são percebidos e tratados dentro das plataformas. Essas redes acabam espelhando os vieses e exclusões estruturais que já existem, criando um ciclo em que o acesso à notoriedade e às oportunidades se torna desigual.

Por fim, este texto de dissertação reforça a importância de olhar para a literatura feminina negro-baiana em sua complexidade, considerando não apenas os textos publicados, mas também as condições sociotecnológicas que moldam sua produção e circulação. Que este trabalho, ao reconhecer as potências e os desafios enfrentados pelas escritoras negras baianas no ambiente

digital, possa contribuir para novas investigações que ampliem ainda mais o campo de estudos sobre literatura, gênero, etnicidade e tecnologia.

REFERÊNCIAS

- ACUÑA, Mauricio. Etnicidade. In: RIOS, Flávia et al (org.). *Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 138-142.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGUIAR, Christiano. A crítica literária na internet: literatura contemporânea brasileira e valores literários nas críticas de booktubers. In: *ANAIS do XV Congresso Internacional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro:[sn]. 2017. Disponível em: <https://www.abralic.org.br/anais-artigos/?id=1820>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio: apresentando Spivak. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2010. p. 7-18.
- ANZALDÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021. 255 p. Tradução de tatiana nascimento.
- APPSORTEOS: Calculadora de Taxa de Engajamento do Instagram. Disponível em: <https://app-sorteos.com/pt/apps/calculadora-taxa-engajamento>. Acesso em: 27 jan. 2024.
- ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira. *Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens*. 2016. 341 f. Tese (Doutorado) - Curso de Conhecimento e Inclusão Social em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-APCPUR>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- ARAÚJO, Taiwô Prudêncio. *Racismo algorítmico e seu impacto em influenciadores digitais negros no Instagram, Twitter e TikTok*. Porto Alegre, 2022. 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/253779>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- AU-YONG-OLIVEIRA, Manuel et al. Instagram, Facebook e YouTube: quem é mais eficaz na sua publicidade?. *Revista Ibérica De Sistemas e Tecnologias De Informação*, n. E34, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/8c97c289da79d53f70e8c63487d09641/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1006393>. Acesso em: 28 jan. 2025.
- BACELAR, Ananda Silveira. *A construção de carreiras de influenciadoras digitais: uma abordagem netnográfica em perfis dos nichos fitness e moda*. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFLA_fac0bf2176a7d1b11530b373eac5b937. Acesso em: 28 jan. 2025.
- BARBOSA, Pedro. Ciberliteratura, inteligência artificial e criação de sentido. *Arte, Comunicação & Semiótica*. Porto, Edições UFP, 2002. Disponível em: https://po-ex.net/artigos/pedro-barbosa_ciberliteratura-ia-e-criacao-sentido.pdf. Acesso em: 18 jan. 2025.
- BARROS, Zenilda. Ativismo feminista negro em tempos de imersão tecnológica digital e capitalismo de vigilância. In: REIS, Alane et al (org.). *Narrativas transatlânticas de mulheres negras: beatriz nascimento*. Salvador: Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras, 2022. p. 221-232.
- BENTO, Oluwa Seyi Salles. A literatura cada vez mais digital: a presença de escritoras e iniciativas culturais no meio virtual durante o distanciamento social. *Revista Crioula*, n. 27, p. 81-96, 2021. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=jLJp5eMAAAAJ&hl=pt-BR&oi=sra>. Acesso em: 17 jan. 2025.

- BERLITZ, Débora Koch; RAUBER, Luis Henrique. Marketing de influência e engajamento: uma análise do perfil da jade seba no instagram. In: RUBLESCKI, Anelise (org.). *Trilhas e caminhos: pesquisa em comunicação*. Novo Hamburgo: Feevale, 2019. p. 8-29. Disponível em: <http://www.feevale.br/editora>. Acesso em: 28 jan. 2024.
- BORGES, Carla Luzia Carneiro; AMORIM, Edna Ribeiro Marques. Literatura e resistência: uma leitura foucaultiana da poesia de mulher negra. *Interfaces*, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 126-141, 2021. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.5935/2179-0027.20210052>. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6974. Acesso em: 09 jan. 2024.
- CLIFFORD, Geertz. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial, 2021.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo editorial, 2019.
- COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso et al (org.). *Produção científica: um guia prático*. São Paulo: Usp, 2022. p. 130-165. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/23917/2/Como_escrever_um_artigo_de_revisao_sistemica_um_guia_atualizado.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. 151 p.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de conceição evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-48. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso em: 06 out. 2023.
- _____. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, [s. l], v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 06 out. 2023.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. Boitempo Editorial, 2023.
- FELISBERTO, Fernanda; MIRANDA, Fernanda. Literatura negra. In: RIOS, Flávia et al (org.). *Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2023. p. 217-221.
- FÉLIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. Cap. 6. p. 135-154.
- FERRAZ, Claudia Pereira. A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para Estudos Qualitativos em Mídias Online. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 46-69, jun./jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/44648>. Acesso em: 06 out. 2023.

- GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista ciências sociais hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4928667/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf. Acesso em: 04 jan. 2024.
- GUIMARÃES, Myla Cristina. *FANFICS E NEGRITUDE: a representatividade na autoria de escritoras negras*. 2023. 83 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/21441>. Acesso em: 09 jan. 2024.
- HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Organicom*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-42, 2020. Tradução de: Carolina Parreiras e Beatriz Accioly Lins. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/181370>. Acesso em: 06 out. 2023.
- INSTAGRAM. *How Instagram Feed Works*. Disponível em: [https://help.instagram.com/1986234648360433/?helpref=hc_fnav&bc\[0\]=Ajuda%20do%20Instagram&bc\[1\]=Como%20usar%20o%20Instagram](https://help.instagram.com/1986234648360433/?helpref=hc_fnav&bc[0]=Ajuda%20do%20Instagram&bc[1]=Como%20usar%20o%20Instagram). Acesso em: 05 jan. 2024.
- _____. *Introducing Instagram Reels*. 2020. Disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/introducing-instagram-reels-announcement>. Acesso em: 05 jan. 2024.
- KIRCHOF, Edgar Roberto; RUSSINI, Augusto. Mediadores e intermediários da leitura literária na era digital. *ANTARES: Letras e Humanidades*, v. 15, n. 36, p. 1-26, 2023. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/11258>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LIMA, Lílian Almeida de Oliveira et al. *Retratos da literatura baiana contemporânea: (2000-2014)*. Bahia: Edufba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35315>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- LINKTREE. *The Linktree Blog*. 2024. Disponível em: <https://linktr.ee/blog/>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MARCELO, Valter Luiz dos Santos. *Jequié: Dinâmicas e Retrações Urbanas*. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2020. Disponível em: <https://ri.ucs.br/items/c0f28af1-6f42-4dfb-a5f3-c48ffa9d0112>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- MARQUES, Karolaine. *Engajamento no Instagram: 16 truques para crescer em 2023!. 16 Truques Para Crescer em 2023!*. 2022. Disponível em: <https://blog.copfy.com.br/engajamento-no-instagram-16-truques-para-crescer-em-2023/>. Acesso em: 31 jan. 2024.
- MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. 310 p.
- NASCIMENTO, Larissa Silva. *Autoras Periféricas em Mídias Alternativas*. 2018. 255 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7001331. Acesso em: 09 jan. 2025.

- NEITZEL, Adair de Aguiar. Ciberliteratura: arte ou armazém?. *Contrapontos*, v. 6, n. 02, p. 249-261, 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1984-71142006000200004&script=sci_abstract. Acesso em: 18 jan. 2025.
- NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. *Mulheres baianas nas artes de escrita: tessituras de experiências, memórias e outras histórias (1926-1960)*. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-18082016-121955/en.php>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- NOVELI, Marcio. Do Off-line para o Online: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a internet?. *Revista Organizações em Contexto*, São Bernardo do Campo, p. 107-133, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5342/534256505005.pdf>. Acesso em: 06 out. 2023.
- OLIVEIRA, Tauani Susi da Silva Marques de. *REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO INSTAGRAM: análise narrativa dos comentários do feed de nataly neri, preta gil e talíria petrone no dia da consciência negra*. 2020. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/15825>. Acesso em: 05 jan. 2025.
- OUTEIRINHO, Fátima. Culturas literárias e cultura digital: percursos, cruzamentos, desafios. *Carnets. Revue électronique d'études françaises de l'APEF*, n. Première Série-1 Numéro Spécial, p. 163-172, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/carnets/3722>. Acesso em: 03 jan. 2025.
- PECINATO, Beatriz. *Jornal da USP*. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=713709>. Acesso em: 18 jan. 2025.
- RAMOS, Penha Élide Ghiotto Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. *Texto Digital: Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2018v14n2p117>. Acesso em: 03 jan. 2025.
- ROCHA, Rejane Cristina. Contribuições para uma reflexão sobre a literatura em contexto digital. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 36, p. 160-186, 2014. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/680>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. Cap. 5. p. 113-134.
- SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Edufba, 2004.
- SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Bahia: UFRB, 2012. 260 p. Disponível em: <https://www1.ufrb.edu.br/editora/component/chronoforms5/?chronoform=ver-livro&id=28>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- SANTOS, Cleber Lúcio Sousa; MOREIRA, Núbia Regina; GOMES, Talita. Carolina vai às escolas: produzindo currículo antirracista no interior da Bahia. *Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, p. 27-48, 2024. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1931>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- SANTOS, James Rios de Oliveira; VALE, Rosiney Aparecida Lopes do. Crítica literária negra: o estado da questão. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 70, p. 01-12, jan.

2023. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/elbc/a/Qc84qqLrKhTQB9Y6ZRpWtyD/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SILVA, Danielle de Luna e. Filha, diga o que vê: sopro ancestral e escrita feminina afro-brasileira. In: SACRAMENTO, Dayse; BARBOSA, Manoela; MOREIRA, Nubia Regina (org.). *Insubmissão intelectual de mulheres negras nordestinas*. 2. ed. Salvador: Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras, 2022. p. 57-68.

SILVA, Fernanda Santos. Uma perspectiva pós-colonial da literatura e ciberliteratura afrofeminina. In: NASCIMENTO, Marcela Regina Vasconcelos da Silva et al (org.). *Mulher, identidade & discurso: visões plurais*. Tutóia: Diálogos, 2022. Cap. 4, p. 63. (V. 2). Disponível em: <https://www.editoradiálogos.com/livros/mulher-identidade-e-discurso-visoes-plurais-v-2/>. Acesso em: 09 jan. 2025.

SILVA, Tarcízio. *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. São Paulo: Edições Sesc, 2022. 207 p. Disponível em: <https://www.kobo.com/br/pt/ebook/racismo-algoritmico>. Acesso em: 09 out. 2023.

SILVESTRE, Simone Michelle. *Sobre o que é ser escritor no discurso de Ana Maria Machado*. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, [s.n.], 2007. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/416108>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 174 p. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. L & PM, 2015.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

CONVIDAMOS o(a) senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção e, se você estiver de acordo, rubriche as primeiras páginas e assine na linha “Assinatura do participante”, no ponto 8.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Fernanda Santos Silva

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: Nubia Regina Moreira/Fernanda Santos Silva

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

| |
|---|
| 2.1. TÍTULO DA PESQUISA Literatura negro-feminina digital e baiana: uma escrita ainda marginalizada ou enfim livre? |
| 2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa): Acreditamos que a literatura pode contribuir para a eliminação do racismo, através da estética, da reflexão e do ativismo. A literatura negro-feminina baiana é a representação das experiências das mulheres negras vivendo na Bahia. Todas as especificidades dessas vivências estão explícitas em sua escrita. Esta pesquisa pretende desmitificar a ideia de que existe igualdade étnica e de gênero na internet, assim como valorizar e dar visibilidade às escritas das mulheres negras baianas. |
| 2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos): O objetivo geral desta pesquisa é discutir os desafios e implicações de uma literatura feminina e negra no interior e na capital da Bahia, considerando as inovações tecnológicas da contemporaneidade. Especificamente, pretende-se demonstrar que a ideologia colonial/racista ainda existe e é o que mantém a literatura negro-feminina marginalizada, além de investigar como a dinâmica do Instagram afeta a sua escrita. |

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

| |
|---|
| 3.1 O QUE SERÁ FEITO: Primeiro, você vai responder a um questionário apenas para confirmar alguns aspectos sobre a sua identidade. Depois, sua conta do Instagram, que deverá permanecer pública até o final da pesquisa, será observada pela pesquisadora, que poderá fazer alguns registros de imagens. Não haverá interferência da pesquisadora no conteúdo da sua conta, a observação será feita durante |
|---|

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Página 1

dois ou três meses, de forma não participante, assim como qualquer seguidor comum, no entanto, sem qualquer tipo de interação.

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

Toda a observação será realizada de forma virtual, através da conta pessoal da pesquisadora.

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

Para a participante, será preciso apenas 2 minutos, em média, para a resposta ao questionário.

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO MODERADO ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

O máximo que poderá acontecer será algum desconforto ao responder algumas perguntas sobre gênero e etnia, por exemplo, no questionário. Isso poderá gerar questionamentos sobre identidade.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Os formulários que serão enviados às participantes serão criados de forma que minimize qualquer desconforto que venha a ocorrer durante seu preenchimento.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

É intenção desta pesquisa dar visibilidade às escritoras baianas negras, divulgando a sua escrita.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

Esta pesquisa pretende também contribuir, a partir de seus resultados, para a construção de políticas públicas que combatam o racismo algorítmico na internet, tornando mais visível a literatura das mulheres negras baianas.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: *Nenhum dos dois.* A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: *O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.*

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: *Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.*

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: Não. Você só precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum.

6.7. O que acontecerá com os dados que você fornecer nessa pesquisa?

R: Eles serão reunidos com os dados fornecidos por outras pessoas e analisados para gerar o resultado do estudo. Depois disso, poderão ser apresentados em eventos científicos ou constar em publicações, como Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, artigos em revistas, livros, reportagens, etc.

6.8. Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Em geral, não. O(A) pesquisador(a) tem a obrigação de garantir a sua privacidade e o sigilo dos seus dados. Porém, a depender do tipo de pesquisa, ele(a) pode pedir para te identificar e ligar os dados fornecidos por você ao seu nome, foto, ou até produzir um áudio ou vídeo com você. Nesse caso, a decisão é sua em aceitar ou não. Ele precisará te oferecer um documento chamado "Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos". Se você não aceitar a exposição ou a divulgação das suas informações, não o assine.

6.9. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.

6.10. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Há, também uma cartilha específica para tratar sobre os direitos dos participantes. Todos esses documento podem ser encontrados no nosso site (www2.uesb.br/comitedeetica).

6.11. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: **Fernanda Santos Silva**
Endereço: **Rua João Rosa, s/n, Pau Ferro, Jequié/BA.**
Fone: (73) 3526-2669 / **E-mail:** nmdslv1@gmail.com.

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)
Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.
Fone: (73) 3528-9727 / **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br
Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 17:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

- em participar do presente estudo;
 com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

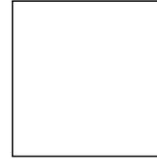
JEQUIÉ,

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Página 3

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



Impressão Digital
(Se for o caso)

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

JEQUIÉ.

Assinatura do(a) pesquisador

Página 4

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Anexo 2 – Termo de autorização para uso de imagens e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

(Modelo aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

| | |
|---------------------------------|---|
| TÍTULO DA PESQUISA: | Literatura negro-feminina digital e baiana: uma escrita ainda marginalizada ou enfim livre? |
| PESQUISADOR RESPONSÁVEL: | Fernanda Santos Silva |

Estando ciente, esclarecido e assegurado quanto:

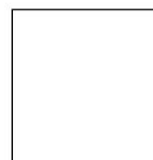
- aos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios referentes ao estudo acima apontado, tal como consta nos Termos de Consentimento e/ou Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE e/ou TALE);
- a inexistência de custos ou vantagens financeiras a quaisquer das partes envolvidas na pesquisa; e
- o cumprimento das normas pertinentes, leia-se, Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde; Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei N.º 8.069/ 1990), Estatuto do Idoso (Lei N.º 10.741/2003) e Estatuto das Pessoas com Deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004),

AUTORIZO, através do presente documento, e **CONSINTO COM A UTILIZAÇÃO**, em favor dos membros e assistentes da pesquisa acima indicada, apenas para fins de estudos científicos (livros, artigos, slides e transparências), a captura e utilização de fotos e de de gravações (sons e imagens)

- da minha pessoa
 do indivíduo pelo qual sou responsável

Jequié,

Assinatura do(a) participante (e/ou do seu responsável)



Impressão Digital
(Se for o caso)

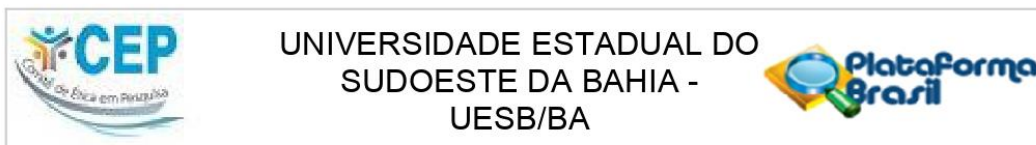
Assinatura do(a) pesquisador

Página 1

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

Anexo 3 – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LITERATURA NEGRO-FEMININA: UMA ESCRITA AINDA MARGINALIZADA OU ENFIM LIVRE?

Pesquisador: Fernanda Santos Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 75419323.1.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.501.614

Apresentação do Projeto:

Segundo as autoras:

“Partindo do pressuposto de que, apesar da chamada revolução tecnológica e de informação, as redes sociais não rompem com a ideologia colonialista que não permite com que as escritoras negras contemporâneas, especialmente as escritoras do interior da Bahia, sejam ouvidas e aceitas, indicando dessa forma que o aumento exponencial do uso das redes sociais, principalmente do Instagram, só beneficia quem já está numa posição de privilégio, o que acaba confirmando o pensamento de Gayatri Spivak (2010) quando afirma que o subalterno jamais será ouvido enquanto estiver inserido numa lógica colonialista, esta pesquisa tem como objetivo central investigar como as escritoras negras baianas usam o Instagram para escrever e/ou divulgar a sua escrita, por meio da análise do conteúdo publicado no feed dos seus perfis no Instagram, e quais as consequências de ser uma mulher negra, especialmente do interior da Bahia, buscando reconhecimento e alcance dentro desse espaço virtual. Apoiando-se nos estudos pós-estruturalistas, a etnografia virtual será utilizada como meio para que sejam realizadas observações assistemáticas e estruturadas dos perfis das participantes selecionadas para produção dos dados”.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 6.501.614

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar como as escritoras negras baianas usam o Instagram para escrever e/ou divulgar a sua escrita, por meio da análise do conteúdo publicado no feed dos seus perfis, e quais as consequências de ser uma mulher negra, especialmente do interior da Bahia, buscando reconhecimento e alcance dentro desse espaço virtual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

“Partindo do pressuposto de que toda pesquisa estabelece um certo grau de risco aos participantes, os formulários que serão enviados às participantes serão criados de forma que minimize qualquer desconforto que venha a ocorrer durante seu preenchimento. Ainda assim, algumas perguntas sobre gênero e etnia, por exemplo, pode gerar questionamentos sobre identidade, o que pode levar a participante a mudar seu pensamento a respeito de sua visão sobre si mesma.”

Benefícios:

“Esta pesquisa pretende contribuir, a partir de seus resultados, para a construção de políticas públicas que combatam o racismo algorítmico na internet, tornando mais visível a literatura das mulheres negras baianas. Também é intenção desta pesquisa dar visibilidade às escritoras baianas negras, divulgando a sua escrita”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa de Mestrado na Área de Ciências Humanas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), UESB Campus de Jequié– Bahia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2230602.pdf OK

Projeto.pdf OK

Declaracao_de_compromissos_para_pesquisas_com_serres_humanos.pdf OK

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 6.501.614

Folha_de_rosto.pdf OK

Orcamento.pdf OK

Cronograma.pdf OK

Apendice_A_Formulario_de_pesquisa.pdf OK

Apendice_B_Termo_de_autorizacao_para_uso_de_imagens_e_depoimentos.pdf OK

Apendice_C_Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_TCLE.pdf OK

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Projeto de pesquisa apresentado pela Pesquisadora Fernanda Santos Silva não possui pendências éticas. Desta forma, somos de parecer favorável à execução do mesmo.

No entanto, este Comitê orienta que durante a execução do projeto e ao seu final o/a pesquisador/a deve estar atento/a às seguintes orientações:

1) Relatórios:

- Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

2) Emendas

- Para realizar alterações de quaisquer sorte (acrescentar membros/assistentes, alterar um instrumento ou inserir um campo de coleta, mudar aspectos metodológicos, etc) em projetos já aprovados, você precisará submeter uma "EMENDA" para avaliação do CEP.

As instruções para tanto estão nas páginas 67 a 78 do Manual do Pesquisador da Plataforma Brasil.

Mas cuidado! Emendas não podem fazer mudanças profundas, que descaracterizem o projeto em execução.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA -
UESB/BA



Continuação do Parecer: 6.501.614

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião realizada no dia 10/11/2023, por videoconferência, autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB acatou o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-----------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2230602.pdf | 20/10/2023 19:05:18 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto.pdf | 20/10/2023 19:04:23 | Fernanda Santos Silva | Aceito |
| Outros | Declaracao_de_compromissos_para_pesquisas_com seres humanos.pdf | 20/10/2023 19:02:25 | Fernanda Santos Silva | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_rosto.pdf | 20/10/2023 19:00:35 | Fernanda Santos Silva | Aceito |
| Orçamento | Orcamento.pdf | 20/10/2023 15:13:18 | Fernanda Santos Silva | Aceito |
| Cronograma | Cronograma.pdf | 20/10/2023 15:09:06 | Fernanda Santos Silva | Aceito |
| Outros | Apendice_A_Formulario_de_pesquisa.pdf | 20/10/2023 15:07:06 | Fernanda Santos Silva | Aceito |
| Outros | Apendice_B_Termo_de_autorizacao_para_uso_de_imagens_e_depoimentos.pdf | 20/10/2023 15:06:12 | Fernanda Santos Silva | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Apendice_C_Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_TCLE.pdf | 20/10/2023 15:02:21 | Fernanda Santos Silva | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br

APÊNDICES

Apêndice 1 – Questionário online de pesquisa

Questionário de pesquisa

Olá, escritora! Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa "Literatura negro-feminina digital e baiana: uma escrita ainda marginalizada ou enfim livre?" Este questionário possui duas sessões. Na primeira, gostaria de obter algumas informações pessoais suas e sobre o seu perfil no Instagram. Na segunda, estão disponibilizados um termo de consentimento livre e esclarecido e um termo de autorização de imagens que você pode lê-los e assiná-los, caso concorde.

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. Qual é o seu nome? *

2. Qual é a sua idade? *

Marcar apenas uma oval.

Menos de 18 anos

18 a 35 anos

Mais de 35 anos

3. Qual é o seu "@@" no Instagram? *

4. Seu perfil no Instagram é público? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

5. Há quanto tempo você possui seu perfil no Instagram? *

Marcar apenas uma oval.

- Menos de um ano
- Mais de um ano

6. Qual é a sua identidade de gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Mulher cis
- Mulher trans
- Outro
- Prefiro não responder

7. Qual é a sua orientação sexual? *

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Lésbica
- Bissexual
- Assexual
- Pansexual
- Outro
- Prefiro não responder

8. A que etnia você pertence? *

Marcar apenas uma oval.

- Negra
- Branca
- Outro
- Prefiro não responder

9. Em qual cidade você nasceu? *

10. Em qual cidade você mora atualmente? *

11. Você possui um ou mais livros publicados? Se sim, qual editora publicou o(s) seu(s) livro(s)? *

Para visualizar o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)** e o **Termo de autorização para uso de imagens e depoimentos**, clique nos links abaixo:

https://drive.google.com/file/d/18nVxbG0Hr8yqj88w40Giz5-AxrDXH58U/view?usp=drive_link

https://drive.google.com/file/d/1j3Tc8ZTy2Tw8tbcXpxAMwWF9M9vNzhP/view?usp=drive_link

12. Você concorda com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

13. Você concorda com o Termo de autorização para uso de imagens e depoimentos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

Apêndice 2 – Registros do campo

Documento Google:

<https://docs.google.com/document/d/1sB8g1V226H26flUQliGsKgJZVY5OQ9TK/edit?usp=sharing&oid=103447352765567665531&rtpof=true&sd=true>